

## **A. LÍNGUA, COMUNIDADE LINGUÍSTICA, VARIAÇÃO E MUDANÇA**

### **A.1. Língua e comunidade linguística**

#### **A.1.1. Comunidade e falante**

Comunidade linguística  
Falante  
Competência linguística  
Competência metalinguística

#### **A.1.2. Estatuto das línguas**

Língua oficial  
Língua materna  
Língua segunda, L2  
Língua estrangeira

### **A.2. Variação e normalização linguística**

#### **A.2.1. Variação**

Variedades geográficas  
Variedades do português  
Variedade europeia  
Variedade brasileira  
Variedades africanas

Variedades sociais  
Variedades situacionais  
Variação histórica

#### **A.2.2. Normalização linguística**

Língua padrão

### **A.3. Contacto de línguas**

Substrato  
Superstrato  
Adstrato

Bilinguismo  
Multilinguismo  
Crioulo

Crioulos de base lexical portuguesa

### **A.4. Mudança linguística**

#### **A.4.1. Factores e tipos de mudança**

Factores internos  
Factores externos  
Tipos de mudança  
Mudança regular  
Mudança irregular  
Gramaticalização

#### **A.4.2. História do português**

Português antigo  
Português clássico  
Português contemporâneo

#### **A.4.3. Etimologia e genealogia linguística**

Famílias de línguas  
Etimologia  
Étimo  
Palavras divergentes  
Palavras convergentes

## **B. LINGUÍSTICA DESCRITIVA**

### **B.1. Fonética e Fonologia**

#### **B.1.1. Sons e fonemas**

Fonema  
Vogal  
Semivogal  
Consoante

##### B.1.1.1. Caracterização dos sons

Modo de articulação  
Ponto de articulação

##### B.1.1.2. Sequências de sons

Ditongo  
Grupo consonântico  
Hiato

#### **B.1.2. Prosódia/Nível prosódico**

##### B.1.2.1. Características acústicas

Altura  
Duração

Intensidade

B.1.2.2. Sílaba

*Formatos de sílaba:*

Sílaba aberta

Sílaba fechada

*Propriedades acentuais das sílabas:*

Sílaba tónica

Sílaba átona

*Classificação das palavras quanto ao número de sílabas:*

Monossílabo

Dissílabo

Trissílabo

Polissílabo

B.1.2.3. Acento

*Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica:*

Palavra aguda

Palavra grave

Palavra esdrúxula

*Propriedades acentuais das sílabas:*

Sílaba tónica

Sílaba átona

B.1.2.4. Entoação

Pausa

Pausa silenciosa

Pausa preenchida

**B.1.3. Processos fonológicos**

Inserção de segmentos

Supressão de segmentos

Alteração de segmentos

Assimilação

Dissimilação

Nasalização

Ditongação

Redução

Crase

Metátese

**B.2. Morfologia**

**B.2.1. Palavra e constituintes da palavra**

Palavra

Palavra simples

Palavra complexa

Constituinte morfológico

Radical

Afixo

Interfixo

Prefixo

Sufixo

**B.2.2. Morfologia flexional**

Flexão

Palavra variável

Palavra invariável

B.2.2.1. Flexão nominal e adjectival

*Categorias relevantes para a flexão de nomes, pronomes e adjectivos:*

Constituinte temático

Índice temático

Género

Masculino

Feminino

Número

Singular

Plural

Caso

Nominativo

Acusativo

Dativo

Oblíquo

Grau

dos nomes

augmentativo

diminutivo

dos adjectivos (e advérbios)

normal

comparativo  
superlativo

Pessoa

Primeira  
Segunda  
Terceira

B.2.2.2. Flexão verbal

Conjugação

Constituinte temático

Vogal temática

Primeira conjugação

Segunda conjugação

Terceira conjugação

*Categorias relevantes para a flexão de verbos:*

Pessoa

Primeira  
Segunda  
Terceira

Número

Singular  
Plural

Tempo verbal

Presente  
Pretérito  
Futuro  
Perfeito  
Imperfeito  
Mais-que-perfeito

Modo

Formas verbais finitas

Indicativo  
Conjuntivo  
Condicional  
Imperativo

Formas verbais não finitas

Infinitivo  
Pessoal  
Impessoal  
Gerúndio  
Particípio

*Especificidades da flexão verbal:*

Amálgama

Tipologia verbal

Verbo regular

Verbo irregular

Forma forte

Forma fraca

Verbo defectivo

Verbo impessoal

Verbo unipessoal

Forma supletiva

**B.2.3. Processos morfológicos de formação de palavras**

Palavra simples

Palavra complexa

Base

B.2.3.1. Derivação

*Processos que envolvem adição de constituintes morfológicos:*

Afixação

Prefixação

Sufixação

Parassíntese

*Processos que não envolvem adição de constituintes morfológicos:*

Conversão

Derivação regressiva

B.2.3.2. Composição

Composição morfológica

Composição morfossintáctica

**B.3. Classes de palavras**

*Itens lexicais:*

Palavra

Locução

**B.3.1. Classe aberta de palavras**

Nome

*Classes semânticas de nomes:*

Nome próprio  
Nome comum  
Nome contável  
Nome não-contável  
Nome colectivo

Verbo  
Verbo principal

*Classes de verbos estabelecidas em função da presença e tipo de complementos:*

Verbo intransitivo  
Verbo transitivo directo  
Verbo transitivo indirecto  
Verbo transitivo directo e indirecto  
Verbo transitivo-predicativo

Verbo auxiliar  
Verbo copulativo

Adjectivo

*Classes semânticas de adjectivos:*

Adjectivo relacional  
Adjectivo qualificativo  
Adjectivo numeral

Advérbio

*Classes semânticas de advérbios:*

Advérbio de predicado  
Advérbio de frase  
Advérbio conectivo  
Advérbio de negação  
Advérbio de afirmação  
Advérbio de quantidade e grau  
Advérbio de inclusão e exclusão

Interjeição

### **B.3.2. Classe fechada de palavras**

Pronome

*Classes semânticas de pronomes:*

Pronome pessoal  
Pronome demonstrativo  
Pronome possessivo  
Pronome indefinido

*Classes sintácticas de pronomes:*

Pronome relativo  
Pronome interrogativo

Determinante

Artigo

Artigo definido  
Artigo indefinido

Determinante demonstrativo  
Determinante possessivo  
Determinante indefinido

Quantificador

Quantificador universal  
Quantificador existencial  
Quantificador numeral  
Numeral cardinal  
Numeral fraccionário  
Numeral multiplicativo

Preposição

Conjunção

Conjunção coordenativa  
Conjunção subordinativa

## **B. 4. Sintaxe**

### **B.4.1. Frase e constituintes da frase**

Frase

*Constituintes da frase:*

Grupo nominal  
Grupo adjectival  
Grupo verbal  
Complexo verbal  
Grupo preposicional  
Grupo adverbial

#### B.4.2. Funções sintáticas

*Funções sintáticas ao nível da frase:*

Sujeito

Sujeito simples

Sujeito composto

Sujeito nulo

Predicado

Modificador

Vocativo

*Funções sintáticas internas ao grupo verbal:*

Complemento

Complemento directo

Complemento indirecto

Complemento oblíquo

Complemento agente da passiva

Predicativo

Predicativo do sujeito

Predicativo do complemento directo

Modificador

*Funções sintáticas internas ao grupo nominal:*

Complemento do nome

Modificador

Modificador do nome restritivo

Modificador do nome apositivo

*Funções sintáticas internas ao grupo adjectival:*

Complemento do adjectivo

#### B.4.3. Tipos de frase

(Tipo de) frase declarativa

(Tipo de) frase interrogativa

(Tipo de) frase exclamativa

(Tipo de) frase imperativa

#### B.4.4. Articulação entre constituintes e entre frases

Frase simples

Frase complexa

Oração

Coordenação

Sindética

Assindética

*Coordenação entre frases:*

Oração coordenada

Oração coordenada copulativa

Oração coordenada disjuntiva

Oração coordenada adversativa

Oração coordenada conclusiva

Oração coordenada explicativa

*Subordinação:*

Subordinante

Oração subordinada

Oração subordinada substantiva

Oração subordinada substantiva completiva

Oração subordinada substantiva relativa

Oração subordinada adjectiva

Oração subordinada adjectiva relativa

Oração subordinada adjectiva relativa restritiva

Oração subordinada adjectiva relativa explicativa

Oração subordinada adverbial

Oração subordinada adverbial causal

Oração subordinada adverbial final

Oração subordinada adverbial temporal

Oração subordinada adverbial concessiva

Oração subordinada adverbial condicional

Oração subordinada adverbial comparativa

Oração subordinada adverbial consecutiva

#### B.4.5. Processos sintáticos

Concordância

Frase passiva

Frase activa

Elipse

### B.5. Lexicologia

#### B.5.1. Léxico e vocabulário

Léxico

Vocabulário

Expressão idiomática

Neologismo

Arcaísmo  
Família de palavras

### **B.5.2. Semântica lexical: significação e relações semânticas entre palavras**

*Significação lexical:*

Significante  
Denotação  
Conotação  
Monossemia  
Polissemia

*Relações semânticas entre palavras:*

*Relações de hierarquia:*

Hiperonímia  
Hiponímia

*Relações de parte-todo:*

Holonímia  
Meronímia

*Relações de equivalência/oposição:*

Sinonímia  
Antonímia

*Estrutura lexical*

Campo lexical  
Campo semântico

### **B.5.3. Processos irregulares de formação de palavras**

Extensão semântica  
Empréstimo  
Amálgama  
Sigla  
Acrônimo  
Onomatopeia  
Truncação

## **B.6. Semântica**

Significado

### **B.6.1. Conteúdo proposicional**

Referência  
Especificidade  
Genericidade  
Predicação  
Polaridade

### **B.6.2. Valor temporal**

Tempo

### **B.6.3. Valor aspectual**

Aspecto  
Aspecto lexical  
Aspecto gramatical

### **B.6.4. Valor modal**

Modalidade

## **C. ANÁLISE DO DISCURSO. RETÓRICA. PRAGMÁTICA E LINGUÍSTICA TEXTUAL**

### **C.1. Análise do discurso e áreas disciplinares correlatas**

Análise do discurso  
Retórica  
Pragmática  
Linguística textual

#### **C.1.1. Comunicação e interação discursivas**

Emissor  
Locutor  
Interlocutor  
Destinatário  
Ouvinte  
Receptor  
Contexto  
Enunciação  
Enunciado  
Enunciador  
Deixis  
Discurso  
Universo de discurso  
Interdiscurso / Interdiscursividade  
Diálogo  
Monólogo

Dialogismo  
Polifonia  
Informação  
Enciclopédia  
Acto de fala  
    Acto de fala directo  
    Acto de fala indirecto  
Acto locutório  
Acto ilocutório  
Acto perlocutório  
Competência discursiva  
Estratégia discursiva  
Oralidade  
Escrita  
Registo formal / informal  
Marcadores discursivos  
Conectores discursivos

C.1.1.1. Princípios reguladores da interacção discursiva

Cooperação (princípio de)  
    Cortesia (princípio de)  
    Pertinência (princípio de)  
    Máximas conversacionais  
    Formas de tratamento

C.1.1.2. Reprodução do discurso no discurso

Citação  
    Discurso directo  
    Discurso directo livre  
    Discurso indirecto  
    Discurso indirecto livre

C.1.1.3. Processos interpretativos inferenciais

Pressuposição  
    Implicação  
    Implicaturas conversacionais

## **C.1.2. Texto**

Texto / textualidade  
    Co-texto  
    Coesão textual  
    Anáfora  
    Catáfora  
    Co-referência não anafórica  
    Coerência textual  
    Isotopia  
    Tema / rema  
    Progressão temática  
    Configuração  
    Paráfrase  
    Sentido  
    Digressão  
    Plurissignificação  
    Arquitexto  
    Intertexto / intertextualidade  
    Hipertexto  
    Metatexto  
    Géneros de texto  
    Sequência textual  
    Tipos de texto  
    Autor  
    Leitor  
    Plano do texto  
    Pacto de leitura  
    Fragmento  
    Estilo  
    Ritmo  
    Exórdio  
    Epílogo  
    *Incipit*  
    *Explicit*  
    Paratexto  
    Título  
    Prefácio  
    Posfácio  
    Epígrafe

## **C.1.3. Instrumentos e operações da retórica**

C.1.3.1. Figuras de retórica e tropos

Figura  
    Tropo

Acumulação  
Alegoria  
Aliteração  
Alusão  
Amplificação  
Anacoluto  
Anáfora  
Antífrase  
Antítese  
Antonomásia  
Apóstrofe  
Catacrese  
Clímax  
Comparação  
Enumeração  
Eufemismo  
Gradação  
Hipálage  
Hipérbato  
Hipérbole  
Imagem  
Ironia  
Lítotes  
Metáfora  
Metonímia  
Oxímoro  
Paradoxo  
Perífrase  
Personificação  
Pleonasmo  
Preterição  
Prosopopeia  
Quiasmo  
Sarcasmo  
Símbolo  
Símile  
Sinestesia  
Sinédoque

C.1.3.2 Operações retóricas

Invenção  
Disposição  
Elocução  
Memorização  
Acção

C.1.3.3 Retórica argumentativa

Argumentação  
Escala argumentativa

**D. LEXICOGRAFIA**

**D.1. Obras lexicográficas**

Dicionário  
Dicionário monolíngue  
Dicionário de aprendizagem  
Dicionário de sinónimos  
Dicionário etimológico  
Dicionário bilingue

Glossário  
Enciclopédia  
Terminologia  
Thesaurus

**D.2. Informação lexicográfica**

Entrada  
Artigo  
Acepção  
Definição  
Remissão  
Abonação

Termo

**E. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA**

**E.1. Grafia**

*Letras, acentos e diacríticos:*

Letra  
Alfabeto  
Dígrafo



Acento gráfico  
Acento agudo  
Acento grave  
Circunflexo

Diacríticos:  
Til  
Trema  
Cedilha  
Hífen  
Apóstrofo

## **E.2. Pontuação e sinais auxiliares de escrita**

Sinais de pontuação  
Ponto (final)  
Ponto de interrogação  
Ponto de exclamação  
Dois pontos  
Ponto e vírgula  
Vírgula  
Reticências  
Travessão  
Sinais auxiliares de escrita

## **E.3. Configuração gráfica**

Tipos de Letra  
Letra de imprensa  
Letra manuscrita  
Letra maiúscula  
Letra minúscula  
Abreviatura  
Alinea  
Parágrafo  
Período  
Espaço  
Margem  
Formas de destaque

## **E.4. Convenções e regras para a representação gráfica**

Ortografia  
Regras Ortográficas  
Regras de Acentuação Gráfica  
Regras de Translineação

## **E.5. Relações entre palavras escritas**

Homonímia  
Homofonia  
Homografia  
Paronímia

## 5. Definições dos termos por domínio

### **DOMÍNIO A: LÍNGUA, COMUNIDADE LINGUÍSTICA, VARIACÃO E MUDANÇA**

Conhecimento da língua e do seu uso pelos falantes, variação (geográfica, social...), normalização.

**Termos por ordem alfabética:**

#### **Adstrato**

Língua que sobrevive ao lado daquela ou daquelas com as quais estabelece um contacto linguístico motivado por uma invasão territorial. Nome do tipo de relação, superficial, que entre as duas línguas se estabelece.

#### **Bilinguismo**

Capacidade do falante que tem competência linguística em duas línguas diferentes. Pode ser propriedade de um indivíduo, mas também de uma comunidade linguística inteira. Calcula-se que cerca de 70% da população mundial é bilingue ou multilingue.

#### **Competência linguística**

Capacidade intuitiva que o falante tem de usar a sua língua materna, decorrente do processo natural de aquisição da linguagem.

#### **Competência metalinguística**

Capacidade que um falante tem de manipular e reflectir sobre unidades, processos e regras da gramática da sua língua. O desenvolvimento pleno da competência metalinguística depende, em grande parte, de instrução explícita e formal.

#### **Comunidade linguística**

Conjunto de falantes que utilizam uma mesma língua (que não é obrigatoriamente a língua materna de todos) ou um mesmo dialecto para comunicarem entre si.

#### **Contacto de línguas**

Situação de coexistência de duas ou mais línguas numa mesma região ou numa mesma comunidade linguística.

Por contacto, os falantes podem introduzir na língua que falam, de forma consciente ou inconsciente, traços de uma língua diferente da sua.

Os efeitos do contacto, se forem extremos, levam ora ao nascimento de novas línguas, como acontece com os crioulos, ora à imposição total de uma língua a falantes, normalmente habitantes de territórios invadidos, que abandonam a sua língua materna, a qual, em último caso, se pode converter numa língua morta.

#### **Crioulo**

Língua natural de formação rápida, que nasce de uma situação de contacto linguístico e se forma pela adopção de um pidgin como língua materna, processo necessariamente acompanhado da expansão e complexificação do pidgin. Os crioulos nascem da necessidade de expressão e comunicação plena entre sujeitos falantes inseridos em comunidades multilingues relativamente estáveis.

## **Crioulos de base lexical portuguesa**

Crioulos originados pelo contacto entre falantes portugueses e falantes de línguas não-europeias e formados ao longo dos primeiros séculos da expansão portuguesa para fora da Europa. Classificam-se segundo critérios político-geográficos: Crioulos Africanos da Alta Guiné (de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de Casamansa), Crioulos Africanos do Golfo da Guiné (de S. Tomé, Príncipe e Ano Bom), Crioulos Indo-Portugueses da Índia e Indo-Portugueses do Sri-Lanka, Crioulos Malaio-Portugueses, Crioulos Sino-Portugueses. Na América, o Papiamento de Curaçau, Aruba e Bonaire tem base portuguesa e castelhana e o Saramacano do Suriname, de base inglesa, tem também influência do léxico português.

## **Étimo**

Palavra da qual deriva, diacronicamente, outra palavra.

## **Etimologia**

1. Estudo da origem e evolução das palavras.
2. Origem e evolução de uma palavra.

## **Factores externos**

Causas da mudança linguística que coincidem com as condições exteriores à estrutura de uma língua. Os factores externos de mudança incluem, sobretudo, a interferência de línguas ou de dialectos vizinhos, ou seja, uma influência de contacto e condições históricas como a emergência de diferentes formas de comunicação ou, em geral, a alteração de condições políticas, culturais, sociais ou psicolinguísticas.

## **Factores internos**

Condições de mudança linguística que se encontram dentro da própria estrutura de uma língua.

## **Falante**

Sujeito considerado enquanto utilizador de uma língua, possuidor de um conhecimento linguístico ou elemento de uma comunidade linguística. O termo é sinónimo de falante-ouvinte.

## **Famílias de línguas**

Grupos de línguas cuja coesão resulta de todas partilharem um antepassado comum, unindo-se, desta forma, numa relação de parentesco. Dentro da família, considera-se que as línguas mais próximas pertencem ao mesmo ramo.

## **Gramaticalização**

Processo de mudança linguística pelo qual uma palavra muda de estatuto morfológico: deixa de ser uma palavra lexical e torna-se uma palavra ou morfema funcional ou gramatical.

*As formas verbais “devido” e “visto” sofreram um processo de gramaticalização, integrando as locuções conjuntivas “devido a” e “visto que”.*

## **Língua estrangeira**

Língua que, tomado determinado país, não é língua materna de nenhuma comunidade antiga, nem tem, nesse país, um reconhecimento oficial. Por vezes, este termo é usado como sinónimo de língua segunda ou L2.

### **Língua materna**

Língua com a qual um falante entra em contacto na infância, e que adquire em ambiente natural.

### **Língua oficial**

Língua usada no contacto de um cidadão com a administração do seu país. Em países com uma situação próxima do monolinguismo, a língua oficial coincide com a língua nacional.

### **Língua padrão**

Variedade social de uma língua (falada e escrita) que foi legitimada historicamente enquanto meio de comunicação entre os falantes da classe média e da classe alta de uma comunidade linguística. É sinónimo de norma padrão.

### **Língua segunda, L2**

Língua materna de uma comunidade que, sobretudo por razões de imigração ou de multilinguismo, é aprendida por outros falantes da mesma comunidade a um nível secundário em relação à sua primeira língua.

*É frequente o uso do termo "língua não materna" como equivalente de língua segunda, sobretudo quando refere uma língua que é aprendida em contexto escolar por falantes que não a têm como língua materna.*

### **Mudança irregular (esporádica)**

Mudança que não obedece a um princípio de regularidade. Verifica-se ao nível fonético, sobretudo com dissimilações e metáteses, e ao nível lexical, com as etimologias populares. A etimologia popular é uma forma de mudança analógica.

*Exemplos de dissimilação: ROTUNDA (lat.)>rodonda>redonda (por.); em português contemporâneo, as expressões "Madre de Deus" e "Conde de Redondo" pronunciam-se, no discurso informal, com a supressão de um "de", "Madre Deus" e "Conde Redondo", para evitar a sequência de+de.*

*Exemplos de metátese: atinge muito comumente a líquida /r/, que tende, mais uma vez no discurso familiar, a formar grupo consonântico com um som próximo: cf. "pertencer" vs. "pretencer", "apertar" vs. "apretar" ou "tornar" vs. "tronar"*

*A extensão analógica cria alternância nos paradigmas; o singular de "ténis" ocorre com frequência, em contexto de desvio à norma, analogicamente, como "têni" para eliminar um singular que apresenta a irregularidade de ter a mesma terminação "s" do plural.*

*A nivelação analógica diminui a alternância nos paradigmas; uma segunda pessoa do singular do pretérito perfeito de um verbo português ocorre, em contexto de desvio à norma, analogicamente, com uma terminação "s" (tu fizestes) para se aproximar formalmente das terminações da mesma pessoa nos outros tempos verbais (tu fazes, tu fazias, tu farás).*

## **Mudança linguística**

Fenómeno que resulta da projecção da língua de uma comunidade na história dessa comunidade e das suas comunidades descendentes. Fruto da mudança linguística, a língua do passado é diferente da língua do presente. A disciplina que estuda essa diferença é a linguística histórica. A mudança linguística observa-se a todos os níveis gramaticais e resulta da combinação de diferentes factores de mudança: os factores internos, que são constituídos pela própria estrutura da língua, e os factores externos, de natureza sobretudo geográfica e social. É através da variação social que a mudança linguística se propaga numa comunidade.

*As frases medievais em português podiam apresentar um tipo de negação (negação expletiva) que entretanto quase desapareceu, fruto da mudança sintáctica. Ex: «E assi escapou o comde Joham Fernandez de nom seer morto» (Ali 1964).*

*Vários nomes medievais portugueses sofreram uma mudança morfológica passando a receber novos morfemas de género. Ex: "a senhor">"a senhora".*

*Em virtude de mudanças fonológicas - crase, epêntese, ditongação e semivocalização - as sequências de duas vogais nas palavras do português antigo desapareceram em grande número. Ex: pee>pé, ũa>uma, cadêa>cadeia.*

## **Mudança regular**

Mudança que atinge os sons de uma língua, i.e., mudança fonética ou fonológica, e que parece obedecer a um princípio de regularidade: o mesmo som, numa dada língua, por vezes em contexto fonético determinado, evolui no mesmo sentido em todas as palavras dessa língua durante um certo período de tempo.

*Por mudança fonológica regular, as vogais breves tónicas latinas /e/ e /o/ resultaram em português em vogais /e/ e /o/ abertas, desde que o contexto fonético fosse propício. Ex: FERRU>ferro, PORTA>porta, mas PORTU>porto, com /o/ não aberto, porque numa sílaba vizinha estava a vogal /u/, que interferiu na mudança.*

## **Multilinguismo**

Capacidade do falante para se exprimir em várias línguas com um desempenho semelhante, quase nativo. Situação em que, num território politicamente definido, coexistem várias línguas.

## **Normalização linguística**

Resultado do processo segundo o qual uma variedade social, convertida em língua padrão, se torna num meio público de comunicação: a escola e os meios de comunicação passam a controlar a observância da sua gramática, da sua pronúncia e da sua ortografia.

*A língua padrão em Portugal, aquela que a escola, a televisão, a rádio e os jornais difundem, é a variedade de Lisboa. Há algumas décadas, conservado ainda o prestígio ancestral da Universidade de Coimbra, considerava-se que a língua padrão era a variedade de um eixo imaginário Lisboa-Coimbra.*

## **Palavras convergentes**

Palavras que apresentam a mesma forma, apesar de terem étimos diferentes.

*A forma verbal "são" e "são" - sinónimo de "santo" - são palavras convergentes, porque, embora tenham a mesma forma, derivam de étimos diferentes.*

## **Palavras divergentes**

Palavras que apresentam forma diferente, apesar de terem o mesmo étimo.

*"mancha" e "mácula" são palavras divergentes, porque ambas derivam do étimo latino "macula".*

## **Português antigo**

Nome convencionado para designar a fase da língua portuguesa falada durante a Idade Média entre o século XII (época em que se começaram a redigir textos em português) e o século XV. É sinónimo de português arcaico e de galaico-português. A fase anterior da língua portuguesa, possivelmente falada logo desde os séculos VI e VII no Noroeste da Península Ibérica, chama-se "romance galego-português".

*Trecho do texto original mais antigo que se conhece, datado, escrito em português, a "Notícia de fiadores de Paio Soares Romeu", de 1175: "Istos fiadores atan .v. annos que se partia de isto male q(ue) li avem".*

## **Português clássico**

Nome convencionado para designar a fase do português europeu falada durante a Idade Moderna, ou seja, entre os séculos XVI e XVIII.

## **Português contemporâneo**

Nome convencionado para designar a fase do português europeu falada a partir do século XIX.

## **Substrato**

Língua indígena desaparecida como resultado do contacto com uma língua invasora. Conjunto de vestígios linguísticos deixados por essa língua naquela que se lhe sobrepôs.

*substrato pré-romano na Península Ibérica*

## **Superstrato**

Língua de invasores que desaparece no contacto com uma língua indígena. Conjunto de vestígios linguísticos deixados por essa língua na do território dominado.

*línguas germânicas, de suevos e visigodos, na Península Ibérica*

## **Tipos de mudança**

Resultado da interpretação teórica dos fenómenos de mudança linguística, tomando em atenção o processo (regular ou irregular) segundo o qual ela actua e as áreas da gramática que afecta.

## **Variação**

Propriedade que as línguas têm de se diferenciarem em função da geografia, da sociedade e do tempo, dando origem a variantes e a variedades linguísticas.

### **Variação histórica**

Resultado da mudança linguística. Consiste no contraste entre a gramática antiga de uma língua e uma gramática posterior dessa mesma língua.

Não é necessário esperar séculos para que se possa observar uma variação histórica ou diacrónica. Numa mesma língua e numa mesma época, podem coexistir duas gramáticas com regras diferentes, sendo que uma delas é arcaizante e a outra já apresenta o resultado de uma mudança linguística. Neste caso, as diferenças observadas na língua dos falantes das duas gramáticas chamam-se mudanças em curso.

### **Variedades africanas**

Português falado em África. O português de Angola (só o de Luanda) e o de Moçambique são as duas variedades africanas de língua portuguesa que têm sido alvo de descrição e, portanto, as únicas sobre as quais se podem fazer afirmações.

*Exemplos da morfologia e da sintaxe do português de Luanda:*

- Morfema de plural junto do nome, mas em posição pré-nominal: «os pé», ou melhor, «o s-pé» é plural de «o pé».

- Pronomes dativo e acusativo com a mesma forma: «-Você pensa que não lhe conheço».

### **Variedade brasileira**

Português falado no Brasil, sujeito a uma variação geográfica que separa, sobretudo, os estados do litoral acima do estado da Bahia (inclusivé) dos que estão abaixo.

*Exemplos da sintaxe e da semântica da variedade brasileira do português:*

Um nome singular pode ter um valor genérico:

“Criança gosta de suco”.

Os pronomes pessoais átonos ocorrem à esquerda dos verbos principais:

“Eu tinha já lhe dado uma flor.”

### **Variedade europeia**

Português falado em Portugal continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, dividido dialectalmente em dois grandes grupos (setentrional e centro-meridional) e aceitando a variedade de Lisboa como língua padrão.

### **Variedades do português**

Resultado linguístico da história de Portugal: da independência no século XII, da Reconquista terminada no século XIII, da expansão extra-europeia a partir do século XV e do esforço colonizador em África, na América e na Ásia durante toda a Idade Moderna. Ao longo desta história, a população de língua materna portuguesa entrou em contacto com falantes de outras línguas e daí resultaram diferentes variedades do português: variedade europeia, variedades africanas e variedade brasileira.

### **Variedades geográficas**

Diferentes formas que uma mesma língua assume ao longo da sua extensão territorial. A estas variedades chama-se também "dialectos regionais" ou, simplesmente, "dialectos".

### **Variedades situacionais**

Resultado da capacidade dos falantes para adaptarem o estilo de linguagem à situação de comunicação que enfrentam. Essa capacidade chama-se "competência comunicativa". A existência de variedades situacionais conduz quase sempre a comentários prescritivos, ou de autoridade, sobre o que, na língua, é "correcto" ou "incorrecto".

### **Variedades sociais**

Também chamadas "sociolectos" ou "dialectos sociais", são variedades de uma língua usadas por falantes que pertencem à mesma classe social. Entre estes falantes há uma partilha de ambiente socioeconómico ou educacional. A disciplina que estuda as variedades sociais da língua ("sociolinguística") considera uma série de factores sociais de variação (chamados "variáveis extralinguísticas"): classe social, nível de instrução, tipo de educação, idade, sexo, origem étnica, etc.



## **B. LINGUÍSTICA DESCRITIVA**

### **DOMÍNIO B.1: FONÉTICA E FONOLOGIA**

**Fonética:** é a ciência que estuda as características físicas, articulatórias, acústicas e perceptivas da produção e percepção dos sons da fala, fornecendo métodos para a sua descrição e classificação. A fonética divide-se em três grandes ramos: fonética articulatória, fonética acústica e fonética perceptiva ou auditiva.

**Fonologia:** é a disciplina da linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir só um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, analisados em função de diferentes constituintes fonológicos, como, por exemplo, o fonema ou a sílaba.

**Termos por ordem alfabética:**

#### **Acento**

Grau de proeminência de uma sílaba numa determinada sequência fonética.

*A sílaba "ne" da palavra "panela" possui acento.*

#### **Alteração de segmentos**

Mudança na qualidade dos segmentos.

A assimilação e a dissimilação são exemplos de processos que envolvem a alteração de segmentos.

#### **Altura**

Atributo da sensação auditiva de acordo com o qual um som pode ser ordenado numa escala de grave a agudo. Acusticamente, corresponde à frequência dos sons. Fonologicamente, determina o tom.

*A voz infantil é considerada aguda; a voz dos adultos é mais grave do que a das crianças.*

#### **Assimilação**

Processo fonológico em que um segmento fonético se identifica com um segmento vizinho ou dele se aproxima, ao adquirir um traço ou traços fonéticos desse segmento vizinho.

*Assimilação: manum > mãnu > mão.*

#### **Consoante**

Som produzido com uma obstrução ou estreitamento do tracto vocal em que a passagem do ar é total ou parcialmente bloqueada.

*As consoantes podem ser bilabiais (como em "pá", "bê" e "mau"), labiodentais (como em "fé" e "vão"), dentais (como em "tu", "dou", "sé" e "zê"), alveolares (como em "no", "lá" e "aro"), palatais (como em "chá", "já", "lhe" e "unha"), velares (como em "cá" e "água") ou uvulares (como em "rei").*

As consoantes podem ser oclusivas (como em “pá”, “bê”, “tu”, “dou”, “cá” e “água”), fricativas (como em “fé”, “vão”, “sé”, “zê”, “chá” e “já”), laterais (como em “lhe” e “unha”), vibrantes (como em “aro” e “rei”) e nasais (como em “mau”, “no” e “unha”).

As consoantes podem ser surdas (como em “pá”, “tu”, “cá”, “fé”, “sé” e “chá”) ou sonoras (como nos restantes casos).

### **Crase**

Contracção ou fusão de duas vogais em uma só.

Fusão da preposição “a” e do artigo “a” em “à”.

### **Dissílabo**

Palavra constituída por duas sílabas.

A palavra “tela”.

### **Dissimilação**

Processo fonológico em que um segmento fonético perde um ou mais traços fonéticos que tinha em comum com um segmento vizinho, diferenciando-se dele.

A produção da primeira vogal de “telha” no dialecto de Lisboa.

### **Ditongação**

Processo fonológico em que uma vogal se desdobra em dois segmentos, i.e., produz-se uma diferenciação tímbrica no interior do segmento vocálico, dando origem ao aparecimento de uma semivogal em posição pré ou pós vocálica.

Na derivação das terceiras pessoas do plural dos verbos em português deu-se uma ditongação da vogal nasal final da palavra. Há casos especiais de dupla ditongação no presente do indicativo, como acontece com os verbos “ter” e “ver”.

### **Ditongo**

Sequência no interior de uma sílabas, formada por uma vogal e uma semivogal (ditongo decrescente), ou por uma semivogal e uma vogal (ditongo crescente).

A sequência final da palavra “pai” corresponde à produção [aj] e constitui um ditongo decrescente.

A sequência inicial da palavra “teatro”, quando produzida como [ja], constitui um ditongo crescente.

### **Duração**

Quantidade de tempo durante o qual uma unidade linguística é produzida. Fonologicamente, determina a quantidade dos sons.

Em línguas com vogais breves e vogais longas, as primeiras têm uma duração menor e as segundas, uma duração maior.

### **Entoação**

Utilização de diferentes tons em sequência, em interação com a duração e a intensidade. A entoação de uma palavra, grupo de palavras ou frase tem funções sintáticas, semânticas, pragmáticas e de comunicação de atitudes pessoais (por exemplo: alegria, raiva, surpresa). A variação dos tons em sequência forma uma curva entoacional.

A frase "Vamos embora" pode ser produzida com uma entoação afirmativa, uma entoação interrogativa, uma entoação exclamativa ou uma entoação persuasiva.

### **Fonema**

Unidade mínima do sistema fonológico, que pode também designar-se como segmento. Dois sons que, substituídos um pelo outro no mesmo contexto, permitem distinguir significados, são fonemas de uma língua.

O /p/ de "pata" e o /b/ de "bata" são fonemas do português.

### **Grupo consonântico**

Duas consoantes sucessivas que pertencem à mesma sílaba.

A sequência "pr" da sílaba inicial da palavra "pra.to".

### **Hiato**

Sequência de duas vogais que pertencem a sílabas diferentes.

A sequência [o.e] na palavra "bo.a".

### **Inserção de segmentos**

Processo fonológico em que um novo segmento passa a ser articulado, em posição inicial (prótese), medial (epêntese) ou final (paragoge) de palavra.

*Inserção da semivogal [j] entre o artigo e o nome da sequência "a[j]água", em algumas zonas do país.*

### **Intensidade**

Quantidade de energia acústica de um som. A intensidade depende das variações na pressão do ar. A sua unidade de medida é o decibel (db). Fonologicamente, determina o acento em línguas como o português.

### **Metátese**

Transposição de segmentos ou sílabas no interior de uma palavra.

*A troca de sílabas em "estômago" > "estôgamo", ou a troca de segmentos em "prateleira" > "parteleira" em algumas variedades sociais.*

### **Modo de articulação**

Um dos principais parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se à forma como o ar atravessa as cavidades supraglotais, na produção dos sons, nomeadamente à presença ou ausência de constricção no tracto vocal e ao grau de constricção e à existência ou não de vibração de cordas vocais. O

modo de articulação permite distinguir, por exemplo, consoantes oclusivas, fricativas, laterais ou vibrantes ou consoantes sonoras de surdas.

*Modo de articulação oclusivo: /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/.*

*As consoantes oclusivas podem ser sonoras (/b/, /d/, /g/) ou surdas (/p/, /t/, /k/), consoante são produzidas com ou sem vibração das cordas vocais.*

### **Monossílabo**

Palavra constituída por uma única sílaba.

*A palavra "dois".*

### **Nasalização**

Processo fonológico em que uma vogal oral adquire nasalidade, em contexto de consoante nasal. É um caso particular de assimilação.

*manum>mãnu>mão.*

### **Nível prosódico**

Um dos dois níveis de análise fonológica das línguas. No nível prosódico, analisam-se as variações de altura, duração e intensidade.

### **Palavra aguda**

Palavra cujo acento recai na última sílaba.

*A palavra "peru".*

### **Palavra esdrúxula**

Palavra cujo acento recai na antepenúltima sílaba.

*A palavra "linguística".*

### **Palavra grave**

Palavra cujo acento recai na penúltima sílaba.

*A palavra "panela".*

### **Pausa**

Intercepção na produção do discurso, que pode corresponder a uma suspensão de voz (pausa silenciosa) ou a uma articulação não linguística por hesitação (pausa preenchida).

*Interrupção da produção no final da sequência "Não vou trabalhar".*

### **Pausa preenchida**

Pausa entre constituintes sintácticos e/ou entoacionais que envolve tipicamente o uso da vogal central [e] e da consoante bilabial nasal [m], quer autonomamente, quer em combinação e com durações variadas.

*Interrupção na produção da sequência "Hoje [m:] não vou trabalhar".*

### **Pausa silenciosa**

Pausa não preenchida com suspensão de emissão de voz, mas funcional do ponto de vista da organização entoacional de um enunciado. Permite, muitas vezes, distinguir constituintes sintácticos e/ou entoacionais.

*Interrupção da produção sem produção de qualquer som, assinalada graficamente com reticências, na sequência "Hoje... não vou trabalhar".*

### **Polissílabo**

Palavra constituída por mais de três sílabas.

*A palavra "linguística".*

### **Ponto de articulação**

Um dos parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se ao local, no tracto vocal, onde ocorre a articulação dos sons. O ponto de articulação permite distinguir, por exemplo, consoantes bilabiais, dentais, palatais ou velares.

*Ponto de articulação labial (/p/, /b/, /m/) ou dental (/t/, /d/).*

### **Processos fonológicos**

Termo usado para referir as modificações sofridas pelos segmentos em diversas circunstâncias contextuais (no início e no final das palavras, junto de vogal acentuada, etc.).

*Assimilação e dissimilação.*

### **Redução**

Processo fonológico que consiste no enfraquecimento de uma vogal em posição átona.

*A primeira vogal de "bolo" sofre uma redução em "bolinho". O mesmo sucede nos pares "medo"/"medroso" e "mata"/"matagal".*

### **Semivogal**

Som produzido com características articulatórias e acústicas semelhantes às das vogais e que ocorre junto de uma vogal formando com ela um ditongo. Uma semivogal nunca pode receber acento. A semivogal também pode designar-se glide.

*Semivogais:*

som final [j] da palavra "pai";  
som final [w] da palavra "mau".

### **Sílaba**

Unidade que agrupa os sons dentro da palavra. Pode incluir um ou mais sons, como nas sílabas da palavra *a-pro-vei-tar*. Dentro da sílaba, os sons podem ocorrer no ataque da sílaba (consoante(s) à esquerda da vogal), no núcleo da sílaba (vogal ou ditongo) ou na coda da sílaba (consoante à direita da vogal). O núcleo e a coda constituem a rima da sílaba.

*Na palavra "casa", as sílabas são "ca" e "sa".*

### **Sílaba aberta**

Sílaba que não termina em consoante.

*As sílabas da palavra "casa".*

### **Sílaba átona**

Qualquer sílaba que não apresenta proeminência relativa no nível prosódico da palavra ou da frase, ou seja, que não possui acento.

*A sílaba "sa" da palavra "casa".*

### **Sílaba fechada**

Sílaba que termina em consoante.

*A sílaba "sar" da palavra "casar".*

### **Sílaba tónica**

Sílaba que apresenta proeminência relativa no nível prosódico da palavra ou da frase.

*A sílaba "ca" da palavra "casa".*

### **Supressão de segmentos**

Processo fonológico em que um segmento deixa de ser articulado, em posição inicial (apócope), medial (síncope) ou final (aférese) de palavra.

*Na produção da vogal final da palavra "lume" em [lúm].*

### **Trissílabo**

Palavra constituída por três sílabas.

*A palavra "cavalo".*

### **Vogal**

Som produzido sem uma obstrução do tracto vocal. Em português, foneticamente, é possível identificar catorze vogais, que se distinguem em função do seu ponto de articulação (estabelecendo-se distinções através dos movimentos da língua e dos lábios, bem como da passagem ou não de ar pela cavidade nasal).

*As vogais de “pó”, “dor” e “no” são arredondadas ( projecção dos lábios).*

*As vogais de “pá”, “da” e “de” são recuadas (reco da língua).*

*As vogais de “li”, “do” e “de” são altas (elevação da língua).*

*As vogais de “ê”, “da” e “dor” são médias (língua em repouso).*

*As vogais de “pá”, “pó” e “pé” são baixas (descida da língua).*

*As vogais correspondentes aos sublinhados em “sã”, “dente”, “fim”, “som” e “um” são nasais; as restantes vogais do Português são orais.*

## **DOMÍNIO B.2: MORFOLOGIA**

Disciplina da linguística que descreve e analisa a estrutura interna das palavras e os processos morfológicos de variação e de formação de palavras.

**Termos por ordem alfabética:**

### **Afixação**

Processo morfológico que consiste na associação de um afixo a uma forma de base. Como existem vários tipos de afixos, também existem vários tipos de afixação, destacando-se a prefixação e a sufixação. A flexão e a derivação são processos morfológicos realizados por afixação.

### **Afixo**

Constituinte que ocorre obrigatoriamente associado a uma forma de base. Em português, os afixos subdividem-se em prefixos, sufixos e interfixos, consoante a posição que ocupam na estrutura da palavra. Os afixos podem participar em processos de flexão ou derivação.

### **Amálgama**

Sufixo de flexão verbal que acumula valores de tempo, modo, pessoa e número ou uma combinação destas categorias.

*O sufixo -ste em "cantaste" é, simultaneamente, marcador de pretérito perfeito do indicativo e de segunda pessoa do singular.*

### **Base**

Constituinte morfológico, que inclui obrigatoriamente um radical, a partir do qual se formam novas palavras.

*"doc-" é a base para "adoçar"; "adoça-" é a base para "adoçante".*

### **Caso**

Variação morfológica que uma expressão nominal ou pronominal assume de acordo com a sua função sintáctica. Em português, apenas os pronomes pessoais variam em caso.

*"eu" é a forma nominativa do pronome pessoal, na 1ª pessoa do singular, alternando com as formas acusativa "-me", dativa "-me" e oblíqua "mim".*

*"ele" é a forma nominativa do pronome pessoal masculino, na 3ª pessoa do singular, alternando com as formas acusativa "-o" e dativa "-lhe".*

### **Composição**

Processo morfológico de formação de palavras que recorre à associação de duas ou mais formas de base. Em português, há dois tipos frequentes de composição: a composição morfológica e a composição morfossintáctica.

### **Composição morfológica**



Processo de composição que associa um radical a outro(s) radical(is) ou a uma ou mais palavras. De um modo geral, entre os radicais ou o radical e a palavra associada ocorre uma vogal de ligação.

*[agr]+i+[cultura] = [agricultura], [luso]+[descendente]= [luso-descendente]*

### **Composição morfossintáctica**

Processo de composição que associa duas ou mais palavras. A estrutura destes compostos depende da relação sintáctica e semântica entre os seus membros, o que tem consequências para a forma como são flexionados em número.

*As palavras [surdo-mudo], [guarda-chuva] ou [via láctea] são compostos morfo-sintácticos.*

### **Conjugação**

Paradigma de flexão verbal definido em função da vogal temática. Em português, há três conjugações.

### **Constituinte morfológico**

Unidade constituinte das palavras, como, por exemplo, os radicais e os afixos. A um constituinte morfológico mínimo chama-se morfema.

*Os constituintes morfológicos da palavra casas são: [cas], [a] e [s].*

*Os constituintes morfológicos da palavra caseiro são: [cas], [eir] e [o].*

### **Constituinte temático**

Sufixo que especifica a classe morfológica a que um dado radical pertence. O constituinte temático dos adjectivos e dos nomes chama-se índice temático; o constituinte temático dos verbos chama-se vogal temática.

### **Conversão**

Processo de formação de palavras, também chamado derivação imprópria, que procede à integração de uma dada unidade lexical numa nova classe de palavras, sem que se verifique qualquer alteração formal.

*olharV -> olharN*

### **Derivação**

Processo morfológico de formação de palavras que consiste, tipicamente, na associação de um afixo derivacional a uma forma de base. Em português, a derivação é predominantemente realizada por sufixação.

*arruma+cão > arrumação*

### **Derivação regressiva**

Processo de formação de palavras que gera nomes deverbais, substituindo as marcas de flexão verbal por marcas de flexão nominal.

*trocar->troca; troco*

## **Flexão**

Especificação das propriedades morfossintáticas das palavras variáveis sensível à sua categoria. Geralmente, a flexão manifesta-se através de processos morfológicos como a afixação, embora haja instâncias de flexão que não envolvem afixação, como, por exemplo, a formação dos tempos compostos dos verbos.

## **Flexão nominal e adjectival**

Flexão dos adjectivos e dos nomes variáveis. Em português, os adjectivos e os nomes podem flexionar em número, em género e em grau.

*claro-claros, casa-casas, gato-gata-gatinha*

## **Flexão verbal**

Flexão dos verbos. Em português, os verbos flexionam em tempo, modo, pessoa e número. Os paradigmas de flexão verbal incluem, tradicionalmente, os tempos compostos, embora estes não sejam realizados através de processos flexionais de afixação.

*A forma verbal “cantávamos” encontra-se flexionada em tempo (pretérito imperfeito), modo (indicativo), pessoa (primeira) e número (plural).*

## **Forma forte**

Forma verbal flexionada sem associação do sufixo de flexão próprio do seu paradigma. A distinção entre forma forte e fraca é utilizada, principalmente, na classificação de formas do participípio passado.

*morto*

*preso*

## **Forma fraca**

Forma verbal flexionada de modo canónico, que se opõe a forma forte. A distinção entre forma forte e fraca é utilizada, principalmente, na classificação de formas do participípio passado.

*matado*

*prendido*

## **Forma supletiva**

Forma flexionada a partir de outros radicais. Alguns verbos defectivos recorrem a estas formas para preencher as lacunas existentes no seu paradigma.

*O verbo “ser” recorre a diferentes radicais para a sua flexão, como nas formas “sou”, “és” ou “fui”.*

## **Formas verbais finitas**

Todas as formas verbais à excepção das do infinitivo, gerúndio e participípio. As formas verbais finitas, tipicamente, podem ocorrer como forma verbal única numa frase simples e admitem variação máxima nas categorias tempo, pessoa e número.

## Formas verbais não finitas

Formas verbais do infinitivo, gerúndio e particípio. As formas verbais não finitas, tipicamente, não ocorrem como forma verbal única numa frase simples e não variam em tempo.

## Género

Categoria morfossintáctica que está presente em todos os nomes, em alguns adjectivos (os adjectivos biformes) e em alguns pronomes. Em português, há dois valores de género: masculino e feminino. Nos nomes que referem uma entidade animada (uma pessoa ou um animal), o valor de género corresponde, tipicamente, a uma distinção de sexo (i), excepto no caso dos nomes epicenos (como "sapo" ou "corvo"), sobrecomuns (como "vítima" ou "cônjuge") e comuns de dois (como "estudante" ou "jornalista"). Nos restantes nomes, esta correspondência não se verifica (ii).

(i) *gato-gata*

(ii) *chinelo - chinela*

## Grau

Variação apresentada por alguns nomes, adjectivos e advérbios, que permite estabelecer uma gradação no significado de uma palavra ou a comparação entre termos. Os nomes apresentam variação nos graus: normal, aumentativo e diminutivo. Os adjectivos e os advérbios apresentam variação nos graus: normal, comparativo e superlativo. A variação em grau pode ser expressa morfológica ou sintacticamente. São expressos morfológicamente os graus superlativo absoluto sintético dos advérbios e dos adjectivos e os graus aumentativo e diminutivo dos nomes.

*As palavras "calorão" e "calorzinho" correspondem aos graus aumentativo e diminutivo do nome "calor", respectivamente. As formas "altíssimo" e "muito alto" correspondem ambas a expressões do grau superlativo do adjectivo "alto".*

## Índice temático

Constituinte temático dos adjectivos e dos nomes. Em português, os índices temáticos são -a, -o, -e. Há palavras que não têm índice temático.

*clar[a]*

*clar[o]*

*lev[e]*

*feliz[ ]*

*ruim[ ]*

*gat[a]*

*poç[o]*

*dent[e]*

*mês[ ]*

*pé[ ]*

## Interfixo

Afixo que ocorre entre duas formas de base ou entre uma base e um afixo.

A vogal de ligação "o" em "psicopata" e a consoante "t" em "cafeteira" são interfixos.

### **Modo**

Categoria morfológica que permite distinguir a flexão verbal nas formas do indicativo, conjuntivo, imperativo e condicional. Não existe uma correlação perfeita entre o modo, enquanto etiqueta morfológica, e os valores de modalidade de um enunciado.

*Na frase "a construção da casa foi iniciada em 1978, mas só seria concluída em 2003", o uso do condicional não corresponde a um valor modal, mas a uma localização futura num tempo passado.*

### **Número**

Categoria morfossintáctica dos verbos, dos adjectivos, dos nomes e de alguns pronomes, que pode ter dois valores: singular e plural. A variação em número pode corresponder a uma distinção na quantidade das entidades denotadas (por exemplo: um copo, dois copos), na sua qualidade (por exemplo: água, águas). Algumas palavras são inerentemente plurais, não correspondendo o singular a uma variação em quantidade (por exemplo: óculo, óculos).

*(uma) cadeira / (quarenta) cadeiras*

*(uma) água / (três) águas*

*(prato) limpo / (pratos) limpos*

### **Palavra**

Item lexical pertencente a uma determinada classe, com um significado identificável ou com uma função gramatical e com forma fonológica consistente, podendo admitir variação flexional.

### **Palavra complexa**

Palavra formada por derivação ou por composição.

*"caseiro" e "casa de banho" são palavras complexas.*

### **Palavra invariável**

São invariáveis as palavras que não são flexionáveis.

*As preposições e as conjunções são palavras invariáveis.*

### **Palavra simples**

Palavra formada por um único radical, sem afixos derivacionais, mas podendo exibir afixos flexionais.

*"casas" é uma palavra simples.*

### **Palavra variável**

São variáveis as palavras que admitem diversas especificações flexionais, como, por exemplo, diversos valores de género e número.

*O radical nominal [alun] é variável em género e número, pelo que permite gerar quatro formas: um nome masculino singular (i.e. aluno); um nome masculino plural (i.e. alunos); um nome feminino singular (i.e. aluna); e um nome feminino plural (i.e. alunas).*

## Parassíntese

Processo morfológico de formação de palavras que consiste na associação simultânea de um prefixo e um sufixo a uma forma de base.

*a[padrinh]ar*

*a[podr]ecer*

*a[joelh]ar*

*en[gord]ar*

## Pessoa

Categoria morfossintáctica dos verbos e de alguns pronomes, realizada por afixação na flexão verbal. Em português, distinguem-se três formas: primeira, segunda e terceira pessoa, variando cada uma em número. Na flexão verbal, esta categoria está relacionada com a representação morfológica do sujeito nas formas finitas do verbo. O imperativo é defectivo na primeira e na terceira pessoas. Em alguns dialectos do português contemporâneo, a segunda pessoa do plural está em desuso (cf. vós cantais), o que ilustra que, em vários casos, não há correspondência entre as categorias pessoa e número e a sua referência.

*[mos] é o sufixo de primeira pessoa do plural; a forma "se" em "diz-se" é um pronome pessoal de terceira pessoa.*

## Prefixação

Processo morfológico que consiste na associação de um prefixo a uma forma de base.

## Prefixo

Afixo que se associa à esquerda de uma forma de base.

*O constituinte "des" em "desinteresse" é um prefixo.*

## Primeira conjugação

Paradigma de flexão verbal definido pela vogal temática [a], no infinitivo.

*cant[a]r*

## Radical

Constituinte morfológico que contém o significado lexical e exclui os afixos flexionais. O radical pode conter afixos derivacionais. Os radicais pertencem a categorias sintácticas, sendo identificados por etiquetas como: radical adjectival, radical adverbial, radical nominal, radical verbal.

*O radical da palavra [casa] é o constituinte [cas].*

## Segunda conjugação

Paradigma de flexão verbal definido pela vogal temática [e], no infinitivo.

*beb[e]r*

### **Sufixação**

Processo morfológico que consiste na associação de um sufixo a uma forma de base.

### **Sufixo**

Afixo que se associa à direita de uma forma de base.

*O afixo de flexão "mos" em "cantamos" e o afixo derivacional "or" em "cantor" são sufixos.*

### **Terceira conjugação**

Paradigma de flexão verbal definido pela vogal temática [i], no infinitivo.

*fug[i]r*

### **Tempo verbal**

Categoria morfossintáctica dos verbos, realizada por flexão. Em português, o tempo verbal permite distinguir os seguintes paradigmas: pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, presente e futuro. Esta categoria permite identificar paradigmas de flexão verbal nas formas verbais, não havendo, todavia, uma correspondência perfeita com os valores semânticos associados a cada paradigma (por exemplo: na frase "eu amanhã faço anos", o verbo encontra-se no presente (do indicativo), embora denote uma situação futura).

*-sse é o sufixo de pretérito imperfeito do conjuntivo.*

*Quando um tempo verbal é formado com recurso a um verbo auxiliar, é designado de tempo composto.*

### **Verbo defectivo**

Verbo cuja conjugação é incompleta, uma vez que não flexiona em todas as formas possíveis num paradigma flexional regular.

*florescer*

*banir*

*demolir*

*falir*

### **Verbo impessoal**

Verbo que flexiona exclusivamente no infinitivo e na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

*chover*

*trovejar*

### **Verbo irregular**

Verbo cuja flexão se afasta da flexão do paradigma a que pertence. As irregularidades podem afectar o radical ou os sufixos de flexão. Algumas irregularidades são meramente gráficas. Nos verbos irregulares há formas regulares.

*posso / podes / podemos*

*medir / meço / medisse*

*ficar / fiquei*

*caçar / cacei*

*chegar / cheguei*

### **Verbo regular**

Verbo que respeita a flexão do paradigma a que pertence. Quase todos os verbos da primeira conjugação são verbos de flexão regular.

### **Verbo unipessoal**

Verbo que flexiona apenas no infinitivo e na 3ª pessoa do singular e do plural.

*miar*

*ganiu*

*ladraram*

### **Vogal temática**

Constituinte temático dos verbos, que identifica o paradigma de flexão verbal a que pertencem. Em português, há três vogais temáticas nas formas do infinitivo: -a, -e, -i, correspondentes às três conjugações.

*cant[a]r*

*beb[e]r*

*fug[i]r*

## **DOMÍNIO B.3: CLASSES DE PALAVRAS**

Conjunto das palavras que, por partilharem características morfológicas, sintáticas e/ou semânticas, podem ser agrupadas numa mesma categoria.

As classes de palavras não podem ser estabelecidas apenas com base em critérios morfológicos, uma vez que há classes que não se distinguem morfológicamente, como por exemplo as preposições e as conjunções.

**Termos por ordem alfabética:**

### **Adjectivo**

Palavra pertencente a uma classe aberta de palavras que permite variação em género (i), em número (ii) e, tipicamente, em grau (iii).

O adjectivo é o núcleo do grupo adjectival e pode ser precedido por advérbios de quantidade e grau (iv) e seleccionar grupos preposicionais (v) e orações como seus complementos (vi).

(i) *Belo / bela*

(ii) *Belo / belos / bela / belas*

(iii) *muito bela / belíssima*

(iv) *Isso é demasiado caro.*

(v) *Ele está contente com o seu trabalho.*

(vi) *Ele está cansado de trabalhar.*

### **Adjectivo numeral**

Adjectivo que pertence à classe tradicional dos numerais ordinais, como (i), expressando ordem ou sucessão.

Os adjectivos numerais ocorrem geralmente em posição pré-nominal, antecidos por artigos ou demonstrativos (ii) e, eventualmente, por possessivos (iii).

(i) *Primeiro, segundo, terceiro, ...*

(ii) (a) *O [segundo] filho é sempre mais calmo.*

(b) *\*O filho [segundo] é sempre mais calmo.*

(iii) (a) *O meu [segundo] filho é mais calmo.*

(b) *Esse teu [segundo] filho é parecido com o avô.*

### **Adjectivo qualificativo**

Adjectivo que exprime tipicamente a qualidade, i.e., um atributo do nome. Tipicamente, a posição dos adjectivos qualificativos é pós-nominal. Uma subclasse de adjectivos qualificativos ocorre à direita e à esquerda do nome, correspondendo esta ordem a interpretações diferentes, conforme (i) e (ii). Alguns adjectivos qualificativos têm uma posição pós-nominal obrigatória, como (iii).

(i) *Um falso presidente fez o discurso de inauguração (=uma pessoa que não era presidente fez o discurso de inauguração).*

(ii) *Um presidente falso fez o discurso de inauguração (=um presidente que não é honesto fez o discurso de inauguração).*

(iii) *Os olhos azuis são bonitos. / \*Os azuis olhos são bonitos.*



## Adjectivo relacional

Adjectivo que deriva de uma base nominal e que, tipicamente, instancia uma relação de agente ou posse relativamente ao nome. Estes adjectivos não ocorrem, geralmente, em posição pré-nominal nem variam em grau.

*Em "a invasão americana" ou "amor maternal", os adjectivos "americana" e "maternal" são relacionais.*

## Advérbio

Palavra invariável em género e número. A classe dos advérbios inclui elementos com características bastante heterogéneas do ponto de vista morfológico (i), sintáctico (ii) e semântico (iii). Não obstante, qualquer advérbio (à excepção do advérbio de negação "não") pode, geralmente, ser substituído por um outro advérbio formado com o sufixo "-mente".

Na maior parte dos casos, os advérbios desempenham a função sintáctica de modificadores de frase (iv), modificadores do grupo verbal (v) ou a função sintáctica de complemento oblíquo (vi) ou predicativo do sujeito (vii). Alguns advérbios podem, ainda, modificar grupos preposicionais (viii), grupos adjectivais (ix) ou grupos nominais (x).

(i) (a) *A Joana faz anos [hoje].*

(b) *A Joana faz [facilmente] essa prova.*

(b') *A Joana faz [facilmente] essa prova.*

*(Em (i) (a), o advérbio é invariável, enquanto em (b) o advérbio pode ser sujeito a variação em grau, conforme (b')).*

(ii) (a) *A Joana canta pessimamente.*

(a') *\*A Joana pessimamente canta.*

(b) *A Joana hoje canta.*

(b') *A Joana canta hoje.*

*(Em (ii), observa-se que um advérbio como "hoje" tem uma posição menos fixa do que um advérbio como "pessimamente").*

(iii) (a) *A Joana canta mal.*

(b) *A Joana, felizmente, cantou.*

(c) *A Joana antigamente cantava.*

*(Os advérbios presentes nas frases listadas em (iii) têm significados bastante distintos).*

(iv) *Provavelmente, vai chover.*

(v) *Choveu ontem.*

(vi) *A Joana portou-se mal.*

(vii) *A Ana está aqui.*

(viii) *A Joana deu presentes exclusivamente aos seus amigos.*

(ix) *A Joana é demasiado rápida.*

(x) *Somente a Joana teria paciência para aquilo.*

## Advérbio conectivo

Advérbio cuja função é o estabelecimento de nexos entre frases (i) ou constituintes da frase (ii), como por exemplo relações de consequência (iii), de contraste (iv) ou ordenação (v). Tal como os advérbios de frase, os advérbios conectivos não são afectados pela negação frásica (vi) ou por estruturas

interrogativas como as ilustradas em (vii). Os advérbios conectivos distinguem-se de conjunções com valor idêntico por poderem, por exemplo, ocorrer entre o sujeito e o predicado (viii).

- (i) O Pedro falou com a Maria. [Seguidamente], foi para casa.
- (ii) Alguns alunos desta turma, [designadamente] o Pedro e o João, estão de parabéns.
- (iii) O professor caiu. [Consequentemente], partiu uma perna.
- (iv) Está frio. O João, [contudo], vestiu uns calções.
- (v) [Primeiro] batem-se os ovos com o açúcar, [seguidamente] deita-se o leite e a farinha, [finalmente] leva-se tudo ao forno.
- (vi) Hoje há greve de funcionários. A escola dos teus filhos não está fechada, contudo. (a negação frásica não está a negar o advérbio "contudo")
- (vii) \*Foi [consequentemente] que a escola dos teus filhos fechou?
- (viii) a. Está frio, mas o João fica na praia. /\*Está frio. O João, mas, fica na praia. ("mas" é uma conjunção)  
b. Está frio. Porém, o João fica na praia. /\*Está frio. O João, porém, fica na praia. ("porém" é um advérbio conectivo)

### **Advérbio de afirmação**

Advérbio utilizado em respostas a interrogativas totais (i) ou como modificador de um constituinte (ii) cujo significado contribui para asserir ou reforçar o valor afirmativo de um enunciado.

- (i) Vais à praia?  
Sim.
- (ii) A Ana não comprou livros, mas sim flores.

### **Advérbio de frase**

Advérbio com diferentes valores semânticos (i), que modifica a frase, não sendo afectado pela negação frásica (ii) ou por estruturas interrogativas como as ilustradas em (iii).

*Advérbios de frase:*

- (i) a. Os rapazes dormem, provavelmente. - Valor modal  
b. Os rapazes dormem, felizmente - Valor de orientação para o falante  
c. Matematicamente, esse facto é impossível. - Valor de orientação para o domínio.
- (ii) a. A escola dos teus filhos não está fechada, provavelmente. (não se está a negar a probabilidade de a escola estar fechada)  
b. Honestamente, tu às vezes não raciocinas. (não se está a negar "honestamente")
- (iii) a. \*Foi [provavelmente] que a escola dos teus filhos fechou?  
b. \*Foi [infelizmente] que tu adoceste?

1. O mesmo item adverbial pode pertencer a duas subclasses diferentes. Em (i), "naturalmente" é um advérbio de predicado, de acordo com (ii) e (iii), com uma interpretação de modo (iv), enquanto em (v) pertence à subclasse dos advérbios de frase, conforme (vi) e (vii), com valor afirmativo (viii).

- (i) Ele começou a falar naturalmente.
- (ii) Foi naturalmente que ele começou a falar?
- (iii) Ele começou a falar não naturalmente, mas pouco à vontade.
- (iv) Ele começou a falar de modo natural.

- (v) Naturalmente, ele começou a falar.
- (vi) \*Foi naturalmente ou possivelmente que ele começou a falar?
- (vii) \*Não naturalmente, mas possivelmente, ele começou a falar.
- (viii) Obviamente, ele começou a falar.

### Advérbio de inclusão e exclusão

Advérbio que permite realçar o constituinte que modifica, contribuindo com informação sobre, por exemplo, o seu carácter exaustivo (i) ou a sua participação ou não num determinado conjunto (ii). Estes advérbios podem ocorrer internamente ao predicado (iii) ou como modificadores de grupos adjectivais (iv), adverbiais (v), nominais (vi) ou preposicionais (vii).

- (i) a. [Só a Maria] faltou à aula.  
b. Ele fala [apenas de assuntos estranhos].
- (ii) a. [Até a Maria] faltou à aula.  
b. Como tudo, [excepto endívias].
- (iii) O João [riu mesmo].
- (iv) Ele é [apenas aborrecido].
- (v) [Só ontem] é que saí do hospital.
- (vi) Vi [até aqueles filmes].
- (vii) Gosto [até de bolachas].

### Advérbio de negação

Advérbio cujo significado contribui para reverter o valor de verdade de uma frase afirmativa ou para negar um constituinte. Este advérbio pode ser um modificador do grupo verbal ou de um constituinte do grupo verbal. A tradição gramatical considera "não" o único advérbio de negação. Em construções de negação frásica (i), a distribuição do advérbio é bastante restrita (ii). Neste caso, "não" ocorre sempre em posição de adjacência à esquerda do verbo. Quando o advérbio nega um constituinte da frase, modifica apenas esse constituinte e ocorre à sua esquerda (iii)-(v).

#### Negação frásica:

- (i) O João [não] comprou flores à Ana.
- (ii) (a) \*Não o João comprou flores à Ana.  
(b) \*O João comprou não flores à Ana.  
(c) \*O João comprou flores não à Ana.  
(d) \*O João comprou flores à Ana não.

#### Negação de constituinte:

- (iii) O João [comprou à Ana ontem [não flores]], mas livros. (modifica o grupo nominal complemento directo)
- (iv) O João [comprou flores ontem [não à Ana]], mas à Raquel. (modifica o grupo preposicional complemento indirecto)
- (v) O João [comprou flores à Ana [não ontem]], mas hoje. (modifica o grupo adverbial modificador)

Os advérbios "nunca" e "jamais", apesar de serem palavras negativas, não são advérbios de negação, uma vez que, em frases como "Eu não estive lá nunca", "nunca" não é a palavra responsável pelo valor afirmativo ou negativo da frase.

## **Advérbio de predicado**

Advérbio com diferentes valores semânticos (i), que ocorre internamente ao grupo verbal, podendo ser afectado pela negação (ii) ou por estruturas interrogativas como as ilustradas em (iii).

*Advérbios de predicado:*

- (i) a. *Os rapazes dormem ali.* - Valor locativo
- b. *Os rapazes chegaram recentemente.* - Valor temporal
- c. *Os rapazes cantam agradavelmente.* - Valor de modo
- (ii) a. *A escola dos teus filhos não fica [ali], fica na outra rua.*
- b. *Os rapazes não dormem [ali], mas no outro quarto.*
- (iii) a. *É [ali] que fica a escola dos teus filhos?*
- b. *É [ali] que dormem os rapazes?*

## **Advérbio de quantidade e grau**

Advérbio que contribui com informação sobre grau ou quantidade, que pode ocorrer internamente ao predicado (i) ou como modificador de grupos adjectivais (ii) ou adverbiais (iii).<sup>1[1]</sup> Alguns destes advérbios são utilizados para a formação do grau dos adjectivos e advérbios (iv).

- (i) *Os rapazes comeram muito.*
- (ii) *Tu estás [demasiado cansada].*
- (iii) *Tu corres [excessivamente depressa].*
- (iv) *Ele é mais alto do que tu.*

## **Artigo**

Determinante que é utilizado para indicar o grau de definitude ou especificidade do nome que precede.

(i) (a) São artigos definidos:

o / os  
a / as

(b) São artigos indefinidos:

um / uns  
uma / umas

## **Artigo definido**

Artigo utilizado, tipicamente, em contextos em que se assume que o referente do nome que precede corresponde a informação partilhada pelos participantes do discurso.

(i) *[O] rapaz comeu [o] bolo.*

## **Artigo indefinido**

Artigo utilizado, tipicamente, em contextos em que se assume que o referente do nome que precede não corresponde a informação dada, específica ou identificada.

(i) *Ando à procura de [um] carro novo, mas ainda não decidi qual vou comprar.*

---

<sup>1[1]</sup> Repetição eliminada em 01.10.2007.

### **Classe aberta de palavras**

Classe de palavras que é constituída por um número potencialmente ilimitado de palavras e à qual a evolução da língua acrescenta constantemente novos membros. É praticamente impossível enumerar todos os membros de uma classe aberta de palavras num dado momento da evolução da língua.

*São classes abertas de palavras a classe dos nomes e a classe dos verbos.*

*Como palavras recentemente acrescentadas à classe dos nomes, veja-se "telemóvel", "cromo".*

*Como palavras recentemente acrescentadas à classe dos verbos, veja-se "clicar", "surfar".*

### **Classe fechada de palavras**

Classe de palavras que é constituída por um número limitado (normalmente pequeno) de palavras e à qual a evolução da língua só muito raramente acrescenta novos membros. É normalmente fácil enumerar todos os membros de uma classe fechada de palavras.

*São classes fechadas de palavras, por exemplo, a classe das conjunções e a classe das preposições.*

### **Conjunção**

Palavra invariável, pertencente a uma classe fechada de palavras, que introduz orações (i) e constituintes coordenados (ii) e orações subordinadas completivas e adverbiais (iii-iv).

*(i) Tu foste para casa [e] eu fiquei na escola.*

*(ii) O João [e] a Maria foram para casa.*

*(iii) O Pedro disse [que] foi para casa.*

*(iv) [Quando] chegaste, fui-me embora.*

### **Conjunção coordenativa**

Conjunção que introduz um constituinte coordenado ou uma oração coordenada. As subclasses de conjunção coordenativa estabelecem-se em função do tipo de estrutura coordenada ou oração coordenada que introduzem, sendo tradicionalmente listadas as conjunções coordenativas copulativas (i), disjuntivas (ii), conclusivas (iii), adversativas (iv) e explicativas (v).

*(i) O João saiu [e] eu fiquei em casa.*

*(ii) Vais sair [ou] vais ficar em casa?*

*(iii) Penso, [logo] existo.*

*(iv) É Natal, [mas] estou triste.*

*(v) O Zé tem febre, [pois] constipou-se.*

*Algumas conjunções coordenativas são correlativas, podendo ocorrer precedendo cada um dos elementos coordenados. São exemplo de conjunções correlativas: "ou...ou", "nem...nem", "quer...quer".*

### **Conjunção subordinativa**

Conjunção que introduz uma oração subordinada completiva ou adverbial. As subclasses de conjunção subordinativa estabelecem-se em função do tipo de oração que introduzem, sendo tradicionalmente

listadas as conjunções subordinativas completivas (i), causais (ii), finais (iii), temporais (iv), concessivas (v), condicionais (vi), comparativas (vii) e consecutivas (viii). Muitas conjunções subordinativas que introduzem orações subordinadas adverbiais são locuções (ix).

- (i) a. *Diz-se [que] vai chover.*  
b. *Perguntei [se] estás contente.*  
c. *Pedi [para] te calares.*
- (ii) *O Zé tem febre, [porque] se constipou.*
- (iii) *O Zé ficou em casa, [para] ver o jogo.*
- (iv) *O Zé constipou-se, [quando] apanhou chuva.*
- (v) *[Embora] esteja doente, vou trabalhar.*
- (vi) *[Se] chover, fico em casa.*
- (vii) *Falo mais [do que] trabalho.*
- (viii) *Ele é tão alto [que] bate com a cabeça na ombreira da porta.*
- (ix) a. *[Ainda que] não te cales, não desisto.*  
b. *[Sempre que] chove, fico contente.*

### **Determinante**

Palavra pertencente a uma classe fechada que geralmente precede o nome, contribuindo para a construção do seu valor referencial. Os determinantes incluem as seguintes subclasses: artigos (i), determinantes demonstrativos (ii), determinantes possessivos (iii) e determinantes indefinidos (iv).

- (i) (a) *São artigos definidos: o / os / a / as*  
(b) *São artigos indefinidos: um / uns / uma / umas*
- (ii) *São determinantes demonstrativos:*  
*este / estes / esta / estas*  
*esse / esses / essa / essas / aquele / aqueles / aquela / aquelas*
- (iii) *São determinantes possessivos:*  
*Um possuidor:*
  - *meu, minha, meus, minhas*
  - *teu, tua, teus, tuas*
  - *seu, sua, seus, suas**Vários possuidores:*
  - *nosso, nossa, nossos, nossas*
  - *vosso, vossa, vossos, vossas*
  - *seu, sua, seus, suas*
- (iv) *São determinantes indefinidos:*
  - *certo(s) / certa(s)*
  - *outro(s) / outra(s)*

### **Determinante demonstrativo**

Determinante variável em género e número que tem um valor deíctico ou anafórico, contribuindo para a construção da referência do nome que precede tendo em conta a sua relação de proximidade ou distância com, por exemplo, um participante do discurso ou um antecedente textual.

O determinante demonstrativo não pode co-ocorrer com o artigo, conforme (ii), e, em caso de co-ocorrência com o determinante possessivo, precede-o obrigatoriamente (iii). Os determinantes demonstrativos podem ser precedidos de certos quantificadores (iv).

(i) São determinantes demonstrativos:

*este(s), estas(s)*

*esse(s), essa(s)*

*aquele(s), aquela(s)*

(ii) (a) *Este carro é azul.*

(b) *\*O este carro é azul.*

(iii) (a) *Este meu aluno chega sempre atrasado.*

(b) *\*Meu este aluno chega sempre atrasado.*

(iv) *Todos estes alunos chegaram atrasados.*

### **Determinante indefinido**

Determinante variável em gênero e número tipicamente utilizado em contextos em que se assume que o referente do nome que precede não corresponde a informação específica ou identificada. Distingue-se do artigo indefinido por poder co-ocorrer com este (ii).

(i) São determinantes indefinidos:

*certo(s), certa(s) outro(s), outra(s)*

(ii) (a) *Certos professores andam contentes.*

(b) *Uns certos professores andam contentes.*

*Quando o determinante indefinido co-ocorre com artigos definidos ou indefinidos ou com determinantes demonstrativos, o valor definido ou indefinido da expressão nominal é o veiculado pelo artigo ou pelo determinante demonstrativo.*

### **Determinante possessivo**

Determinante variável em pessoa, gênero e número e que tem um valor deíctico ou anafórico, contribuindo para a construção da referência do nome que precede através do estabelecimento de uma relação de posse entre o nome e, por exemplo, um participante do discurso (ii) ou um antecedente textual (iii).

Em contextos definidos, o determinante possessivo é obrigatoriamente precedido pelo artigo definido ou pelo demonstrativo (iv), excepto em contextos em que o grupo nominal em que se encontra tem a função de vocativo (v) ou de modificador apositivo (vi). Os determinantes possessivos podem ser precedidos de certos quantificadores (vii). Em contextos indefinidos, o determinante possessivo ocorre em posição pós-nominal (viii)-(ix).

(i) São determinantes possessivos:

*Um possuidor:*

- *meu, minha, meus, minhas*

- *teu, tua, teus, tuas*

- *seu, sua, seus, suas*

*Vários possuidores:*

- *nosso, nossa, nossos, nossas*

- *vosso, vossa, vossos, vossas*

- *seu, sua, seus, suas*

(ii) *O [meu] carro é o melhor.*

(iii) *Todos os pais pegaram nos [seus] filhos e saíram.*

(iv) (a) *{Este / O} [meu] aluno chega sempre atrasado.*

(b) *\*[Meu] {este / O} aluno chega sempre atrasado.*

(v) *[Meu] filho, vem comer a sopa.*

(vi) *...a D. Afonso Henriques, D. Sancho I, [seu] filho primogénito, sucedeu-lhe.*

(vii) *Todos {estes / os} [meus] alunos chegaram atrasados.*

(viii) *Um amigo meu mora ali.*

(ix) *Alunos meus não fariam isso.*

*Nem sempre os determinantes possessivos expressam uma relação de posse. Por exemplo, num contexto como "a minha fotografia", há três interpretações possíveis: a) a fotografia que eu possuo (posse); b) a fotografia que eu tirei (agente); c) a fotografia que me tiraram (objecto).*

### **Interjeição**

Palavra invariável que pertence a uma classe aberta. Uma interjeição não estabelece relações sintácticas com outras palavras e tem uma função exclusivamente emotiva. O valor de cada interjeição depende do contexto de enunciação e corresponde a uma atitude do falante ou enunciador. A tradição gramatical luso-brasileira classifica semanticamente as interjeições, conforme os exemplos (i) a (xi).

(i) *De alegria: ah!, oh!, ...*

(ii) *De animação: eia!, vamos!, ...*

(iii) *De aplauso: bravo!, viva!, ...*

(iv) *De desejo: oh!, oxalá!, ...*

(v) *De dor: ai!, ui!, ...*

(vi) *De espanto ou surpresa: ah!, hi!, ...*

(vii) *De impaciência: irra!, hem!, ...*

(viii) *De invocação: ó!, pst!, ...*

(ix) *De silêncio: psiu!, silêncio!, ...*

(x) *De suspensão: alto!, basta!, ...*

(xi) *De terror: ui!, uh!, ...*

### **Locução**

Sequência de palavras que funciona, sintáctica e semanticamente, como uma só.

*Locuções adverbiais: "em breve", "com certeza";*

*Locuções prepositivas: "em cima de", "debaixo de";*

*Locuções conjuntivas: "assim que", "logo que", "ainda que".*

### **Nome**

Palavra pertencente a uma classe aberta de palavras, que permite variação em género (i), em número (ii) e, em alguns casos, em grau aumentativo e diminutivo (iii). O nome é o núcleo do grupo nominal, podendo co-ocorrer com determinantes ou quantificadores, que o antecedem. À semelhança do que acontece com os verbos, alguns nomes podem seleccionar complementos (iv).



- (i) menino / menina
- (ii) menino / meninos
- (iii) cão / cãozinho / cãozarrão
- (iv) a invasão da Gália

O termo "substantivo" é sinónimo de "nome".

### **Nome colectivo**

Nome singular que se aplica a um conjunto de objectos ou entidades do mesmo tipo (i). Há nomes colectivos contáveis, como os exemplificados em (i), e nomes colectivos não contáveis, que não aceitam plural, como os exemplificados em (ii).

- (i) rebanho, alcateia, multidão
- (ii) fauna, flora

### **Nome comum**

Nome que não designa necessariamente um referente único, pelo que não é completamente determinado (i-ii), admitindo complementos ou modificadores de nome restritivos (iii-iv) e pluralização (v-vi).

- (i) Aquela região é bonita.
- (ii) O rapaz ganhou um prémio.
- (iii) A região que visitámos é bonita.
- (iv) O rapaz inteligente ganhou um prémio.
- (v) Aquelas regiões são bonitas.
- (vi) Os rapazes ganharam o prémio.

### **Nome contável**

Nomes comuns que se aplicam a objectos ou referentes que podem ser diferenciados como partes singulares ou partes plurais de um conjunto (i). Assim, podem ocorrer em construções de enumeração (ii) e a forma de plural marca uma oposição quantitativa (iii).

- (i) O [aluno] estudou muito para o teste.
- (ii) Um [aluno] estudou muito, dois [alunos] faltaram e muitos quiseram mudar a data do teste.
- (iii) Um aluno / dois alunos / muitos alunos.

### **Nome não-contável**

Nomes comuns que se aplicam a conjuntos de objectos ou entidades em que não é possível distinguir partes singulares de partes plurais, conforme exemplos (i) a (iii). Por esta razão, estes nomes não ocorrem, tipicamente, em construções de enumeração (iv) nem co-ocorrem com alguns quantificadores e determinantes (v). As construções de plural dos nomes não contáveis não designam uma oposição quantitativa, mas sim qualitativa (vi).

- (i) A [farinha] é um ingrediente essencial dos bolos.
- (ii) Essa peça de [bronze] devia estar no museu.

- (iii) *A [educação] é essencial para a democracia.*
- (iv) *\*Uma educação, duas educações,*
- (v) *\*Certas / várias educações, ...*
- (vi) *Há várias farinhas no mercado. (= existem várias qualidades de farinha no mercado).*

*Os nomes não contáveis que denotam entidades que podem ser medidas também são designados como "nomes massivos".*

### **Nome próprio**

Nome que designa um referente fixo e único num dado contexto discursivo, pelo que é completamente determinado (i-ii), não admitindo complementos ou modificadores de nome restritivos (iii-iv) ou variação em número (v-vi).

- (i) *Portugal é bonito.*
- (ii) *O João ganhou um prémio.*
- (iii) *\*Portugal que visitámos é bonito.*
- (iv) *\*O João inteligente ganhou um prémio.*
- (v) *\*Portugais são bonitos.*
- (vi) *\*Os Joões ganharam um prémio.*

*Em contextos discursivos específicos, os nomes próprios podem ser usados como nomes comuns:*

- (i) *O Porto que eu conheci já não existe.*

### **Numeral cardinal**

Quantificador que atribui uma quantidade precisa (expressa em termos numéricos) ao nome com que se combina ou a que se refere.

*São quantificadores numerais cardinais:*

*um, dois, três, quatro, ...*

- (1) *Comprei [duas camisolas].*

*Alguns numerais cardinais são locuções formadas com nomes como "dúzia" ou "milhar".*

### **Numeral fraccionário**

Locução formada com nomes como "metade", "terço", "quarto" que expressa uma parte de uma quantidade.

*São quantificadores numerais fraccionários:*

*metade, terço, quarto, quinto, ...*

*Muitas outras expressões de quantidade e medida, como "uma porção de", "um litro de", etc. funcionam sintáctica e semanticamente de forma semelhante aos quantificadores numerais fraccionários.*

### **Numeral multiplicativo**

Locução formada com nomes como "dobro", "triplo" que expressa um múltiplo de uma quantidade.

*São quantificadores numerais multiplicativos:*

*dobro, triplo, quádruplo, quántuplo,...*

### **Preposição**

Palavra invariável, pertencente a uma classe fechada de palavras, que pode ter como complemento quer orações, quer grupos nominais, quer advérbios, obrigando qualquer pronome contido num grupo nominal que ocorra como seu complemento a apresentar caso oblíquo ((i), (ii)).

(i) *Ele quer jogar [contra mim].*

(ii) *\*Ele quer jogar [contra eu].*

O seguinte conjunto de palavras é normalmente listado como constituindo o conjunto das preposições em Português:

*a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, segundo, sem, sob, sobre, trás.*

### **Pronome**

Palavra pertencente a uma classe fechada de palavras que, em alguns casos, permite variação em género e número, noutros em pessoa, género e número e noutros permite variação em caso. Ao contrário do que acontece com o determinante, o pronome não pode preceder um nome (a menos que sejam separados por uma pausa).

(i) *ele - Ele vai a casa.*

(ii) *este - Este é o melhor.*

(iii) *meu - O meu é o melhor.*

*Impossibilidade de co-ocorrência de nomes e pronomes:*

(iv) *\*Ele Miguel é bonito.*

(v) *O meu carro é o melhor. (neste caso, a co-ocorrência só é possível porque "meu" é um determinante e não um pronome)*

### **Pronome demonstrativo**

Pronome que admite variação em género e número e que tem um valor deíctico ou anafórico, estabelecendo a sua referência tendo em conta a sua relação de proximidade ou distância com, por exemplo, um participante do discurso ou um antecedente textual.

*Pronomes demonstrativos:*

a) *Formas tónicas*

- *este(s), esta(s), isto*

- *esse(s), essa(s), isso*

- *aquele(s), aquela(s), aquilo*

b) *Forma átona*

- *o*

(i) *[Isto] incomoda-me.*

(ii) *Ele disse-[o] (= ele disse isso / ele disse que ...)*

(iii) *Este rapaz é um palerma e [aquele] também...*

### **Pronome indefinido**

Pronome que admite variação em género e número, correspondente ao uso pronominal de um quantificador ou de um determinante indefinido.

(i) [Alguém] bateu à porta.

Ele comeu [tudo].

[Ninguém] lhe telefonou.

(ii) [Todos] vieram à festa.

Tu compraste muitos livros, mas eu só comprei [alguns].

### **Pronome interrogativo**

Pronome que identifica o constituinte interrogado em frases interrogativas parciais (i)-(iii).

São pronomes interrogativos:

- o que, o quê

- quem

- que

(i) Quem encontraste?

(ii) Fizeste o quê?

(iii) Quantas encontraste?

Nem todas as palavras que identificam o constituinte interrogado em frases interrogativas parciais são pronomes. Assim, quando uma palavra interrogativa precede um nome, trata-se de um determinante interrogativo, como "que" em "que livro leste?"; se precede um nome e tem valor quantificacional, trata-se de um quantificador interrogativo, como "quanto(s)/quanta(s)" em "quantos livros leste?"; se não é de natureza nominal, trata-se de um advérbio interrogativo, como "onde", "como" e "porque/porquê".

### **Pronome pessoal**

Pronome que admite variação em caso, pessoa, género e número e que se refere, geralmente, aos participantes do discurso.

O pronome pessoal tem formas tónicas e formas átonas. São formas átonas as formas do pronome pessoal que ocorrem sistematicamente adjacentes ao verbo (à esquerda do verbo - em próclise - ou à direita - em ênclise -, ou ainda no interior das formas de futuro e futuro do pretérito - em mesóclise); são formas tónicas as restantes formas. As formas da variante átona do pronome pessoal cuja terceira pessoa é "se" podem assumir diferentes valores, funcionando como marcadores de reflexividade (i) e reciprocidade (ii). Podem ainda ocorrer como marcadores de indefinição do sujeito (valor impessoal – ocorrendo exclusivamente na terceira pessoa) (iii), de uma estratégia de passivização (valor passivo – ocorrendo exclusivamente na terceira pessoa) (iv) ou como parte integrante do verbo com que se combinam (valor inerente) (v).

*Pronomes pessoais tónicos: eu, tu, você, ele / ela, nós, vós, vocês, eles / elas; mim, ti, si.*

*Pronomes pessoais átonos: me, te, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes, se.*

(i) O João viu-se no espelho.

(ii) O João e a Maria encontraram-se na rua.

(iii) Dorme-se bem neste colchão.

(iv) Dizem-se coisas estranhas neste país.

(v) A Maria porta-se mal.

1. São formas de contracção do pronome pessoal tónico com a preposição "com" as seguintes formas: *comigo, contigo, connosco, convosco, consigo.*

2. São formas de contracção de dois pronomes pessoais as formas "mo(s)"/"ma(s)" (contracção de "me" e "o(s)"/"a(s)"), "to(s)"/"ta(s)" (contracção de "te" e "o(s)"/"a(s)"), "lho(s)"/"lha(s)" (contracção de "lhe" e "o(s)"/"a(s)").

### **Pronome possessivo**

Pronome que admite variação em pessoa, género e número e que tem um valor deíctico ou anafórico, referindo-se, tipicamente, a um participante do discurso ou a um antecedente tomado como possuidor. Os pronomes possessivos são geralmente precedidos de artigo definido.

*Pronomes possessivos:*

*Um possuidor:*

- *meu, minha, meus, minhas*
- *teu, tua, teus, tuas*
- *seu, sua, seus, suas*

*Vários possuidores:*

- *nosso, nossa, nossos, nossas*
- *vosso, vossa, vossos, vossas*
- *seu, sua, seus, suas*

*Na frase seguinte, "teus" é um pronome possessivo:*

*(i) Os filhos da Maria estão óptimos! E os teus?*

*Nem sempre os pronomes possessivos expressam uma relação de posse. Por exemplo, num contexto como "Esta é a minha fotografia, aquela é a tua", há três interpretações possíveis para o pronome "tua": a) a fotografia que tu possuis (posse); b) a fotografia que tu tiraste (agente); c) a fotografia que te tiraram (objecto).*

### **Pronome relativo**

Pronome que ocorre no início das orações relativas.

*São pronomes relativos:*

*Variáveis:*

- *o qual, os quais, a qual, as quais*

*Invariáveis:*

- *que*
- *quem*

*(i) Encontrei o livro [de que me falaste].*

*(ii) Conheço [quem te pode ajudar].*

1. Note-se que o pronome relativo tem uma função dupla na oração adjectiva ou substantiva em que ocorre, na medida em que:

*(i) sendo um pronome, desempenha uma função sintáctica;*

*(ii) serve de conector ou elemento de ligação entre a oração subordinada e o nome ou grupo nominal que modifica.*

2. Como o exemplo (i) mostra, quando o pronome relativo faz parte de um grupo preposicional, todo o grupo preposicional ocorre em posição inicial da oração relativa.

3. Nem todas as palavras que introduzem orações relativas pertencem à classe dos pronomes, como é o caso dos advérbios relativos "onde", "como", dos quantificadores relativos "quanto(s)/quanta(s)" e do determinante relativo "cujo(s)/cuja(s)".

## **Quantificador**

Palavra que contribui para a construção do valor referencial de um nome com que se combina e cujo significado expressa informação relacionada com número, quantidade ou parte do seu referente, independentemente da sua definitude.

### **Quantificador existencial**

Quantificador utilizado para asserir a existência do nome com que se combina sem remeter para a totalidade dos elementos de um conjunto (i) ou para expressar uma quantidade não precisa (ii) ou relativa a um valor considerado como ponto de referência (iii).

*São quantificadores existenciais:*

*algum / alguns*

*bastante(s)*

*pouco(s)*

*tanto(s)*

*vários / várias*

*(i) Alguns alunos faltaram ao teste. (do conjunto de alunos considerados só uma parte faltou ao teste)*

*(ii) Vários alunos faltaram ao teste. (uma quantidade não precisa de alunos faltou ao teste)*

*(iii) Muitos alunos faltaram ao teste. (o número de alunos que faltou ao teste é superior à quantidade média)*

### **Quantificador universal**

Quantificador que induz uma leitura do grupo nominal relativa a todos os elementos de um conjunto.

*São quantificadores universais:*

*todo(s), toda(s), ambos, cada, qualquer e nenhum(a)/ nenhuns(mas).*

*(1) Todo o homem é mortal. (= Para todo o homem, verifica-se que ele é mortal.)*

*(2) Qualquer animal selvagem sabe procurar comida. (= Para todo o animal selvagem, verifica-se que ele sabe procurar comida.)*

## **Verbo**

Palavra pertencente a uma classe aberta de palavras que flexiona em tempo, modo, pessoa e número, e que constitui o elemento principal do grupo verbal.

*comer, brincar, passear, viajar*

## **Verbo auxiliar**

Verbo que co-ocorre, precedendo-o, com um verbo principal e que não determina quais os complementos ou o sujeito que ocorrem na frase. Os verbos auxiliares são usados para a formação de tempos compostos (i), para a formação de frases passivas (ii), ou para veicular informação temporal (iii), aspectual (iv) e modal (v). Numa mesma frase, pode haver mais do que um verbo auxiliar (vi)-(vii).

- (i) *A Eva tem brincado bastante.*
- (ii) *O bolo de aniversário foi encomendado.*
- (iii) *A Eva vai brincar no jardim.*
- (iv) *A Eva está a brincar no jardim.*
- (v) *A Joana devia ir ao médico.*
- (vi) *A Joana deve ir brincar no jardim.*
- (vii) *O problema podia ter sido explicado de outra forma.*

### **Verbo copulativo**

Verbo que ocorre numa frase em que existe um constituinte com a função sintáctica de sujeito e outro com a função sintáctica de predicativo do sujeito.

*Costumam listar-se como verbos copulativos os seguintes: ser, estar, ficar, parecer (como em "parecer doente"), permanecer, continuar (como em "continuar calado") e tornar-se.*

- (i) *A Teresa está doente.*
- (ii) *A Ana é veterinária.*
- (iii) *A Margarida ficou calada.*
- (iv) *A Margarida continua em Lisboa.*

### **Verbo intransitivo**

Verbo principal que não selecciona complementos.

- (i) *O Miguel desmaiou.*
- (ii) *\*O Miguel desmaiou a mãe.*
- (iii) *A Zé tossiu.*
- (iv) *\*A Zé tossiu o hospital.*

### **Verbo principal**

Verbo que, numa frase ou oração, determina:

- a ocorrência de um sujeito e de um ou vários complementos;
- a categoria e interpretação do sujeito, dos complementos. Os verbos principais dividem-se em várias subclasses organizadas de acordo com a possibilidade de seleccionarem sujeito ou predicativos e com a natureza categorial dos seus complementos. Um mesmo verbo pode pertencer a diferentes subclasses em função do contexto de ocorrência.

*A natureza nominal ou preposicional do complemento, nas frases "o Pedro gosta de bolos" ou "o Pedro adora bolos", depende da presença dos verbos principais "gostar" e "adorar". Pelo contrário, a presença de um verbo auxiliar, como nas frases "o Pedro tinha gostado do bolo" ou "o Pedro tinha adorado o bolo", não altera a natureza dos complementos. O facto de o sujeito das frases "o João adoeceu" e "o João cantou" ser interpretado de forma diferente depende, também, do verbo principal, na medida em que apenas na segunda frase o sujeito é um agente.*

### **Verbo transitivo directo**

Verbo principal que selecciona um sujeito e um complemento com a função sintáctica de complemento directo (i)-(iv).

- (i) *A Ana fechou a porta.*
- (ii) *A Ana fechou-a.*
- (iii) *\*A Ana fechou. (agramatical como frase isolada)*
- (iv) *A Ana pediu [que fechassem a porta].*
- (v) *A Ana pediu-o.*
- (vi) *\*A Ana pediu. (agramatical como frase isolada)*

### **Verbo transitivo directo e indirecto**

Verbo principal que selecciona um sujeito e dois complementos: um com a função sintáctica de complemento directo e outro com a de complemento indirecto (i)-(iv) ou de complemento oblíquo (v)-(viii).

- (i) *A Teresa deu o livro à professora.*
- (ii) *A Teresa deu-o à professora.*
- (iii) *A Teresa deu-lhe o livro.*
- (iv) *A Teresa deu-lho. (v) O Pedro pôs os livros na estante.*
- (vi) *O Pedro pô-los na estante.*
- (vii) *O Pedro pôs os livros aí.*
- (viii) *O Pedro pô-los aí.*

### **Verbo transitivo indirecto**

Verbo principal que selecciona um sujeito e um complemento indirecto (i)-(ii) ou oblíquo (iv)-(v).

- (i) *A prenda agradou à Ana.*
- (ii) *A prenda agradou-lhe.*
- (iii) *\*A prenda agradou.*
- (iv) *A Margarida vai a Paris.*
- (v) *A Margarida vai lá.*
- (vi) *\*A Margarida vai.*

### **Verbo transitivo-predicativo**

Verbo principal que selecciona um sujeito, um complemento directo e um predicativo do complemento directo.

- (i) *A Teresa acha o Pedro feio.*
- (ii) *A Teresa acha-o feio.*

Os verbos transitivos-predicativos conseguem distinguir-se dos verbos transitivos directos através da substituição do complemento directo por um pronome. Assim, observa-se que, em frases como "o Pedro



*leu um livro horrível"/"o Pedro leu-o"/"o Pedro leu-o horrível", não há predicativo do complemento directo (não havendo, conseqüentemente, verbo transitivo-predicativo), enquanto em frases como "o Pedro considera o livro horrível"/"o Pedro considera-o horrível" a expressão "horrível" não faz parte do complemento directo, funcionando como predicativo do complemento directo.*

## **DOMÍNIO B.4: SINTAXE**

Disciplina da linguística que estuda a forma como as palavras se combinam para formar unidades maiores. A unidade máxima de análise sintáctica é a frase.

**Termos por ordem alfabética:**

### **Assindética**

Construção de coordenação cujos membros não iniciais não são introduzidos por uma conjunção.

- frase complexa formada por coordenação em que nenhuma das orações coordenadas é introduzida por conjunção:

[O João foi à escola], [a Teresa ficou em casa].

- construção de coordenação não frásica em que os elementos coordenados não são introduzidos por uma conjunção:

A Eva partiu [um copo], [um prato]...

A tradição gramatical luso-brasileira aplica normalmente o termo "assindética" a estruturas de coordenação, não o aplicando a estruturas de subordinação.

### **Complemento**

Função sintáctica, distinta da função de sujeito, desempenhada por um constituinte seleccionado por um verbo, nome, adjectivo, preposição ou advérbio.

Na frase (i), o grupo nominal "o bolo" é complemento do verbo "comeu". Sabe-se que este constituinte é um complemento do verbo, porque a sua presença na frase depende deste verbo, conforme se atesta em (ii):

(i) O João comeu o bolo.

(ii) \*O João tossiu o bolo. (frase agramatical porque "o bolo" não é seleccionado por "tossiu")  
O João tossiu.

Na frase (iii), a oração completiva "de comprarmos uma casa" é complemento do nome "ideia". Sabe-se que este constituinte é um complemento do nome, porque a sua presença na frase depende deste nome, conforme se atesta em (iv):

(iii) A ideia de comprarmos uma casa agrada-me.

(iv) \*A camisola de comprarmos uma casa agrada-me.  
A camisola agrada-me.

Na frase (v), o grupo preposicional "do filho" é complemento do adjectivo "orgulhoso". Sabe-se que este constituinte é um complemento do adjectivo, porque a sua presença na frase depende do adjectivo, conforme se atesta em (vi):

(v) O Pedro está orgulhoso do seu filho.

(vi) \*O Pedro está louco do seu filho.  
O Pedro está louco.

Na frase (vii), o grupo nominal "casa" é complemento da preposição "em":

(vii) O Pedro está em casa.

O complemento distingue-se do modificador, porque este não é seleccionado. Assim, a ausência de um complemento pode gerar uma frase anómala (i), o que não acontece com um modificador (ii).

(i) a. O João porta-se mal.

b. \*O João porta-se.

(ii) a. O João cantou mal.

b. O João cantou.

### Complemento agente da passiva

Função sintáctica desempenhada por um grupo preposicional presente numa frase passiva, que corresponde ao sujeito na frase activa com o mesmo significado.

(i) A baleia foi encontrada [por um pescador]. (activa correspondente: "Um pescador encontrou a baleia")

(ii) O cão está a ser tratado [pelo veterinário]. (activa correspondente: "O veterinário está a tratar o cão.")

### Complemento directo

Complemento seleccionado pelo verbo, que pode ter uma das seguintes formas:

- grupo nominal substituível por um pronome pessoal acusativo ("o", "a", "os" ou "as");
- oração subordinada substantiva substituível pelo pronome demonstrativo átono "o".

Complementos directos nominais:

(i) O João comeu [o bolo].

O João comeu-[o].

(ii) A Margarida perdeu [a mala que a mãe lhe deu].

A Margarida perdeu-[a].

Complementos directos oracionais:

(iii) A Margarida disse [que o João comeu o bolo].

A Margarida disse-[o].

(iv) A Margarida também perguntou [se a tua mãe está melhor].

A Margarida também [o] perguntou.

### Complemento do adjectivo

Complemento seleccionado por um adjectivo. O complemento do adjectivo pode ser um grupo preposicional (oracional (i) ou não oracional (ii)).

Os complementos do adjectivo são sempre de preenchimento opcional.

(i) O João está [contente [por te ter convidado]] ([por te ter convidado] é complemento do adjectivo "contente" no grupo adjectival [contente por te ter convidado]).

(ii) O João está [contente [com a situação]] ([com a situação] é complemento do adjectivo "contente" no grupo adjectival [contente com a situação]).

### Complemento do nome

Complemento seleccionado por um nome. O complemento do nome pode ser um grupo preposicional (oracional (i) ou não oracional (ii)) ou, menos frequentemente, um grupo adjectival (iii).

Um nome pode seleccionar mais de um complemento (iv). Os complementos do nome são sempre de preenchimento opcional.

(i) *[A ideia [de que o João aceitaria o lugar]] é absurda. ([de que o João aceitaria o lugar] é o complemento do nome "ideia" no grupo nominal [a ideia de que o João aceitaria o lugar])*

(ii) *[A construção [do edifício]] parece-me difícil. ([do edifício] é complemento do nome "construção" no grupo nominal [a construção do edifício])*

(iii) *[A pesca [baleeira]] tem vindo a aumentar. ([baleeira] é o complemento do nome "pesca" no grupo nominal [a pesca baleeira])*

(iv) *[A oferta [de livros] [às bibliotecas escolares]] é importante. ([de livros] e [às bibliotecas escolares] são complementos do nome "oferta" no grupo nominal [a oferta de livros às bibliotecas escolares])*

### **Complemento indirecto**

Complemento seleccionado pelo verbo, que tem a forma de grupo preposicional e pode ser substituído pelo pronome pessoal na sua forma dativa ("lhe" / "lhes") (i-iii).

(i) *O Pedro deu uma prenda [aos pais].*

*O Pedro deu-[lhes] uma prenda.*

(ii) *O Pedro telefonou [ao médico de que lhe falei].*

*O Pedro telefonou-[lhe].*

(iii) *O Pedro telefonou [ao médico amigo da minha mãe].*

*O Pedro telefonou-[lhe].*

### **Complemento oblíquo**

Complemento seleccionado pelo verbo, que pode ter uma das seguintes formas:

- grupo preposicional que não é substituível pelo pronome pessoal na sua forma dativa ("lhe" / "lhes") (i-ii).

- grupo adverbial (iii).

- a coordenação de qualquer uma destas formas (por exemplo (iv)).

(i) *O João foi [a Nova Iorque].*

*\*O João foi-lhe.*

(ii) *O João gosta [de bolos].*

*\*O João gosta-lhes.*

(iii) *O João mora [aqui].*

(iv) *O João vive [aqui ou em Lisboa]?*

*Um complemento oblíquo pode ter diferentes valores semânticos, conforme exemplificado em (i) e (ii).*

### **Complexo verbal**

Sequência de um ou mais verbos em que apenas um deles é um verbo principal e os restantes verbos são verbos auxiliares.

- (i) *O João tem trabalhado muito. (complexo verbal: "tem trabalhado")*  
 (ii) *O João tem de começar a trabalhar muito. (complexo verbal: "tem de começar a trabalhar")*  
 (iii) *O João vai começar a poder trabalhar muito. (complexo verbal: "vai começar a poder trabalhar")*

### **Concordância**

Processo gramatical em que duas ou mais palavras partilham traços flexionais de pessoa, género ou número por se encontrarem numa determinada configuração sintáctica. Existe concordância obrigatória nos seguintes contextos: entre sujeito e verbo flexionado no predicado (i); entre determinante e nome (ii); entre quantificador e nome (iii); entre nome e adjectivo (iv); entre sujeito e predicativo do sujeito (adjectival ou nominal) (v); entre complemento directo e predicativo do complemento directo (adjectival) (vi); entre sujeito e participio passado em construções passivas (vii).

- (i) a. *Nós chegámos.*  
       b. *Chegaram o Rei de Espanha e as suas filhas.*  
 (ii) *O menino*  
 (iii) *Alguns meninos*  
 (iv) *meninas simpáticas*  
 (v) *Os rapazes estão cansados.*  
 (vi) *Acho estes rapazes loucos.*  
 (vii) *Os bancos foram assaltados.*

### **Coordenação**

Processo sintáctico que consiste na junção de duas ou mais unidades linguísticas com a mesma categoria e/ou com a mesma função sintáctica. Os constituintes coordenados podem ser frases ou orações, grupos nominais, grupos adjectivais, grupos verbais, grupos adverbiais ou grupos preposicionais.

*Elementos coordenados:*

- *frases:*

*O João foi ao cinema e a Maria encontrou-o.*

*O João foi ao cinema, o Paulo foi ao teatro e a Maria ficou em casa.*

- *grupos nominais:*

*Comprei arroz e legumes.*

*Queres couve-flor, beterraba ou espinafres?*

- *grupos adjectivais:*

*Ela é baixa e gordinha.*

*Ela é irritante e aborrecida.*

- *grupos verbais:*

*Ele tem bebido o leite e comido a papa.*

*Ele tem bebido leite, comido a papa e tomado o xarope.*

- *grupos adverbiais:*

*Ele não trabalha nem bem nem depressa.*

*Queres ir ao cinema hoje, amanhã ou depois?*

- *grupos preposicionais:*

*Fiz a viagem de carro e de avião.*

*Fiz o percurso de carro, de bicicleta e a pé.*

## Elipse

Omissão não obrigatória de uma parte de uma frase, que pode ser recuperada a partir do contexto linguístico (i) ou extralinguístico (ii).

(i) a) *O Miguel foi ao cinema e a Maria também foi.*

b) *O Miguel foi ao cinema e a Maria também.*

*(Note-se que ambas as frases são parafraseáveis por "O Miguel foi ao cinema e a Maria também foi ao cinema").*

(ii) *(apontando para um copo de sumo): Também quero.*

## Frase

Enunciado em que se estabelece uma relação de predicação, que contém, no mínimo, um verbo principal, podendo ainda incluir elementos como o sujeito, complementos seleccionados, predicativos e eventuais modificadores.

*Há frases que aparentam não ter verbo principal, como a resposta no exemplo (i):*

(i) *A: Vais ver esse filme?*

*B: Vou.*

*Na verdade, em contextos deste tipo, considera-se que o verbo principal foi apagado ou pode ser subentendido através de um processo de elipse.*

## Frase activa

Construção em que participam alguns verbos transitivos directos, transitivos directos e indirectos ou transitivos predicativos, que se opõe às frases passivas, na medida em que os constituintes interpretados como sujeito e complemento de uma relação de predicação são realizados como sujeito e complemento directo.

*"Os bandidos assaltaram dois bancos" é a frase activa correspondente à frase passiva "Foram assaltados dois bancos pelos bandidos".*

## Frase complexa

Frase em que existe mais do que um verbo principal ou copulativo.

*Frases complexas:*

(i) *O João disse que vai ao cinema.*

(ii) *O João quer ir ao cinema.*

(iii) *O João fica feliz, se for ao cinema.*

(iv) *Chegando a casa, falo contigo.*

(v) *O João caiu e a Maria tropeçou.*

## Frase passiva

Construção em que participam alguns verbos transitivos directos, transitivos directos e indirectos ou transitivos predicativos, na qual o constituinte interpretado como complemento de uma relação de predicação é realizado como sujeito, sendo o verbo conjugado numa forma composta, com o auxiliar "ser".

"Foram assaltados dois bancos" é uma frase passiva.

### **Frase simples**

Frase em que existe um único verbo principal ou copulativo.

*Frases simples:*

- (i) *O João foi a casa.*
- (ii) *O João está doente.*
- (iii) *O João pode ficar em casa.*
- (iv) *O João vai ficar doente.*

### **Grupo adjetival**

Grupo de palavras cujo constituinte principal é um adjectivo e que funciona como uma unidade sintáctica. O grupo adjetival pode ser constituído exclusivamente por um adjectivo (i), ou por um adjectivo que co-ocorre com complemento (ii) e/ou advérbios de quantidade e grau (iii).

- (i) *Uma mulher [misteriosa] pediu a palavra.*
- (ii) a. *Os alunos estão [felizes [com a escola]].*  
b. *Esta crise é [impossível [de aguentar]].*
- (iii) a. *A Rita é uma rapariga [muito [inteligente]].*  
b. *[O mais [inteligente]] dos meus alunos vive em Lisboa.*

### **Grupo adverbial**

Grupo de palavras cujo constituinte principal é um advérbio e que funciona como uma unidade sintáctica. Um grupo adverbial pode ser constituído exclusivamente por um advérbio (i), por um advérbio e pelo seu complemento (ii) e/ou por um advérbio e outro(s) advérbio(s) que o preceda(m) (iii).

- (i) *O João viu a Maria [ontem].*
- (ii) *[Independentemente da tua opinião], isto funciona.*
- (iii) *O João é o rapaz que corre [mais rapidamente].*

### **Grupo nominal**

Grupo de palavras cujo constituinte principal é um nome ou um pronome e que funciona como uma unidade sintáctica.

Um grupo nominal pode ser constituído exclusivamente por um nome ou por um pronome (i) ou por um nome que co-ocorre com complemento(s) (ii), modificadores (iii) e determinantes e/ou quantificadores (iv).

- (i) *[Lisboa] é a capital de Portugal.*  
*[Ela] chegou.*
- (ii) *[ A [construção] da ponte] demorou vários anos.*
- (iii) *[A [rapariga] que conhecestes] vive nessa casa.*
- (iv) *[Todos os meus [irmãos]] vivem em Lisboa.*

### **Grupo preposicional**

Grupo de palavras cujo constituinte principal é uma preposição e que funciona como uma unidade sintáctica.

Todos os grupos preposicionais são formados pelo núcleo preposicional e pelo seu complemento.

O complemento exigido por uma preposição pode ser um grupo nominal, um advérbio ou uma oração, pelo que um grupo preposicional pode ser constituído por: uma preposição e um grupo nominal (i); uma preposição e um advérbio (ii); uma preposição e uma oração (iii).

*(i) uma preposição e um grupo nominal:*

*Duvido [de pessoas demasiado simpáticas].*

*(ii) uma preposição e um advérbio:*

*Quero falar-te [desde ontem].*

*(iii) uma preposição e uma oração:*

*[Em [acabando o trabalho]], vou ao café.*

### **Grupo verbal**

Grupo de palavras cujo constituinte principal é um verbo e que funciona como uma unidade sintáctica. O grupo verbal pode ser constituído exclusivamente pelo verbo ou complexo verbal (i), ou por um verbo e pelos seus complementos (ii) e/ou modificadores (iii).

*(i) a. [Chove].*

*b. A Teresa [caiu].*

*c. A Teresa [tinha espirrado].*

*(ii) A Eva [encontrou o João].*

*(iii) O Rui [telefonou ao Miguel ontem].*

### **Modificador**

Função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma frase (i). Os modificadores podem relacionar-se com frases ou orações (ii), constituintes verbais (iii) ou nominais (iv).

Os modificadores podem ter diferentes formas (v) e diferentes valores semânticos (vi).

*(i) (a) O camião explodiu [aqui].*

*(b) O camião explodiu.*

*(ii) [Felizmente], vou ficar em casa.*

*[Matematicamente], isso está errado.*

*(iii) A Ana cantou [ontem].*

*A Ana cantou [mal].*

*(iv) O rapaz [gordo] chegou.*

*O rapaz [que tu conheces] chegou.*

*(v) Modificadores com diferentes formas (grupo adverbial, grupo preposicional e oração) e com valor semântico idêntico (temporal):*

*A Ana cantou [ontem].*

*A Ana cantou [naquele dia].*

*A Ana cantou [quando tu chegaste de França].*



(vi) *Modificadores com forma idêntica e diferentes valores semânticos (locativo, temporal e de modo):*

*A Ana cantou [naquela sala].*

*A Ana cantou [naquele dia].*

*A Ana cantou [daquela maneira].*

### **Modificador do nome apositivo**

Modificador do nome que não restringe a referência do nome que modifica (i).

Os elementos que podem funcionar como modificadores do nome apositivos são, tipicamente, grupos nominais (ii) ou orações relativas explicativas (iii).

(i) (a) *Os escuteiros, que são simpáticos, brincaram com as crianças.*

(b) *\*Os escuteiros, que são simpáticos, brincaram com as crianças, os antipáticos não.*

*(a relativa "que são simpáticos" não restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, não define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "simpáticos" não restringir a referência de "escuteiros", não é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos - por isso mesmo, a frase (ib) não é aceitável).*

(ii) *[D. Afonso II [, o gordo,]] tem um novo monumento.*

(iii) *[Os lobos [,que são mamíferos,]] são animais muito bonitos.*

*Na escrita, os modificadores apositivos são sempre separados por vírgulas dos nomes a que se referem (cf. exemplos).*

### **Modificador do nome restritivo**

Modificador do nome que limita, i.e., restringe a referência do nome que modifica (i).

Os elementos que podem funcionar como modificadores do nome restritivos podem ser grupos adjectivais (ii), grupos preposicionais (iii) ou orações subordinadas adjectivas (iv).

(i) (a) *Os escuteiros que são simpáticos brincaram com as crianças.*

(b) *Os escuteiros que são simpáticos brincaram com as crianças, os antipáticos não.*

*(a relativa "que são simpáticos" restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "que são simpáticos" restringir a referência de "escuteiros", é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos - por isso mesmo, a frase (ib) é aceitável).*

(ii) *Adoro [flores [frescas e coloridas]].*

(iii) *[O rapaz [de barba]] é meu aluno.*

(iv) *[Os lobos [que vivem no Parque Peneda-Gerês]] estão em vias de extinção.*

*Na escrita, os modificadores restritivos não podem ser separados por vírgulas dos nomes a que se referem (cf. exemplos).*

### **Oração**

Designação tradicional para os constituintes frásicos coordenados e subordinados contidos em frases complexas.

*A frase "Eu disse que vai chover" inclui a oração [que vai chover].*

### **Oração coordenada**

Oração contida numa frase complexa, que não mantém uma relação de subordinação sintáctica com a(s) frase(s) ou oração(ões) com que se combina, distinguindo-se, tipicamente, das orações subordinadas por não poder ser anteposta.

A oração coordenada adversativa em (i) distingue-se da oração subordinada adverbial concessiva em (ii) por, apesar de terem o mesmo significado, apenas a subordinada permitir anteposição:

- (i) a. *Os pinguins não voam, mas têm asas.*  
b. *\*Mas têm asas, os pinguins não voam.*
- (ii) a. *Os pinguins não voam, embora tenham asas.*  
b. *Embora tenham asas, os pinguins não voam.*

### **Oração coordenada adversativa**

Oração coordenada que transmite uma ideia de contraste face a um pressuposto expresso ou implícito na frase ou oração com que se combina.

*Na frase "Estou constipado, mas vou trabalhar", a oração coordenada adversativa contribui para contrariar o pressuposto segundo o qual, quando se está constipado, não se vai trabalhar.*

### **Oração coordenada conclusiva**

Oração coordenada que transmite uma ideia de conclusão decorrente de uma premissa expressa ou implícita na frase ou oração com que se combina.

*Na frase "Estou constipado, logo não vou trabalhar", a oração coordenada conclusiva expressa a conclusão decorrente do facto explicitado de estar constipado e da premissa implícita segundo a qual quem está constipado não vai trabalhar.*

### **Oração coordenada copulativa**

Oração coordenada a uma ou mais orações, cujo valor de verdade é idêntico ao da(s) oração(ões) com que se combina.

*A frase "O João foi à praia e a Maria ficou em casa" só é verdadeira se se verificar que é verdade que "o João foi à praia" e que é verdade que "a Maria ficou em casa".*

### **Oração coordenada disjuntiva**

Oração coordenada a uma ou mais orações, cujo valor de verdade é alternativo ao da(s) oração(ões) com que se combina.

*A frase "Ou o João foi à praia ou a Maria ficou em casa" só é verdadeira se, no caso de o João ter ido à praia, não for verdade que a Maria ficou em casa, ou vice-versa.*

### **Oração coordenada explicativa**

Oração coordenada em que se apresenta uma justificação ou explicação para que se torne legítimo o acto de fala expresso pela frase ou oração com que se combina.

Na frase "O João está com medo, que estou a vê-lo a tremer", o facto de o falante ver o João a tremer é apresentado como o factor que justifica a afirmação de que o João tem medo.

### **Oração subordinada**

Oração, contida numa frase complexa, que desempenha uma função sintáctica na frase em que se encontra. As orações subordinadas podem desempenhar a função sintáctica de sujeito, complemento ou modificador (da frase, do grupo verbal ou do nome). Segundo o tipo de função sintáctica que desempenham, as subordinadas podem ser classificadas como substantivas (i), adjectivas (ii) ou adverbiais (iii).

(i) Disse-te [que não queria ir].

subordinada substantiva - [que não queria ir]

(ii) A rapariga [que conheci] trabalha muito bem.

subordinada adjectiva - [que conheci]

(iii) [Quando o conheci], apaixonei-me.

subordinada adverbial - [quando o conheci]

### **Oração subordinada adjectiva**

Oração subordinada que desempenha uma função sintáctica própria de um adjectivo, conforme (i) e (ii). As orações subordinadas adjectivas apresentadas nos exemplos exercem a função sintáctica de modificadores do nome restritivos (iii) e apositivos (iv).

As subordinadas adjectivas podem ser relativas ou gerundivas (ver nota 1).

(i) Os alunos [que estudam] têm bons resultados.

(ii) Os alunos [estudiosos] têm bons resultados.

(nas frases (i) e (ii), a relativa "que estudam" e o adjectivo "estudiosos" estão a modificar o nome "alunos")

(iii) Os homens [que assaltaram a minha casa] eram assustadores.

(iv) Os homens, que são mamíferos, têm semelhanças com os chimpanzés.

1. Algumas orações gerundivas são subordinadas adjectivas, uma vez que desempenham a função de modificadores do nome (v).

(v) Os livros [contendo erratas] devem ser postos fora do mercado.

(A gerundiva destacada em (v) está a modificar o nome "livros").

### **Oração subordinada adjectiva relativa**

Oração subordinada adjectiva que é introduzida por um pronome relativo associado a um antecedente. (ver nota 1).

Os pronomes relativos não têm referência autónoma e é a relação com o antecedente que permite a identificação do seu referente (cf. (i) e (ii)).

(i) Os alunos [que são inteligentes] não precisam de estudar tanto.

("os alunos" é o antecedente do pronome relativo "que")

(ii) Os alunos [a quem negaram explicações] têm o direito de repetir os exames.

("os alunos" é o antecedente do pronome relativo "quem")

1. Antecedente é a expressão lexical a que o pronome relativo está associado e que é modificada pela oração relativa.

### **Oração subordinada adjectiva relativa explicativa**

Oração subordinada adjectiva relativa, introduzida pelas palavras relativas em (i), que contribui com informação adicional sobre o antecedente. Nas frases com relativas explicativas, a denotação do antecedente do pronome relativo é a mesma, independentemente da presença da relativa, como a comparação entre (ii) e (iii) mostra. As relativas explicativas desempenham a função sintáctica de modificadores apositivos do nome (iv).

Algumas relativas explicativas são introduzidas por um pronome relativo que retoma semanticamente o conteúdo de uma frase, desempenhando, nesses casos, a função de modificadores da frase (v).

(i) "que", "quem", "o qual" ("os quais", "a qual", "as quais"), "cujo" ("cujos", "cuja", "cujas"), "quanto" e "onde".

(ii) A literatura, [que é imortal], encanta os estudantes. (= o conjunto de todas as entidades denotadas como literatura é imortal e encanta os estudantes)

(iii) A literatura encanta os estudantes. (= o conjunto de todas as entidades denotadas como literatura encanta os estudantes)

(iv) O escritor, [que nasceu no Brasil], ganhou o prémio Nobel.

(a relativa está a modificar o nome "o escritor")

(v) O escritor ganhou o prémio Nobel, [o que envaideceu a sua família].

(a relativa está a modificar toda a frase que a antecede, exprimindo uma propriedade que qualifica o evento descrito pela frase subordinante, ou seja, a propriedade "envaidecer toda a família" modifica o evento "o escritor ter ganho o prémio Nobel")

1. As relativas explicativas podem ser parafraseadas por qualquer modificador apositivo, como se verifica em (vi) e (vii). Por essa razão, as explicativas são também denominadas apositivas. Exemplos:

(vi) A literatura, [que é imortal], encanta os estudantes.

(vii) A literatura, [arte imortal], encanta os estudantes.

### **Oração subordinada adjectiva relativa restritiva**

Oração subordinada adjectiva relativa, introduzida pelas palavras relativas em (i), que tem a função de restringir a informação dada sobre o antecedente, ou seja, de identificar a parte do domínio denotado pelo antecedente (ii).

As relativas restritivas desempenham a função sintáctica de modificador restritivo do nome (iii).

(i) "que", "quem", "o qual" ("os quais", "a qual", "as quais"), "cujo" ("cujos", "cuja", "cujas"), "quanto" ("quantos", "quantas") e "onde".

(ii) Os poemas [que foram escritos por Neruda] são património da humanidade

(= do conjunto de todos os poemas, o subconjunto constituído pelos da autoria de Neruda é património da humanidade)

(iii) Os meus alunos [que estudam] têm boas notas. (= do conjunto de todos os meus alunos, têm boa nota apenas os que estudam)

### **Oração subordinada adverbial**

Oração subordinada que desempenha a função sintáctica de modificador da frase ou do grupo verbal.

- *Subordinadas adverbiais que modificam o grupo verbal:*

(i) *Usavas o cabelo comprido [quando te conheci].*

(ii) *Queria convidar-te a ir a minha casa [para te mostrar as fotografias].*

- *Subordinadas adverbiais que modificam a frase:*

(iii) *A Teresa perde outro ano, [se não estudar].*

(iv) *A Teresa consegue passar, [embora não estude].*

### **Oração subordinada adverbial causal**

Subordinada adverbial que exprime a razão, o motivo (a causa) do evento descrito na subordinante ou que apresenta uma justificação para o que é expresso na subordinante. As subordinadas causais podem ser finitas ou não finitas.

*Subordinadas causais finitas:*

(i) *[Como a Maria estava doente], o João não quis sair.*

(ii) *Vem depressa para casa, [porque o jantar está na mesa].*

*Subordinadas causais não finitas:*

- *Infinitivas:*

(iii) *Eles não vêm à festa [visto estarem com sarampo].*

(iv) *[Por perder o comboio], chegou três horas atrasada.*

(v) *[À força de insistir], consegui a informação.*

- *Participial:*

(vi) *[Descoberta a epidemia de sarampo], a população foi posta de sobreaviso. (= a população foi posta de sobreaviso, visto ter sido descoberta a epidemia de sarampo)*

- *Gerundiva:*

(vii) *[Estando os miúdos com sarampo], é possível que os pais não venham à festa. (= é possível que os pais não venham à festa, visto que os miúdos estão com sarampo)*

### **Oração subordinada adverbial comparativa**

Subordinada adverbial que exprime o grau e que, por essa razão, é considerada uma construção de graduação (tal como acontece com as subordinadas consecutivas).

As subordinadas comparativas são frequentemente construções elípticas, isto é, construções em que algo está elidido, nomeadamente, a forma verbal ou o grupo verbal na oração subordinada.

(i) *O meu bolo é mais doce [do que o teu]. (= do que o teu é doce)*

(ii) *Esta casa é mais bonita [do que a outra]. (= do que a outra é bonita)*

(iii) *Ela dança tão bem [como canta].*

(iv) *Ela está a envelhecer mais [do que a própria mãe].*

*(= do que a própria mãe está a envelhecer)*

(v) *A Rute comprou mais discos [do que livros]. (= do que comprou livros)*

(vi) *Ele nada mais [do que eu corro].*

*As subordinadas comparativas diferem claramente dos outros tipos de subordinadas adverbiais, já que:*

(a) muitas vezes, parecem relacionar-se especificamente com um elemento da subordinante e não com toda a subordinante;

(b) não têm geralmente muita mobilidade na frase:

(vii) *Comprei mais livros [do que tu].*

(viii) *\*[Do que tu], comprei mais livros.*

### **Oração subordinada adverbial concessiva**

Subordinada adverbial que transmite uma ideia de contraste face a um pressuposto expresso ou implícito na subordinante. Estas subordinadas podem ter valores factuais ((i), (iii)) ou condicionais (ii).

*Subordinadas concessivas finitas*

(i) *A Maria, [embora tenha fome], não é capaz de comer.*

(ii) *[Mesmo se tiver fome], não serei capaz de comer.*

*Subordinadas concessivas não finitas:*

*Infinitiva:*

(iii) *[Apesar de ter fome], a Maria não é capaz de comer.*

*Gerundiva:*

(iv) *[Mesmo gostando de feijoada], hoje não vou a tua casa.*

*Participial:*

(vi) *Mesmo arrumada, a casa parece um caos.*

### **Oração subordinada adverbial condicional**

Subordinada adverbial que exprime a condição em que se verifica o facto expresso pela proposição contida na subordinante.

Do ponto de vista semântico, as condicionais podem ser classificadas em três tipos: factuais ou reais; hipotéticas; contrafactuais ou irrealis.

*Subordinadas condicionais finitas:*

(i) *[Se comeste chocolate], tinhas fome. (factual)*

(ii) *[Se comer chocolate], fico com alergia. (hipotética)*

(iii) *[Se comesse chocolate], ficaria com alergia. (contrafactual)*

*Subordinada condicional não finita:*

- *Infinitiva:*

(iv) *[A acreditar no que ele diz], ela mentiu. (hipotética)*

- *Participial:*

(v) *[Destruídos os moldes], não será possível reconstruir a peça. (hipotética)*

- *Gerundiva:*

(vi) *[Participando nessa exposição], estarás lançado como artista. (hipotética)*

*As condicionais podem ser utilizadas para veicular outros valores semânticos, como dúvida (i) ou alternativa (ii):*

(i) *Se és tão amigo dele, empresta-lhe o dinheiro.*

(ii) *Se havia de ficar em casa, fui antes para o cinema.*

### **Oração subordinada adverbial consecutiva**

Subordinada adverbial que exprime a consequência de um facto apresentado na subordinante; em alguns casos, exprime-se a consequência do grau em se verifica dado facto apresentado na subordinante. Na medida em que podem exprimir o grau, as consecutivas são, como as comparativas, consideradas construções de graduação.

*Subordinadas consecutivas finitas:*

- (i) *Ele é tão gordo [que partiu a cadeira].*
- (ii) *A festa foi tal [que durou até de madrugada].*
- (iii) *Correu tão depressa [que tropeçou].*
- (iv) *Comi tanto ao almoço [que acho que não vou jantar].*

*Subordinada consecutiva não finita:*

- *Infinitiva:*

- (v) *Ele foi estúpido [a ponto de deixar a escola].*

*As subordinadas consecutivas diferem claramente dos outros tipos de subordinadas adverbiais, já que:*

- (i) *muitas vezes, modificam especificamente um elemento da subordinante e não toda a subordinante;*
- (ii) *não têm geralmente muita mobilidade na frase:*

- (vi) *Ele é tão grande [que bate com a cabeça nas portas].*
- (vii) *\*[Que bate com a cabeça nas portas], ele é tão grande.*

### **Oração subordinada adverbial final**

Subordinada adverbial que exprime o propósito, a intenção (finalidade) da realização da situação descrita na subordinante. As subordinadas finais podem ser finitas ou não finitas.

*Subordinada final finita:*

- (i) *[Para que a minha filha ficasse contente], convidei o Pedro.*

*Subordinada final não finita:*

- *Infinitiva:*

- (ii) *Vieram [para ver o filme].*

### **Oração subordinada adverbial temporal**

Subordinada adverbial que estabelece a referência temporal em relação à qual a subordinante é interpretada. As subordinadas temporais podem ser finitas ou não finitas.

*Subordinadas temporais finitas:*

- (i) *[Quando acabar o trabalho], vou ao cinema.*
- (ii) *A Teresa, [assim que acabou o trabalho], foi ao cinema.*

*Subordinadas temporais não finitas:*

- *Infinitiva:*

(iii) [Até acabares o trabalho], a nossa vida vai ser complicada.

- Participiais:

(iv) [Uma vez conquistada a cidade], as tropas partiram.

(v) [Batidas as claras], deve juntar-se a baunilha.

- Gerundivas:

(vi) [Tendo devorado uma caixa de chocolates], acabei o trabalho.

(vii) [Chegando a casa], cruzei-me com a minha prima.

(viii) [Em chegando a casa], telefone-te.

### **Oração subordinada substantiva**

Oração subordinada que é sujeito ou complemento de um verbo (i), nome (ii) ou adjectivo (iii).

(i) (a) O Manuel quer [comer bolo]. - a oração substantiva é complemento directo do verbo "querer"

(b) Surpreende-me [que esteja a chover]. - a oração substantiva é sujeito de "surpreender"

(ii) A decisão [de invadir aquele país] foi absurda. - a oração substantiva é complemento do nome "decisão"

(iii) Esta porta é fácil [de abrir] - a oração substantiva é complemento do adjectivo "fácil"

### **Oração subordinada substantiva completiva**

Oração subordinada substantiva que é sujeito ou complemento de um verbo, nome ou adjectivo, podendo ser introduzida pelas conjunções subordinativas completivas "que" (i), "se" (ii) e "para" (iii). As subordinadas substantivas completivas podem ser finitas ou não finitas (iv), consoante o verbo se encontre numa forma verbal finita ou não finita.

(i) O Luís disse [que desejava cantar].

(ii) A mãe perguntou [se queremos jantar já].

(iii) A professora pediu [para sair mais tarde].

(iv) O Manuel afirmou [adorar música chilena].

### **Oração subordinada substantiva relativa**

Oração subordinada substantiva que é introduzida por pronomes relativos como os listados em (i) e que pode ocorrer no mesmo contexto em que ocorrem constituintes que desempenham as funções sintácticas de sujeito (ii), de complemento directo (iii), de complemento indirecto (iv), de complemento oblíquo (v) e de modificador do grupo verbal (vi). As subordinadas substantivas relativas podem ser finitas ou não finitas, consoante o verbo se encontre numa forma verbal finita ou não finita.

(i) quem, o que, onde, quanto.

(ii) [Quem vai ao mar] perde o lugar.

(iii) O Luís procura [quem o ajude na escola].

(iv) O Pedro pede dinheiro a [quem tiver].

(v) O avô precisa de [quem cuide dele].

(vi) Ela compra roupa [onde calha].

### **Predicado**

Função sintáctica desempenhada pelo grupo verbal.



- (i) O João [pôs os livros na estante ontem].
- (ii) [Surprende-me] que a Teresa tenha mentido.
- (iii) O João [está doente], infelizmente.
- (iv) [É óptimo] que possas vir à festa.

### **Predicativo do complemento directo**

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte seleccionado por um verbo transitivo predicativo (i) que predica algo acerca do complemento directo. Neste caso, complemento e predicativo do complemento directo formam o que se pode chamar uma predicação complexa, parafraseável por uma oração completiva finita (ii).

O predicativo do complemento directo pode ser um grupo nominal (ii) (a), um grupo adjectival (iii), ou um grupo preposicional (iv).

- (i) Achar, chamar, considerar, julgar, tratar, eleger, nomear...
- (ii) (a) O João considera a Maria [uma óptima professora].  
(b) João considera que a Maria é uma óptima professora.
- (iii) O João acha a Maria [bonita].
- (iv) O João acha esse filme [sem interesse nenhum].

### **Predicativo do sujeito**

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte que ocorre em frases com verbos copulativos, que predica algo acerca do sujeito. O predicativo do sujeito pode ser um grupo nominal (i), um grupo adjectival (ii), um grupo preposicional (iii) ou um grupo adverbial (iv-v).

- (i) O João é [professor de Matemática].
- (ii) Os alunos estão [muito interessados].
- (iii) A Joana ficou [na escola].
- (iv) A minha casa é [aqui].
- (v) O teste é [amanhã].

É possível constatar que expressões com valor locativo seleccionadas por verbos copulativos desempenham a função de predicativo do sujeito, porque podem ser coordenadas com outros constituintes com a mesma função, independentemente do seu valor:

- (i) O João está [em Paris e muito doente].

### **Sindética**

Construção de coordenação cujos membros não iniciais são introduzidos por uma conjunção.

- frase complexa formada por coordenação em que pelo menos uma das orações coordenadas é introduzida por conjunção:

- (i) O João foi à escola e a Teresa ficou em casa.

- construção de coordenação não envolvendo frases em que pelo menos um dos elementos coordenados é introduzido por uma conjunção:

- (ii) A Eva partiu um copo e um prato.

A tradição gramatical luso-brasileira aplica normalmente o termo "sindética" a estruturas de coordenação, não o aplicando a estruturas de subordinação.

## Subordinante

Palavra, constituinte ou frase de que depende uma oração subordinada.

Na frase (i) o verbo "prometeu" é o elemento subordinante da oração subordinada "que me ia comprar um carro".

(i) O meu pai prometeu que me ia comprar o carro.

Na frase (ii), o nome "hipótese" é o elemento subordinante da oração subordinada "de te ires embora".

(ii) A hipótese de te ires embora agrada-me.

Na frase (iii), a frase "Eu compro um carro" é o elemento subordinante da oração subordinada "quando tu me deixares".

(iii) Eu compro um carro, quando tu me deixares.

Note-se que a subordinação é recursiva, podendo encontrar-se uma subordinada dentro de outra subordinada, desde que haja vários elementos subordinantes. Veja-se o seguinte caso:

O João disse [ que a Maria contou [que o Miguel mentiu ao Pedro]].

Neste caso, "disse" será o verbo subordinante da subordinada [que a Maria contou que o Miguel mentiu ao Pedro]. Acontece que a subordinada, neste caso, também contém um verbo subordinante. Assim, "contou" será o verbo subordinante da subordinada [que o Miguel mentiu ao Pedro].

## Sujeito

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte da frase que controla a concordância verbal. Grupos nominais (i) e orações subordinadas substantivas (ii) podem desempenhar a função sintáctica de sujeito.

Quando o sujeito é um grupo nominal ou uma oração substantiva relativa, pode ser substituído pela forma nominativa do pronome pessoal (iii); quando o sujeito é uma oração completiva, pode ser substituído pelo pronome demonstrativo "isso" em posição pré-verbal (iv) e não pode ser substituído pelo pronome demonstrativo átono "o" (v).

(i) [Os meus primos] vivem em Santarém.

[Esse rapaz alto que tu conheces] estudou no Porto.

[O João] disse à Maria que viajou pelo Egipto.

[Lisboa] é uma cidade europeia.

Chegaram [os soldados do exército do rei].

(ii) [Quem vai ao mar] perde o lugar.

É verdade [que ele me mentiu].

É certo [que ele foi despedido].

Espanta-me [que ele tenha ganho o prémio].

[Ele ter ganho o prémio] espanta-me.

(iii)(a)[Os meus primos] vivem em Santarém.

[Eles] vivem em Santarém.

(b)[Quem vai ao mar] perde o lugar.

[Ele] perde o lugar.

(iv) É verdade [que ele me mentiu].

*[Isso] é verdade.*

(v) *É verdade [que ele me mentiu].*

*\*É-o verdade.*

*Apesar de o português ser uma língua SVO, é comum o sujeito encontrar-se em posição pós-verbal, como nas frases "Vendem-se casas", "Chegaram os meninos", "Espanta-me [que faça isso]".*

### **Sujeito composto**

Sujeito constituído por uma coordenação de grupos nominais (i), de orações (ii), de pronomes (iii) ou de combinações destas categorias (iv). A este contrapõe-se o sujeito simples.

(i) *[O Manuel e a Maria] telefonaram pelas nove horas.*

(ii) *[Quem arrisca e quem sabe o que quer] é bem sucedido.*

(iii) *[Eu e tu] telefonámos pelas nove horas.*

(iv) *[Ela e o Manuel] telefonaram pelas nove horas.*

*[O Pedro e quem tu sabes] acabam de entrar na sala.*

### **Sujeito nulo**

Sujeito sem realização lexical.

Em contextos não finitos, o sujeito nulo é uma propriedade universal das línguas (i) e, em contextos finitos, é uma característica de línguas como o português (ii) ou o espanhol, por oposição ao francês ou ao inglês. O sujeito nulo pode não ter qualquer interpretação, como em (iii), sendo neste caso designado de expletivo; pode ser interpretado como tendo um referente específico que é recuperado através da flexão verbal, através de um processo anafórico ou contextualmente (iv), sendo neste caso designado de subentendido; pode ainda ter como referente uma entidade não específica, parafraseável por "alguém" (v), sendo neste caso designado de indeterminado.

(i) *Eu quero [-] fumar.*

*Yo quiero [-] fumar.*

*Je veux [-] fumer.*

*I want [-] to smoke.*

(ii) *[-] Chove muito hoje.*

*\*[Ele] chove muito hoje.*

*[-] Diz-se que ela perdeu todo o seu dinheiro.*

*\*[Ele] diz-se que ela perdeu todo o seu dinheiro.*

*[-] Quero dormir.*

*[Eu] quero dormir.*

(iii) *[-] Choveu muito.*

*[-] Há neve naquela montanha.*

(iv) *[-] Vamos embora.*

*O Pedro disse que [-] está cansado.*

*[-] Chegou. (apontando-se para alguém que entra numa sala)*

(v) *[-] Dizem que vai chover.*

### **Sujeito simples**

Sujeito constituído exclusivamente por um grupo nominal (i) ou por uma oração (ii). A este contrapõe-se o sujeito composto.

(i) [O Manuel] telefonou pelas nove horas.

(ii) [Quem não arrisca] não petisca.

### **(Tipo de) frase declarativa**

Frase em que é feita uma asserção e que se pode caracterizar pela ausência dos traços específicos dos outros tipos de frase (ver frases interrogativas, exclamativas e imperativas).

As declarativas classificam-se também segundo a ordem dos seus constituintes, sendo (i) uma declarativa não marcada e (ii) uma declarativa marcada. A alteração de ordem é, frequentemente, utilizada em contextos discursivos específicos, como a ênfase num determinado constituinte.

(i) O João comeu o bolo.

(ii) O bolo, o João comeu(-o).

### **(Tipo de) frase exclamativa**

Frase que corresponde à expressão de uma avaliação do falante face a determinado contexto. As exclamativas caracterizam-se por processos sintácticos, como a inversão do sujeito (i), e/ou por marcas prosódicas, como o acento de intensidade a destacar um determinado constituinte (ii).

As frases exclamativas podem ser classificadas em função do escopo da exclamação. Assim, quando a exclamação recai sobre toda a frase, a exclamativa é total (iii); se a exclamação recai sobre um dos constituintes da frase, por exemplo, o grupo nominal sujeito (iv) ou o grupo verbal (v), a exclamativa é parcial.

(i) Que fascinante é essa história!

(ii) Essa história é HORRÍVEL!

(iii) O bebé comeu a sopa!

(iv) Que delícia é esta sopa!

(v) Como comeste!

### **(Tipo de) frase imperativa**

Frase que corresponde à expressão de uma ordem ou pedido do falante e tem o verbo no modo imperativo (i), conjuntivo (ii), indicativo (iii) ou em formas do gerúndio (iv) ou infinitivo (v).

Um frase imperativa só pode ser enunciada na forma activa (vi), sendo impossível a formulação de uma imperativa passiva (vii).

(i) Fecha a porta!

(ii) Fechem a porta!

(iii) Calou!

(iv) Andando!

(v) Sentar!

(vi) Come a sopa!

(vii) \*É comida a sopa!

### **(Tipo de) frase interrogativa**

Frase que corresponde à formulação de uma pergunta, tendo funções pragmáticas distintas como um pedido de informação (i) ou de acção (ii).

As interrogativas directas (iii) podem ser frases simples, enquanto as interrogativas indirectas (iv) são subordinadas substantivas completivas.

As frases interrogativas podem ser classificadas segundo o tipo de resposta que se espera obter. Assim, são interrogativas totais as que são passíveis de obter uma resposta afirmativa ou negativa (v); e são interrogativas parciais as frases em que a interrogação recai sobre um dos constituintes, conforme (vi) e (vii). As interrogativas parciais caracterizam-se pela presença de um elemento interrogativo, o qual pode não se encontrar em posição inicial (viii).

(i) *Que horas são?*

(ii) *Fechas a janela?*

(iii) *Comeste a sopa?*

(iv) *O João perguntou [se comeste a sopa].*

(v) - *O João viu a Maria ontem?*

- *Sim / Não.*

(vi) *Quem é que o João viu ontem?*

(vii) *Quando é que o João viu a Maria?*

(viii) *O João viu quem?*

### **Vocativo**

Função sintáctica desempenhada por um constituinte que não controla a concordância verbal e que é utilizada em contextos de chamamento ou interpelação do interlocutor. O vocativo ocorre muito frequentemente em frases imperativas, interrogativas e exclamativas.

(i) *[Miguel], dá-me a bola?*

(ii) *[Ó Miguel], não me digas que te enganaste outra vez!*

O vocativo distingue-se do sujeito por poderem co-ocorrer (i) e por não ser o vocativo a controlar a concordância verbal (ii):

(i) *Amigos, comam a sopa. ("amigos" é vocativo; o sujeito é nulo)*

*Amigos, comam vocês a sopa. ("amigos" é vocativo; o sujeito é "vocês")*

(ii) *Deuses, vinde a minha casa. (Se "Deuses" fosse o sujeito, desencadearia concordância na terceira pessoa do plural).*

## **DOMÍNIO B.5: LEXICOLOGIA**

Disciplina da linguística que estuda o conjunto de palavras possíveis e de recursos disponíveis numa língua para a formação de palavras, bem como a forma como estas se relacionam.

**Termos por ordem alfabética:**

### **Acrónimo**

Palavra formada através da junção de letras ou sílabas iniciais de um grupo de palavras, que se pronuncia como uma palavra só, respeitando, na generalidade, a estrutura silábica da língua.

*Fundo de Apoio às Organizações Juvenis -> FAOJ*

*Liga dos Amigos da Terceira Idade -> LATI*

*Federação Nacional de PROFESSORES -> FENPROF*

### **Amálgama**

1. Processo irregular de formação de palavras que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras.
2. Palavra resultante do processo de amálgama.

*informática -> informação + automática;*

*cibernauta -> cibernética + astronauta.*

### **Antonímia**

Relação semântica entre duas ou mais palavras que, embora partilhando algumas propriedades semânticas que as relacionam, têm significados opostos.

*Os seguintes pares são exemplos de antonímia: grande / pequeno; quente / frio; subir / descer; jovem / velho*

### **Arcaísmo**

Palavra ou construção cujo uso é considerado antiquado pela comunidade linguística.

### **Campo lexical**

Conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual.

*O conjunto de palavras "jogador", "árbitro", "bola", "baliza", "equipa", "estádio" faz parte do campo lexical de "futebol".*

### **Campo semântico**

Conjunto dos significados que uma palavra pode ter nos diferentes contextos em que se encontra.

*Campo semântico de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne", etc.*

### **Conotação**

Significado(s) secundário(s) associado(s) a uma palavra ou expressão que não corresponde(m) ao seu sentido literal.

Na frase "A minha camisa é vermelha", a palavra "vermelha" tem valor denotativo; na frase, "Ele é um sindicalista vermelho", a palavra "vermelho" tem valor conotativo evocando uma filiação partidária ou desportiva.

Conotação define-se por oposição a denotação.

### **Denotação**

Significado literal e estável de uma palavra ou expressão.

Denotação define-se por oposição a conotação.

### **Empréstimo**

Processo de transferência de uma palavra de uma língua para outra.

*lingerie* (palavra importada da língua francesa).

### **Expressão idiomática**

Expressão constituída por mais do que uma palavra, cujo significado não pode ser inferido a partir do significado das partes que a constituem.

*ir desta para melhor; tal pai tal filho; andar na lua; ter macaquinhos no sótão*

O termo "fraseologia" é, por vezes, utilizado como sinónimo de expressão idiomática.

### **Extensão semântica**

Processo através do qual uma palavra existente adquire um novo significado.

*As palavras "salvar", "portal" e "janela" adquiriram significados novos, no uso em informática, por extensão semântica.*

### **Família de palavras**

Conjunto das palavras formadas por derivação ou composição a partir de um radical comum.

*"mar", "maré", "marítimo", "marinheiro", "marina" são palavras da mesma família.*

### **Hiperonímia**

Relação de hierarquia semântica entre palavras, em que o significado de uma (designada por hiperónimo), por ser mais geral, inclui o de outras (designadas por hipónimos).

*A palavra "animal" é um hiperónimo de "peixe". A palavra "peixe" é um hiperónimo de "sardinha".*

*As relações de hiperonímia/hiponímia distinguem-se das de holonímia/meronímia na medida em que naquelas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam nestas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser*

*encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.*

### **Hiponímia**

Relação de hierarquia semântica entre palavras, em que o significado de uma (designada por hipónimo), por ser mais específico, se encontra incluído no de outra (designada por hiperonímio).

*As palavras "peixe" e "ave" são hipónimos de "animal".*

*As relações de hiperonímia/hiponímia distinguem-se das de holonímia/meronímia na medida em que naquelas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam nestas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.*

### **Holonímia**

Relação de hierarquia semântica entre palavras, em que o significado de uma (designada de holónimo) refere um todo do qual a outra (designada de merónimo) é parte constituinte.

*carro / volante -> carro estabelece uma relação de holonímia com volante*

*corpo / braço;*

*barco / vela.*

*As relações de holonímia/meronímia distinguem-se das hiperonímia/hiponímia de na medida em que nestas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam naquelas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.*

### **Léxico**

Conjunto de todas as palavras ou constituintes morfológicos portadores de significado possíveis numa língua, independentemente da sua actualização em registos específicos.

### **Meronímia**

Relação de hierarquia semântica entre palavras, em que o significado de uma (designada de merónimo) refere uma parte constituinte da outra (designada de holónimo).

*A palavra "dedo" é um merónimo da palavra "mão".*

*As relações de holonímia/meronímia distinguem-se das de hiperonímia/hiponímia na medida em que nestas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam naquelas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.*

### **Monossemia**



Propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem um único significado.

*A palavra "flebite" é monossémica, porque tem apenas um significado.*

*O conceito de monossemia opõe-se ao conceito de polissemia.*

### **Neologismo**

Palavra cujo significante ou cuja relação significante-significado era inexistente num estágio de língua anterior ao da sua atestação.

### **Onomatopeia**

Palavra criada por imitação de um som natural.

*trriim !! -> despertador; toc-toc -> bater na porta; miauuu !! -> gato; ufa ! -> interjeição.*

*As onomatopeias diferem de língua para língua, conforme a percepção dos sons e suas respectivas transposições para o sistema fonológico das diversas línguas.*

### **Polissemia**

Propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem mais do que um significado.

*O verbo "partir" pode significar "ir-se embora" ou "quebrar", sendo, portanto, uma palavra polissémica. O constituente morfológico "-s" pode significar "plural" ou "2ª pessoa do singular", sendo, portanto, um constituente morfológico polissémico.*

*O conceito de polissemia opõe-se ao conceito de monossemia.*

### **Sigla**

Palavra formada através da redução de um grupo de palavras às suas iniciais, as quais são pronunciadas de acordo com a designação de cada letra.

*Partido Comunista Português -> PCP;*

*Partido Social Democrata -> PSD;*

*Sporting Clube de Portugal -> SCP.*

### **Significante**

Imagem acústica ou gráfica de uma palavra.

### **Sinonímia**

Relação semântica entre duas ou mais palavras que podem ser usadas no mesmo contexto, sem que se produza alteração de significado do enunciado em que ocorrem.

*Nas frases "a minha mulher está doente" e "a minha esposa está doente", as palavras "mulher" e "esposa" são sinónimos. Por contraste, na frase "a mulher é o sexo forte", a palavra "esposa" não poderia ser considerada um sinónimo.*

*Considera-se que a sinonímia é quase sempre parcial, e não total, uma vez que não se atestam casos em que duas palavras possam ser utilizadas exactamente nos mesmos contextos em todos os registos.*

### **Truncação**

1. Processo irregular de formação de palavras que consiste na criação de uma palavra a partir do apagamento de parte da palavra de que deriva.
2. Palavra resultante do processo de truncação.

*metropolitano -> metro*

*sociolinguística -> socio*

*José -> Zé*

*hipermercado -> hiper*

### **Vocabulário**

Conjunto exaustivo das palavras que ocorrem num determinado contexto de uso.

*É possível estudar-se o vocabulário de um escritor, mas não o seu léxico, uma vez que apenas aquele se traduz numa lista de palavras utilizadas de facto.*

## **DOMÍNIO B.6: SEMÂNTICA**

Disciplina da linguística que se ocupa do estudo da componente do significado de enunciados que é exclusivamente dependente do conhecimento lexical e gramatical.

**Termos por ordem alfabética:**

### **Aspecto**

Categoria gramatical que exprime a estrutura temporal interna de uma situação. O valor aspectual de um enunciado é construído a partir de informação lexical e gramatical. A categoria aspecto, apesar de se relacionar com a categoria tempo, é independente desta.

*Todas as situações expressas nas frases seguintes podem ser localizadas temporalmente como anteriores ao momento em que as frases são produzidas. No entanto, o seu valor aspectual é distinto: em (i), sabe-se que a leitura do livro está acabada (aspecto perfectivo); em (ii), não é dada informação sobre a culminação da leitura do livro (aspecto imperfectivo); a situação descrita em (iii) corresponde a um hábito (aspecto habitual):*

- (i) A Maria já leu o livro.*
- (ii) A Maria estava a ler o livro, quando a vi.*
- (iii) Quando era nova, a Maria lia muitos livros.*

### **Aspecto gramatical**

Valor aspectual construído através da combinação entre a informação dada pelo aspecto lexical e valor dos tempos verbais, de verbos auxiliares, de estruturas de quantificação ou de modificadores. Através da combinação de elementos deste tipo, é possível representar uma situação como culminada (valor perfectivo) (i), não culminada (valor imperfectivo) (ii), habitual (iii), genérica (iv), iterativa (v), ou estabelecer diferenças relativas à duração de diferentes situações (vi).

- (i) Já li o livro.*
- (ii) Estou a ler o livro.*
- (iii) Eu fumo.*
- (iv) As crianças que se deitam cedo lêem mais.*
- (v) A Ana tem tossido nos últimos dias.*
- (vi) a. Estive a ler durante duas horas.*
  - b. \*Estive a ler naquele instante.*
  - c. Acabei de ler o livro naquele instante.*
  - d. \*Acabei de ler o livro durante duas horas.*

### **Aspecto lexical**

Valor aspectual expresso pelo significado de uma palavra. O aspecto lexical pode ser alterado em função do contexto gramatical em que a palavra ocorre (ver Aspecto gramatical). O aspecto lexical permite distinguir situações estativas (i), de situações dinâmicas (ii). Através do aspecto lexical, é ainda possível estabelecer diferenças relativas à duração interna de um evento, distinguindo-se eventos pontuais de eventos durativos (iii).

- (i) O João sabe francês.*
- (ii) O João abriu a porta.*

(iii) *O João espirrou.*

*O João escreveu um livro.*

### **Especificidade**

Propriedade associada a expressões definidas ou indefinidas, através da qual é possível determinar se a expressão em causa refere uma entidade identificável num determinado contexto discursivo.

*Nas frases em (i), os grupos nominais [o livro] e [um livro que tem fotografias bonitas] são interpretados como referindo objectos específicos. Na frase (ii), o grupo nominal [um livro que tenha fotografias bonitas] tem valor não específico. Esta diferença pode ser confirmada pela possibilidade de continuar a frase com uma estrutura de elipse como a apresentada:*

(i) *Quero comprar o livro, (\*mas não sei qual).*

*Quero comprar um livro que tem fotografias bonitas, (\*mas não sei qual).*

(ii) *Quero comprar um livro que tenha fotografias bonitas, (mas não sei qual).*

### **Genericidade**

Propriedade dos enunciados em que se estabelece uma relação de predicação relativa a uma classe de entidades (i-iii) ou de situações (iv-v) e não a entidades ou situações específicas ou situações localizadas num tempo específico. O valor genérico de uma frase pode ser construído através da interacção entre elementos como os determinantes usados, advérbios ou o tempo verbal.

*As seguintes frases são interpretadas genericamente:*

(i) *Gosto de cães. (esta frase é verdadeira, porque remete para a classe dos cães. É verdadeira, mesmo que haja um cão específico de que eu não gosto)*

(ii) *Os professores trabalham muito. (esta frase é verdadeira, porque remete para a classe dos professores. É verdadeira, mesmo que haja um professor específico que não trabalha muito)*

(iii) *O gato é um animal simpático. (esta frase é verdadeira, mesmo que haja um gato antipático)*

(iv) *Eu bebo muito café de manhã. (esta frase é verdadeira, mesmo que haja manhãs em que eu não bebo café)*

(v) *Geralmente, viajo de avião. (esta frase é verdadeira, mesmo que utilize, por vezes, outros meios de transporte)*

### **Modalidade**

Categoria gramatical que exprime a atitude do locutor face a um enunciado ou aos participantes do discurso. A modalidade permite expressar apreciações sobre o conteúdo de um enunciado (i) ou representar valores de probabilidade ou certeza (modalidade epistémica) (ii), ou de permissão ou obrigação (valor deontico) (iii). A modalidade pode ser expressa de muitas formas diferentes: através da entoação, da variação no modo verbal, através de advérbios, etc.

(i) a. *Felizmente, está a chover.*

b. *Lamento que tenhas reprovado.*

c. *Francamente, esta situação não é clara.*

(ii) a. *Talvez esteja a chover.*

b. *A Maria, certamente, não sabe do que está a falar.*

c. *Duvido que chova.*

(iii) a. *Tens de trabalhar mais!*

b. *Podes sair esta noite.*

c. *Não entres!*

### **Polaridade**

Valor afirmativo ou negativo de um enunciado. A polaridade negativa pode ser expressa através do advérbio de negação (i) ou de outras palavras ou expressões com valor negativo (ii-v).

(i) *O João não voltou.*

(ii) *Ninguém veio.*

(iii) *Nada se decidiu.*

(iv) *Eles nunca foram ao teatro.*

(v) *Cansado como estou, eu quero lá ir ao cinema hoje!*

### **Predicação**

Atribuição de uma propriedade a uma entidade (i) ou estabelecimento de uma relação entre entidades (ii).

(i) *o João é alto. (atribui-se ao João a propriedade de "ser alto", i.e., faz-se uma predicação sobre "o João")*

(ii) *a Ana viu o cometa. (estabelece-se uma relação entre "a Ana" e "o cometa", i.e., estabelece-se uma relação predicativa entre estas duas expressões).*

### **Referência**

Relação que une uma expressão linguística a uma entidade ou a uma localização temporal ou espacial reconhecíveis num determinado contexto discursivo. A referência de uma expressão pode ser constante (por exemplo "D. Afonso Henriques") ou variável (por exemplo "eu", "hoje", "isso"), sendo, neste caso, fixada através de processos de deixis ou anáfora.

*Numa frase como "O João comeu a maçã", os grupos nominais "o João" e "a maçã" podem ter valor referencial, uma vez que designam entidades reconhecíveis num determinado contexto discursivo.*

### **Significado**

Sentido ou conteúdo semântico veiculado por uma expressão linguística. Os constituintes morfológicos são as unidades mínimas portadoras de significado; os textos são as unidades máximas portadoras de significado.

### **Tempo**

Categoria gramatical que exprime o momento em que se verifica o que é expresso numa predicação. A categoria tempo pode ser expressa de diferentes formas: através da flexão verbal (i), de verbos auxiliares (ii), de grupos adverbiais ou preposicionais (iii), de orações temporais (iv), da ordem relativa entre orações coordenadas copulativas (v), etc. A localização temporal pode ser estabelecida em função do momento em que um enunciado é produzido (vi) (funcionando deicticamente), ou em função de um valor temporal expresso que é tomado como ponto de referência ou perspectiva (vii) (funcionando anaforicamente). Através desta categoria, é possível estabelecer relações de ordem cronológica de simultaneidade (viii), anterioridade (ix) ou posterioridade (x) face ao tempo que é tomado como referência.

- (i) *Localização temporal (oposição presente/passado) expressa através da morfologia verbal:*  
*A Maria está em casa.*  
*A Maria esteve em casa.*
- (ii) *Localização temporal (oposição presente/futuro) expressa através de verbo auxiliar:*  
*A Maria está em casa.*  
*A Maria vai estar em casa.*
- (iii) *Localização temporal (oposição presente/futuro) expressa através de grupos preposicionais e adverbiais:*  
*A Maria está em casa [agora/neste momento].*  
*A Maria está em casa [amanhã à tarde/na próxima sexta].*
- (iv) *Localização temporal expressa através de oração temporal:*  
*A Maria nasceu [quando os alemães entraram em Paris].*  
*A Maria nasceu [antes de os alemães entrarem em Paris].*
- (v) *Localização temporal (ordenação entre situações) expressa através da ordenação de orações:*  
*O Pedro chamou-me e eu olhei.*  
*Eu olhei e o Pedro chamou-me.*
- (vi) *Localização temporal expressa deicticamente:*  
*Amanhã não há aula. (a referência de "amanhã" só é identificável se se conhecer o momento em que o enunciado é produzido)*  
*A Maria está em casa.*
- (vii) *Localização temporal expressa anaforicamente:*  
*Em 2004, deu-se uma revolução. Mas não foi apenas isso o que aconteceu nesse ano. (a referência de "nesse ano" é determinada pela ocorrência da expressão "em 2004")*
- (viii) *Relação de sobreposição ou simultaneidade entre duas situações ou face ao momento em que o enunciado é produzido:*  
*Tu entraste na sala, quando eu estava a falar.*  
*A Maria está a sair de casa agora.*  
*A Maria está em casa agora.*
- (ix) *Relação de anterioridade entre uma situação e outra:*  
*Eu discurssei antes de o Pedro chegar ao jantar.*  
*Relação de anterioridade face ao tempo em que o enunciado é produzido:*  
*A Maria esteve em casa ontem.*  
*Em 1974, dá-se uma revolução em Portugal.*
- (x): *Relação de posterioridade entre uma situação e outra:*  
*Vou sair depois de te ires embora.*  
*Relação de posterioridade face ao tempo em que o enunciado é produzido:*  
*Vou ao cinema hoje.*  
*Amanhã, não vai chover.*

## **DOMÍNIO C: ANÁLISE DO DISCURSO, RETÓRICA, PRAGMÁTICA E LINGÜÍSTICA TEXTUAL**

**Análise do discurso:** a definição desta disciplina recente é bastante variável, segundo as orientações teóricas e os autores e, como é evidente, conforme se definem os termos discurso e texto. Para alguns autores, a análise do discurso funda-se no estudo das relações entre o discurso e o seu contexto extraverbal, distanciando-se por isso daqueles estudos de pragmática que se ocupam de enunciados descontextualizados. Para outros autores (Van Dijk, por ex.) , consiste no estudo do “uso real da língua, com locutores reais, em situações reais”. Este conceito está muito próximo do conceito predominante na área anglo-norte-americana, na qual se entende por análise do discurso o estudo da actividade interaccional que é a conversação (*conversation analysis*) e mantendo estreitas relações com a *etnometodologia*, isto é, com uma abordagem dinâmica e construtivista da ordem social. Estas orientações privilegiam o estudo dos discursos orais.

Uma orientação relevante e muito influente da análise do discurso, que tem uma matriz marxista mediada por pensadores como Bakhtine, Althusser e Foucault, estuda as relações dos dispositivos da enunciação e das práticas discursivas com as instâncias do poder social, político e ideológico. Nesta perspectiva, que aqui se adopta, a lingüística textual é considerada como um subdomínio do campo mais vasto da análise do discurso, que tanto se ocupa do discurso oral como do discurso escrito.

**Retórica:** arte, no sentido da palavra grega *techne* – conjunto sistematizado de preceitos para, através da sua aplicação, alcançar a consecução de um determinado fim –, que estuda, organiza e ensina a aplicar os princípios e as regras da elaboração do discurso correcto e elegante (*ars recte et bene dicendi*) que tem como finalidade fundamental persuadir o auditório, mediante a argumentação, a utilização adequada dos sentimentos e das emoções. A retórica, como disciplina que ensina a construir o discurso e a ordenar o debate argumentativo numa particular situação comunicativa, tendo em consideração o contexto extraverbal, o interlocutor e a matéria em causa, é uma arte eminentemente pragmática que, ao longo de séculos, foi precursora das actuais análise do discurso e lingüística textual.

**Pragmática:** termo muito antigo nos discursos jurídico e filosófico, mas que foi introduzido, com nova acepção, no estudo dos fenómenos significativos e comunicacionais, em 1938, pelo filósofo norte-americano Charles Morris, que com ele designou a subdisciplina da semiótica que analisa as relações dos signos com os seus usuários ou intérpretes. Esta acepção muito alargada do termo restringiu-se, ao longo das últimas quatro décadas, ao estudo da linguagem verbal, podendo definir-se a pragmática como a análise das relações existentes entre as formas linguísticas, por um lado, e os participantes no processo comunicativo e o contexto de comunicação, por outra parte, ou seja, aqueles factores que condicionam e determinam o uso da linguagem e que não são analisáveis em termos puramente gramaticais.

A pragmática não constitui uma nova componente da linguística da língua como sistema, acrescentada à fonologia, à morfologia, à sintaxe e à semântica, mas sim uma perspectiva de análise cognitiva, social e cultural dos fenómenos pertencentes a cada uma daquelas áreas da linguística. A pragmática analisa portanto o funcionamento significativo e comunicativo da linguagem no seu uso real em discursos e textos e a intencionalidade comunicativa de quem nestes fala ou escreve.

**Linguística textual:** nas últimas décadas do século XX, desenvolveu-se uma orientação da linguística que, do ponto de vista etimológico, metodológico e analítico, deixou de considerar a frase como a unidade máxima da análise linguística, porque existem fenómenos linguísticos insusceptíveis de serem analisados e explicados no âmbito da frase, e que considera o texto, escrito e falado, como a unidade fundamental da análise linguística. No início, teve alguma fortuna a designação de *gramática textual*,

que foi sendo abandonada por demasiado restritiva. À medida que se foi tornando evidente que a dimensão linguística é apenas uma das dimensões do texto e que há fenómenos, como a coerência textual e a interpretação textual que dependem também de factores extralinguísticos, foi ganhando aceitação a designação de *teoria do texto*.

#### **Termos por ordem alfabética:**

#### **Acção**

A acção (*actio* ou *pronuntiatio*) é a última das operações da retórica e consiste em pronunciar o discurso com a prosódia, a entoação e a gestualidade adequadas.

#### **Acto de fala**

Produção de um enunciado num determinado contexto de interacção comunicativa, através do qual o emissor realiza ou intenta realizar uma acção, isto é, fazer algo com o enunciado produzido, sendo certo que determinadas acções – por exemplo, condenar ou absolver judicialmente, baptizar, casar, etc. – só se realizam mediante a proferição de enunciados estipulados, por quem de direito, num quadro institucional adequado.

#### **Acto de fala directo**

Os actos de fala directos prototípicos são aqueles em que se empregam de modo explícito verbos performativos ou realizativos (pedir, exigir, ordenar, renunciar, etc.), realizando portanto o locutor o acto ilocutório designado pelo verbo performativo, o qual orienta com clareza – muitas vezes sem qualquer margem de dúvida – a interpretação da força ilocutória do acto de fala.

Há actos de fala directos cuja força ilocutória não depende da presença de um verbo performativo, mas sim da utilização do modo indicativo ou do modo imperativo do verbo que exprime o propósito ilocutório. Nestes casos, porém, muitos enunciados podem ser interpretados como actos de fala directos ou como actos de fala indirectos, dependendo a sua interpretação de factores contextuais e paralinguísticos. “Fecha a porta”, por exemplo, pode ser interpretado como um acto de fala directo ou como um acto de fala indirecto.

#### **Acto de fala indirecto**

Os actos de fala indirectos são aqueles em que um enunciado, na sua estrutura gramatical, na sua literalidade, veicula, segundo a terminologia de John Searle, um acto ilocutório *secundário*, identificado com um enunciado literal, e através deste, à luz de factores contextuais, por dedução, por inferência, pela interpretação de normas pragmáticas codificadas cultural e socialmente, pela aplicação do princípio de cooperação de Grice, veicula um acto ilocutório *primário* – um pedido, uma promessa, uma ameaça, etc. – que exprime a verdadeira intenção do locutor. O enunciado constativo “Já é muito tarde” – o acto ilocutório secundário – pode ser dito e interpretado como um acto de fala indirecto – o acto ilocutório primário – para pedir ou ordenar às crianças que se retirem para dormir.

Afigura-se mais adequada a terminologia por autores como François Récanati que distinguem o significado *primário*, que é o significado literal de um enunciado, do qual deriva um significado *secundário*, que pressupõe aquele e que caracteriza um acto de fala indirecto.

#### **Acto ilocutório**

Acto que consiste em realizar, ou pretender realizar, determinado objectivo (promessa, conselho, pedido, agradecimento, etc.) mediante a produção de um enunciado cujo conteúdo proposicional está



marcado pela força ilocutória expressa por verbos performativos, pelo modo do verbo, pela ordem de palavras, pela entoação, por sinais de pontuação, por advérbios, por interjeições, etc., em conformidade com a intenção do emissor e num quadro contextual apropriado.

O filósofo norte-americano John Searle formulou a seguinte taxinomia dos actos ilocutórios, que tem merecido grande aceitação:

- a) *actos assertivos*, nos quais o locutor compromete a sua responsabilidade sobre a existência de um estado de coisas e sobre a verdade da proposição enunciada (asserções, descrições, constatações, explicações, etc.);
- b) *actos directivos*, cuja finalidade consiste em levar o interlocutor a agir de acordo com o conteúdo proposicional do acto de fala (ordens, pedidos, convites, sugestões, etc.);
- c) *actos compromissivos*, nos quais o locutor se obriga a adoptar um determinado comportamento futuro (promessas, juramentos, ameaças, etc.);
- d) *actos expressivos*, nos quais o locutor exprime o seu estado psicológico em relação ao estado de coisas especificado no conteúdo proposicional (agradecimentos, congratulações, condolências, desculpas, etc.);
- e) *actos declarativos*, nos quais o locutor, mediante a realização com êxito de um acto de fala, modifica o estado de coisas do mundo ou cria um novo estado de coisas (baptismos, casamentos, nomeações, demissões, condenações, etc.).

### **Acto locutório**

Produção de um enunciado formado de acordo com as regras gramaticais de uma determinada língua – nos planos fonético, morfológico, sintáctico e semântico – e que transmite um conteúdo proposicional.

### **Acto perlocutório**

Acto de fala que, em virtude da sua força ilocutória, produz no(s) receptor(es), num determinado contexto, o efeito pretendido pelo emissor (intimidar, persuadir, seduzir, etc.).

### **Acumulação**

Procedimento discursivo, caracterizado como figura retórica de pensamento, com articulações com a amplificação e com a enumeração, que consiste na adição (*adiectio*) de palavras e grupos de palavras que introduzem num texto matizes semânticos e pragmáticos diferenciados, não se identificando portanto com a sinonímia, embora a fronteira da acumulação com a sinonímia seja por vezes difícil de estabelecer.

*Exemplo: "Que famas lhe prometerás? Que histórias? / Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?" (Camões).*

### **Alegoria**

No seu significado etimológico, *alegoria* significa dizer uma coisa por outra, representando figurativamente um conceito ou uma abstracção (e, sob este ponto de vista, aproxima-se da personificação). Assim, a justiça é representada alegoricamente por uma mulher de olhos vendados que segura uma balança nas mãos, a paz é figurada por uma pomba, a crueldade por um tigre, etc.

A alegoria apresenta um significado literal e um significado figurado, que são indissociáveis na interpretação, prolongando-se muitas vezes a alegoria como uma metáfora continuada que pode ocupar ou percorrer a totalidade de um texto mais ou menos extenso. O funcionamento da alegoria é

fundamental na interpretação dos textos que representam e comunicam significados ocultos ou translatos de ordem religiosa, moral, política, etc.

*O Romantismo contrapôs a alegoria ao símbolo, desqualificando a alegoria como uma engenhosidade lúdica e semanticamente limitada, ao passo que o símbolo apresentaria uma densidade e uma irradiação semânticas muito superiores. A poesia modernista, porém, desde Baudelaire, redescobriu virtualidades semânticas inéditas na alegoria.*

### **Aliteração**

Repetição da mesma consoante, muitas vezes na sílaba inicial de palavras contíguas, tanto no verso como na prosa. A aliteração contribui poderosamente para a musicalidade e para o ritmo do verso e da prosa, em particular da prosa poética, gerando efeitos de harmonia imitativa.

*Exemplo: “Soidões lacustres... / Lemes e mastros.../ E os alabastros / dos balaústres” (Camilo Pessanha).*

### **Alusão**

Figura retórica de pensamento que evoca, de modo velado, indirecto ou oblíquo, quem ou o que não se quer, ou não se pode, nomear explicitamente, devendo o leitor, através da análise do contexto e fazendo apelo à sua enciclopédia e à sua memória literária e cultural, descobrir ou desvelar o não dito.

### **Amplificação**

Procedimento retórico que enriquece e intensifica gradualmente a informação de um enunciado ou de um texto, através da acumulação, da repetição de palavras, da enumeração, da paráfrase e da multiplicação de argumentos e de pontos de vista.

### **Anacoluto**

Ruptura da continuidade lógico-sintáctica do discurso, como efeito da manifestação do pensamento e da corrente de consciência do autor, do narrador ou de uma personagem, daí advindo uma construção sintáctica desligada da precedente. À luz de uma gramática prescritiva, o anacoluto é considerado uma incorrecção. É frequente na linguagem coloquial e emotiva e é um procedimento retórico-estilístico explorado intencionalmente em textos literários que procuram captar e representar a expressividade da linguagem oral e a afectividade, a emocionalidade e a vida interior das personagens.

*Exemplo: “E o desgração tremiam-lhe as pernas, e sufocava-o a tosse” (Almeida Garrett).*

### **Anáfora (1)**

Expressão linguística (termo anafórico) cuja interpretação depende da relação de co-referência ou da relação sinedóquica ou meronímica que mantém com outra expressão (o antecedente) que figura anteriormente na linearidade do texto. A anáfora pode ser nominal, pronominal, verbal, preposicional e adverbial. A relação entre o termo anafórico e o antecedente é uma relação textual cuja interpretação necessita da memória discursiva, da informação sobre o contexto situacional e da enciclopédia partilhada pelo emissor e pelo receptor.

### **Anáfora (2)**

Figura retórica que consiste na repetição da mesma ou das mesmas palavras ou de expressões análogas no início de frases sucessivas ou de membros de uma frase, como processo de sublinhar e intensificar a expressão de um sentimento ou de uma ideia.

*Exemplo: "Sabeis o que é esse despertar de poeta? // É o ter entrado na existência com um coração que trasborda de amor sincero e puro (...). // É o ter dado às palavras – virtude, amor pátrio e glória – uma significação profunda (...). // É o perceber à custa de amarguras que o existir é padecer, o pensar descrever, o experimentar desenganar-se (...)" (Alexandre Herculano)*

### **Antífrase**

Figura retórica de pensamento mediante a qual uma palavra ou uma expressão veiculam um significado contrário ao que habitual e literalmente têm, sendo portanto uma manifestação explícita e directa da ironia.

*Exemplo: "Junto de um seco, fero e estéril monte/ (...) cujo nome, do vulgo introduzido / é feliz, por antífrase, infelice" (Camões).*

### **Antítese**

Figura retórica de pensamento pela qual se exprime uma oposição de natureza lógico-semântica com base lexical e/ou sintáctica.

*Exemplo: "Nem tenho paz nem como fazer guerra,/ espero e temo e a arder gelo me faço / voo acima do céu e jazo em terra" (Petrarca, trad. de Graça Moura).*

### **Antonómiasia**

Figura retórica de pensamento que consiste em empregar um nome próprio como um nome comum, em virtude da generalização de um predicado que pertence por excelência ao nome próprio, ou, inversamente, em utilizar um nome comum para designar um nome próprio. Assim, "Tartufo" designa um "hipócrita" e "Messalina" uma "mulher devassa"; inversamente, "o cartaginês" designa "Aníbal". A antonomásia é uma manifestação especial da sinédoque e apresenta-se com frequência sob a forma de perífrase ("a águia do Marão" designa o célebre orador António Cândido).

### **Apóstrofe**

Figura retórica de pensamento que consiste em o autor se dirigir exclamativamente a um destinatário antropomórfico ou inanimado, vivo ou morto, presente ou ausente, real ou fictício.

*Exemplo: "Alma minha gentil que te partiste" (Camões).*

### **Argumentação**

Parte(s) do discurso em que o locutor, utilizando estratégias discursivas adequadas, tanto a nível macro-estrutural como a nível micro-estrutural, apresenta, encadeia e desenvolve coerentemente as premissas, as provas, os raciocínios e os elementos probativos e refutativos que têm como finalidade persuadir o auditório e alcançar a conclusão pretendida. Todas as partes do discurso, desde o exórdio à peroração, contribuem para a argumentação. Na argumentação, há uma vertente dialéctica, uma vertente lógica, uma vertente ética e uma vertente pragmática. Na chamada "literatura de tese", em especial nos géneros narrativos e dramáticos, a argumentação a favor ou contra uma causa religiosa,

social, política, ideológica, etc., impregna todo o texto, desde a acção às personagens e ao estilo, multiplicando-se os actos ilocutórios que têm como finalidade produzir actos perlocutórios, ou seja, convencer os leitores.

*Os trabalhos dos linguistas J.-C. Anscombre e O. Ducrot têm posto em relevo que a argumentação é um facto da própria língua e não do discurso : “Um locutor produz uma argumentação quando apresenta um enunciado E<sub>1</sub> (ou um conjunto de enunciados) como destinado a fazer admitir um outro (ou um conjunto doutros) E<sub>2</sub>”. Os topoi e os conectores seriam os garantes do encadeamento dos enunciados entre os quais se institui um nexo conclusivo. Esta análise ilumina alguns aspectos da argumentação e dos recursos argumentativos da própria língua, mas não contradita, nem muito menos pode excluir, o modelo retórico e aristotélico da argumentação discursiva acima exposto.*

### **Arquitexto**

Termo que designa o conjunto de convenções e de normas de natureza genológica, isto é, relativas ao género de que um texto depende com maior ou menor liberdade, tanto na sua produção como na sua leitura e interpretação. Em relação ao arquitexto, existem textos prototípicos, textos típicos, textos atípicos e textos transgressivos. Os textos inovadores alteram o arquitexto de modo mais ou menos acentuado. O arquitexto d’*Os Lusíadas*, por exemplo, é o poema épico como género.

### **Autor**

Termo que designa o produtor de um texto, oral ou escrito, literário ou não literário. O autor é geralmente um indivíduo singular, mas há casos em que a instância autoral é dual e até mesmo plural. Há textos de autor *anónimo* – a anónmia é frequente na literatura oral e na literatura popular, bem como na literatura sujeita a regimes de censura severa –, há textos de autores que se ocultam sob *pseudónimos* – nomes falsos, inventados por razões de vária ordem –, há textos de autores que se abrigam sob *criptónimos* – nomes disfarçados, construídos com elementos gráficos do nome verdadeiro – e há textos de autores *heterónimos*, isto é, como no caso de Fernando Pessoa, autores que se denominam com nomes diferentes do nome verdadeiro, aos quais correspondem máscaras (*personæ*) poéticas múltiplas, com biografias próprias e com concepções estético-literárias e com estilos distintos.

*O autor, singular, dual ou plural, tem uma existência real, num tempo, numa sociedade, numa altura e num lugar determinados. É o chamado autor real ou empírico, que existe fora do texto. Mas o autor tem também uma existência no âmbito do texto, é também uma instância intratextual, que só é possível conhecer através do texto. É o chamado autor textual ou autor implícito ou implicado. Entre o autor real e o autor textual podem existir relações de similitude ou de dissemelhança – a voz da persona poética das cantigas de amigo é uma voz feminina, mas o autor real é um homem –, se bem que entre os dois existam sempre, manifestas ou rasuradas, relações de implicação.*

### **Catacrese**

Tropo lexicalizado que preenche vazios léxico-semânticos de uma língua, podendo tomar as formas de uma metáfora, de uma metonímia ou de uma sinédoque. Na medida em que a catacrese alarga o significado de uma palavra a novos domínios referenciais, perdendo-se embora ou obscurecendo-se, através da sua lexicalização e da sua dicionarização, a originária raiz translática, constitui um relevante mecanismo da criatividade léxico-semântica da língua.

*Exemplos: “as pernas da cadeira”; “os dentes de uma serra”; “o rato do computador”; “rir-se nas barbas de alguém”.*

### **Catáfora**

Na linearidade textual, expressão colocada ulteriormente em relação a uma expressão anterior de que é co-referencial ou da qual desenvolve ou especifica o significado (por isso alguns linguistas afirmam que a catáfora é *dextrogira*, porque se situa à direita na linearidade textual, ao passo que a anáfora é *levogira*, porque se situa à esquerda na mesma linearidade).

### **Citação**

Reprodução de um texto ou de um fragmento de texto noutra texto, assinalada com referência ao autor e/ou à obra aos quais pertencem e graficamente demarcada com aspas ou com um tipo de letra diferente. A citação pode ter uma função de argumento de autoridade, uma função argumentativa ou contra-argumentativa, uma finalidade didáctica, uma natureza irónica ou paródica, pode inscrever-se numa poética de imitação ou ser uma das manifestações gerais da intertextualidade.

### **Clímax**

Figura retórica de pensamento que marca o estágio mais elevado na gradação ascendente da argumentação, do desenvolvimento da acção nos textos narrativos e dramáticos ou na tensão expressiva de um texto lírico. O movimento descendente em relação àquele estágio denomina-se *anticlímax*.

### **Coerência textual**

A coerência textual é um fenómeno que resulta da interacção entre factores macro-estruturais e micro-estruturais existentes no texto, graças à criatividade, ao trabalho oficial e à intencionalidade do autor – factores que envolvem modelos genológicos, tipos de texto, relações de intertextualidade, núcleos temáticos, campos lexicais e semânticos, isotopias e mecanismos sintácticos – e a capacidade interpretativa do receptor/leitor, que tem de cooperar na construção da coerência do texto com a sua competência linguística, a sua enciclopédia, a sua memória literária e cultural e a sua visão hermenêutica. É estreita a interligação entre a coerência textual e a coesão textual, mas com uma diferença relevante: esta última é exclusivamente de âmbito intratextual e não depende da capacidade e das estratégias interpretativas do leitor/receptor.

*A continuidade de sentido que caracteriza a coerência textual – a nível das macro-estruturas e das micro-estruturas textuais, no âmbito das relações entre a totalidade e as partes do texto – constrói-se de modo diverso conforme os géneros e os tipos de textos: nos textos científicos, técnicos, directivos, didácticos e similares, a liberdade interpretativa do receptor/leitor é limitada e mesmo exígua; nos textos argumentativos, nos textos jurídicos, nos textos políticos, nos textos religiosos e sobretudo nos textos literários, a liberdade interpretativa do receptor/leitor, sempre indissociável das estruturas textuais, é mais alargada e mais produtiva.*

### **Coesão textual**

Termo que designa os mecanismos linguísticos que na linearidade do texto instituem a continuidade do sentido entre os diversos elementos da estrutura de superfície textual. Esses mecanismos compreendem processos léxico-gramaticais, de entre os quais se destacam as cadeias de referência,

as reiteraões e substituiões lexicais (coesão lexical), os conectores interfrásicos (coesão interfrásica) e a ordenaão correlativa dos tempos verbais. A unidade semântica do texto é assim assegurada por uma organizaão formal que permite articular e interligar sequencialmente diversos componentes.

### **Comparaão**

Figura retórica de pensamento que estabelece explicitamente uma relaão de analogia entre dois termos, o comparante e o comparado, que figuram nomeados no texto, correlacionados gramaticalmente por uma conjunção, um advérbio ou uma locuão nominal apropriados. A comparaão, que se manifesta muitas vezes com uma funão semântico-pragmática estereotipada, pode em outros casos contribuir para a progressividade da informaão discursiva e para a revelaão de relaões novas e surpreendentes entre os seres, os objectos, os sentimentos, etc.

*Exemplo: “vai como um cão de caça o meu olfacto” (David Mourão-Ferreira).*

### **Competência discursiva**

O conceito de competência linguística, formulado por Chomsky, não explica os fenómenos da produão e da interpretaão do discurso e do texto, porque se limita ao âmbito da frase e porque ignora os factores comunicativos e retórico-pragmáticos, bem como as estratégias de invenção, de disposião e de elocução que possibilitam construir o discurso e o texto, tanto no plano macro-estrutural como no plano micro-estrutural. A competência discursiva e a competência textual consistem no domínio dos saberes linguístico e retórico-pragmáticos que permitem configurar as estruturas discursivas e textuais.

### **Conectores discursivos**

São uma classe de marcadores discursivos, que ligam um enunciado a outro enunciado ou uma sequência de enunciados a outra sequência, estabelecendo uma relaão semântica e pragmática entre os membros da cadeia discursiva, tanto na sua realizaão oral como na sua realizaão escrita. Morfologicamente, são unidades linguísticas invariáveis, pertencem a heterogéneas categorias gramaticais – como interjeiões, advérbios ou conjunções –, têm a mesma distribuião da classe de palavras a que pertencem e contribuem de modo relevante para a coerência textual, orientando o receptor na interpretaão dos enunciados, na construção das inferências, no desenvolvimento dos argumentos e dos contra-argumentos.

Conectores aditivos ou sumativos: *além disso, ainda por cima, do mesmo modo, igualmente, etc;* conectores conclusivos e explicativos: *por consequência, logo, portanto, de modo que, donde se segue, etc;* conectores contrastivos ou contra-argumentativos: *sem embargo, não obstante, todavia, contudo, de qualquer modo, em todo o caso, etc.*

### **Configuraão**

O acto de configuraão do texto é um acto realizado tanto pela instância produtora e estruturadora do texto como pela instância da leitura e da interpretaão – que realiza, nas palavras de Ricœur, um acto de refiguraão –, de modo que o texto não seja uma série de enunciados justapostos ou sucessivos que possam ser interpretados separada e avulsamente, mas uma totalidade coesiva e coerente em que cada parte contribui para a unidade do sentido global.

### **Contexto**

Conjunto de elementos linguísticos e não-linguísticos que rodeiam uma unidade linguística, seja qual for a sua extensão.

O contexto verbal, também designado por co-texto, é o conjunto de elementos da linearidade textual no qual se insere uma unidade linguística (palavra, frase, etc.). O contexto verbal pode ser *imediate*, se se tratar de unidades linguísticas contíguas, ou *largo* ou *acumulado*, se for necessário retroceder ou avançar para além da contiguidade na cadeia textual, a fim de alcançar uma interpretação verosímil, fundamentada e convalidada.

O contexto extraverbal ou extralinguístico é o conjunto de factores comunicativo-situacionais que condicionam e orientam o acto de enunciação, a invenção e a disposição do texto, a argumentação, os actos ilocutórios, os fenómenos da implicação e, no plano da interpretação, as inferências e as conclusões. O contexto extraverbal possibilita atribuir a interpretação apropriada aos enunciados que dela careceriam se fossem analisados apenas no plano da língua, isto é, da gramática. O contexto extraverbal compreende o *contexto situacional*, que diz respeito ao locutor e ao interlocutor e ao tempo e ao espaço em que o enunciado se insere, com especial relevância para o funcionamento dos elementos deícticos e dos actos ilocutórios; o contexto *sociocultural*, que condiciona histórica, social, cultural e simbolicamente a produção e a interpretação textuais; e o universo de discurso.

*O conceito de contexto, com o sentido de conjunto de elementos linguísticos e não-linguísticos que rodeiam uma unidade linguística, seja qual for a sua extensão, foi já utilizado na filologia oitocentista, mas ganhou nova relevância com a pragmática, a ponto de alguns autores, como S. Levinson, definirem a pragmática como “o estudo da capacidade dos usuários da linguagem para correlacionarem frases com os contextos nos quais elas sejam apropriadas”.*

### **Cooperação (princípio de)**

O princípio de cooperação, formulado pelo filósofo da linguagem H.P. Grice, ganhou apreciável fortuna nos estudos de pragmática, de análise do discurso e de linguística textual das últimas décadas. Fundado na racionalidade que deve caracterizar a interacção convencional, de acordo com os seus objectivos e de modo a assegurar a eficácia dos seus procedimentos, o princípio da cooperação baseia-se nas seguintes máximas que os interlocutores deverão observar:

- a) *máxima de quantidade* (o discurso produzido deve conter a informação necessária);
- b) *máxima de qualidade* (o discurso não deve afirmar o que o locutor crê ser falso, nem o que carece de provas);
- c) *máxima de relação* (o discurso deve ser pertinente ou relevante);
- d) *máxima de modo* ou *de modalidade* (o discurso deve ser claro, breve e ordenado).

*Hermeneuticamente, o princípio de cooperação é problemático e discutível, porque releva de uma idealização racionalista da comunicação discursiva típica da filosofia analítica, que não toma em consideração a ambiguidade, as estratégias irónicas e os actos ilocutórios indirectos do discurso, nem a plurissignificação intencional de diversos tipos de textos (desde os textos religiosos aos textos políticos e aos textos literários). Na comunicação literária, o princípio da cooperação é frequentemente impertinente ou inaplicável.*

### **Co-referência não anafórica**

Relação existente entre unidades linguísticas de um enunciado (grupos nominais, preposicionais ou adverbiais) que remetem para um referente idêntico, não sendo indispensável que entre as unidades linguísticas co-referenciais exista uma relação anafórica *stricto sensu*. A existência de uma relação

co-referencial entre duas unidades discursivas funda-se em bases pragmáticas, ou seja, na enciclopédia dos interlocutores e no contexto extralinguístico do(s) enunciado(s).

### **Cortesia (princípio de)**

Princípio pragmático fortemente regulador da interação discursiva entre os interlocutores. Este princípio, correlacionado com o contexto situacional e o contexto sociocultural dos interlocutores, concretiza-se nas estratégias discursivas adoptadas pelos mesmos a fim de evitar ou reduzir os conflitos, as ofensas ou as ameaças entre qualquer dos intervenientes na interação comunicativa verbal, devendo para tal observar-se máximas como não interromper o interlocutor, não manifestar falta de atenção, evitar o silêncio ostensivo, não proferir insultos, injúrias ou acusações gratuitas, etc. Outros procedimentos retórico-estilísticos contribuem para levar à prática o princípio de cortesia: os actos de fala indirectos, o eufemismo, a lítótes, a preterição, a perífrase, etc.

*O princípio de cortesia, que manifesta a influência dos sistemas sociais e culturais sobre as práticas discursivas, é por isso mesmo variável interculturalmente.*

*Há géneros e tipos de textos, em especial textos satíricos, paródicos, polémicos e panfletários, como os manifestos políticos e os manifestos literários, que são refractários ao princípio de cortesia.*

### **Co-texto**

Na linearidade textual, conjunto de sequências linguísticas que precedem (co-texto anterior) ou que se seguem (co-texto posterior) a um enunciado.

### **Deixis**

Fenómeno de referenciação dependente e constitutiva de enunciação. Os deícticos remetem verbalmente para referentes específicos do acto enunciativo. Ao contrário dos signos com um conteúdo semântico-referencial estável e permanente, os deícticos, de cada vez que são actualizados no discurso, referenciam de novo e variavelmente, em função da situação de enunciação, única e irrepitível.

Estes signos assinalam o sujeito enunciador, o sujeito a quem se dirige o acto enunciativo, o tempo e o espaço da enunciação; apontam para objectos, entidades e processos constitutivos do contexto situacional; contribuem ainda para a referenciação exofórica de outros signos actualizados no discurso.

A rede de referenciação instituída pelos deícticos tem como ponto primordial de cálculo o sujeito que fala, no momento em que fala. “Eu” é aquele que diz “eu” no momento em que o diz. É esta a coordenada enunciativa que gera todas as outras. “Tu” é aquele a quem o “eu” se dirige; “agora” é o momento em que o “eu” fala; “aqui” é o espaço em que o “eu” fala; “ontem”, “hoje”, “amanhã” são formas adverbiais que remetem para um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao tempo em que o “eu” fala. Têm portanto referenciação deíctica: pronomes pessoais, pronomes e determinantes possessivos, pronomes e determinantes demonstrativos, artigos, advérbios com valor locativo e temporal, os tempos verbais e ainda algumas preposições e locuções prepositivas, alguns adjectivos (*actual, contemporâneo, futuro*, etc.) e alguns nomes (*véspera*). Merece particular menção a deixis textual, que demarca e organiza anafórica e cataforicamente o tempo e o espaço do próprio texto, tanto escrito como oral: *a tese antes exposta, como ficou dito no capítulo anterior, como se demonstrou acima, veremos seguidamente, etc.*

### **Destinatário**

Pessoa ou entidade às quais se dirige um discurso ou um texto. O destinatário é portanto o receptor, em



muitos casos o receptor modelo, escolhido pelo emissor ou pelo locutor, ao contrário do ouvinte ou do interlocutor, embora, em certos casos, possa nunca vir a receber o discurso ou o texto que lhe são dirigidos. O destinatário, pela sua condição social, pelo seu género, pela sua enciclopédia, pela sua idade, etc., condiciona pragmaticamente a actividade discursiva do emissor.

## **Dialogismo**

1. A actividade discursiva caracteriza-se basicamente por colocar em relação/acção dois sujeitos falantes que, alternando papéis de locutor e de interlocutor, são ambos responsáveis pela gestão da actividade discursiva. Todo o acto de produção verbal é dirigido a um alocutário (real, imaginário, individual, colectivo) e encerra uma solicitação de resposta/reacção não necessariamente verbal nem imediata. Por conseguinte, toda a actividade discursiva institui, sob formas diversas de realização, uma relação de diálogo.

A interação dialógica que se manifesta no discurso não é um efeito contingente ou superveniente a um acto de efectiva produção enunciativa, mas está inscrita no próprio sistema linguístico. A língua está marcada, na sua organização interna, pela finalidade de comunicação e, portanto, por uma estrutura dialógica. Encontramos estas marcas na organização de paradigmas pronominais, nos mecanismos de modalização, nos marcadores de forças ilocutórias, nos conectores argumentativos, nos instrumentos de reprodução do discurso no discurso, por exemplo.

Mesmo no caso do monólogo, produção verbal que se realiza na ausência de qualquer interlocutor, aparentando envolver a presença de apenas um sujeito falante, está representada, como em qualquer outro acto enunciativo, a existência de um ou outros sujeitos virtualmente destinatários.

*O pensador, filósofo da linguagem e teorizador da literatura Mikhail Bakhtine (1895-1975) fundamentou e analisou na sua obra, de modo original e fecundo, em oposição à linguística saussuriana, o princípio do dialogismo discursivo, em particular em géneros literários como o diálogo socrático, a sátira menipeia e o romance (particularmente o romance de Dostoievski). Segundo Bakhtine, toda a palavra, todo o discurso co-envolvem um intercâmbio com outra(s) palavra(s) e com outro(s) discurso(s), aos quais são uma resposta, um comentário e uma antecipação. Quer dizer, no acto discursivo confluem constitutivamente vozes distintas, plurais, divergentes e antagónicas, representativas de formações sociais e ideológicas plurais e contrapostas e portadoras de perspectivas múltiplas sobre a vida e o mundo (por isso o romance, com as vozes do(s) narrador(es) e das personagens é um género radicalmente polifónico, que se oporia à natureza monofónica do poema lírico). A intertextualidade, conceito de que Bakhtine foi o fundador, é uma das manifestações maiores do dialogismo: a voz do outro, o discurso da alteridade, habitam e fecundam, de diversos modos, a voz de cada autor.*

## **Diálogo**

1. Modalidade discursiva, própria da actividade linguística normal, que consiste no intercâmbio de informação realizado por um locutor e um interlocutor, cujo papel é alternante. Nesta acepção, é sinónimo de conversação. Etimologicamente, diálogo não significa interacção verbal com dois interlocutores, mas circulação da palavra (o prefixo grego *dia-* significa *através de*). Por isso, alguns autores utilizam os vocábulos *dílogo* para designar o diálogo com dois interlocutores, *trílogo* para denominar o diálogo com três participantes e *polílogo* para designar o diálogo com múltiplos interlocutores.

2. Género literário e filosófico-literário que representa diversos interlocutores, com orientações espirituais, filosóficas, morais, ideológicas, estético-literárias, etc., diferentes, que debatem entre si, sob a regulação de um autor textual ou de um narrador, problemas de natureza diversa, com finalidades filosóficas, políticas, morais, pedagógicas ou outras. O modelo por excelência do diálogo assim entendido é o chamado diálogo socrático de Platão.

3. O diálogo é uma unidade formal estruturante dos textos dramáticos – excluindo o monólogo dramático – e dos textos narrativos, nos quais alterna normalmente com as sequências narrativas e com as descrições a cargo do narrador. Ocorre também em textos líricos com uma dimensão narrativa relevante, como a égloga e os poemas lírico-narrativos românticos.

### **Digressão**

Parte do discurso ou do texto que constitui um afastamento e uma interrupção temporários do fio temático, das sequências argumentativas, descritivas, narrativas, etc., que vinham a desenvolver-se. A digressão pode ter uma função retórica relevante, quando capta a atenção e a benevolência dos ouvintes e leitores; pode contribuir para esclarecer um argumento; pode documentar e tornar mais verosímil um evento narrado; pode dar ensejo ao autor ou ao narrador para expor e comentar a sua visão do mundo e a sua ideologia; pode ser uma manifestação de liberdade imaginativa, de engenhosidade dialéctica, de espírito crítico e de ironia (como nas *Viagens na minha terra* de Garrett ). Quando a digressão é muito extensa ou não se articula adequadamente com a matéria do discurso ou do texto, prejudica a coerência textual e desvia a atenção dos interlocutores e leitores.

### **Discurso**

O discurso distingue-se, tal como o texto, por ser uma identidade de âmbito e funcionamento transfrásicos. O discurso e o texto são o produto da concatenação coesiva e coerente de frases e de enunciados.

Apesar de algumas flutuações e até divergências de entendimento, há muitos pontos de acordo e de coincidência que nos permitem, com François Rastier, formular definições relativamente estabilizadas: discurso é “o conjunto de usos linguísticos codificados ligado a um tipo de prática social”; texto é uma “sequência linguística autónoma (oral ou escrita), constituindo uma unidade empírica, e produzida por um ou diversos enunciadores em prática social atestada. Os textos são o objecto da linguística”.

É importante sublinhar que tanto o discurso como o texto podem ser orais ou escritos.

*Este termo apresenta significados diversos conforme o quadro teórico em que é utilizado e até as próprias línguas que são usadas (o vocábulo alemão Diskurz, por ex., não equivale ao vocábulo inglês discourse).*

*Um conceito muito influente de discurso foi elaborado por Émile Benveniste, que opôs a língua (a langue saussuriana), sistema de valores virtuais e de unidades formais, ao discurso, entendendo este como a actualização concreta daquele sistema, num acto enunciativo irrepitível e numa situação espaço-temporal concreta, entre um locutor (eu) e um alocutário (tu), cujos papéis podem alternar.*

*A concepção benvenistiana do discurso está próxima, sob vários pontos de vista, da interacção conversacional estudada pela conversation analysis anglo-saxónica e tende a inscrever o discurso na esfera da oralidade.*

*O conceito de discurso foi fortemente marcado, na chamada escola francesa de análise do discurso e de linguística textual pela influência de filósofos como Michel Foucault e Louis Althusser, que sublinharam a importância dos factores políticos, ideológicos e sociais na constituição das formações discursivas e na produção dos discursos. Jean-Michel Adam, nesta perspectiva, considera o discurso*

como igual ao texto, mais as condições de produção, e o texto igual ao discurso, menos as condições de produção. Por conseguinte, o discurso é concebido como um texto inserido no seu contexto, quer no plano da produção, quer no plano da interpretação. Na mais recente versão da sua teoria, este linguista rejeita a descontextualização do texto e inclui, o que se afigura pertinente, o texto “no campo mais vasto das práticas discursivas”.

### **Discurso directo**

Modalidade de reprodução ou de citação do discurso de um emissor no discurso do mesmo ou de outro emissor (emissor-relator, emissor-narrador). O discurso directo mantém inalteradas as formas deícticas da produção discursiva postulada como original: os indicadores de pessoa (pronomes e morfologia flexional verbal de pessoa e número), de tempo (grupos adverbiais, preposicionais e tempos e modos verbais) e de lugar (grupos adverbiais e preposicionais e determinados verbos) são idênticos no discurso citado e no discurso original. Por isso, sendo o discurso directo uma reprodução literal deste último, no discurso directo escrito, a reprodução, além de assinalada frequentemente por verbos *dicendi*, isto é, verbos como *dizer*, *responder*, *contar*, *afirmar*, etc., que significam a realização por um sujeito de um acto de comunicação verbal, é marcada em geral por indicadores gráficos ou por operadores situacionais que delimitam e identificam os segmentos reproduzidos: aspas, itálicos, travessões, parágrafos. A ausência destes indicadores gráficos, como acontece nalguns textos narrativos contemporâneos, pode dificultar a leitura e a interpretação. Na realização oral, o discurso directo pode ser marcado pelo locutor-relator por efeitos de mimese fónica, por modulações tonais ou por elementos paralinguísticos como os gestos e as expressões faciais.

A citação no discurso directo do discurso postulado como original não é, porém, em estrito rigor, uma reprodução perfeitamente literal, porque envolve sempre uma transferência de contexto – nesta perspectiva, a iteração da citação altera sempre o significado –, porque pode ser o produto de uma interpretação prévia por parte do emissor-relator, com as correlativas operações de selecção, de rasura e silenciamento, o que comporta efeitos relevantes, por ex., em termos de argumentação, justificação e prova, em especial no discurso judiciário.

### **Discurso directo livre**

Tipo de discurso, característico do texto narrativo contemporâneo, embora também possa ocorrer em textos dramáticos e líricos, no qual as palavras ou os pensamentos de uma personagem são reproduzidos como que imersos no discurso do narrador tal como aquela os formulou, sem que o narrador assinale com marcas formais – etiquetas nominais, verbos introdutórios ou indicadores tipográficos como aspas e travessões – a sua mediação.

*Exemplo: “A mulher do médico desviou os olhos, mas era tarde de mais, o vômito subiu-lhe irresistível das entranhas, duas vezes, três vezes, como se o seu próprio corpo, ainda vivo, estivesse a ser sacudido por outros cães, a matilha da desesperação absoluta, aqui cheguei, quero morrer aqui”. (José Saramago)*

### **Discurso indirecto**

Modalidade de reprodução do discurso de um locutor no discurso do mesmo ou de outro locutor, não se mantendo no discurso reproduzido a forma do discurso original.

Com efeito, o discurso indirecto, ao contrário do discurso directo, é enunciativamente homogéneo, isto é, o sistema das coordenadas enunciativas, o centro deíctico, é sempre o do emissor-relator, o sujeito

da frase de que depende o segmento do discurso reproduzido (e daí a mudança da primeira para a terceira pessoa nas citações indirectas dos enunciados produzidos por emissores diferentes do emissor-relator).

*O emissor-relator dispõe de uma considerável margem de liberdade na reformulação interpretativa dos enunciados relatados, podendo afirmar-se que, em muitos casos, o discurso indirecto se constitui como uma paráfrase do discurso original, sendo por isso impossível recuperar, a partir do discurso indirecto, a forma exacta do discurso original.*

*Exemplo: “Quando a prelada lhe disse que podia deitar-se, querendo, perguntou-lhe a menina se poderia escrever a seu pai. A freira respondeu que no dia seguinte o faria, posto que o senhor Albuquerque ordenasse que a sua filha não escrevesse: assim mesmo, ajuntou ela, que lho não proibiria, se tivesse tinteiro e papel na cela”. (Camilo Castelo Branco)*

### **Discurso indirecto livre**

A designação “discurso indirecto livre” coloca este fenómeno discursivo em relação de classificação com o discurso directo e o discurso indirecto: em primeiro lugar, porque é geralmente assumido como forma de relato de discurso; em segundo lugar, porque, ao contrário do discurso indirecto, e em aproximação ao discurso directo, é um discurso livre de subordinação. Esta ausência dos constrangimentos sintácticos da subordinação e, na maioria das vezes, de verbo de comunicação está implicada na caracterização e no funcionamento enunciativo do discurso indirecto livre.

Neste modo de relato de discurso, a enunciação do emissor-relator funde-se com a enunciação do primeiro emissor; as fronteiras entre a voz de um e a voz de outro são dificilmente delimitáveis, ao contrário do que se verifica no discurso directo e no discurso indirecto (pelo recurso a marcações gráficas, morfossintácticas e deícticas, por exemplo), e daí que detectemos: a) activação da terceira pessoa gramatical (da enunciação do emissor-relator) na referência de estados de coisas perspectivados por uma primeira e segunda pessoa (da enunciação reportada); b) activação do imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito (da enunciação do emissor-relator) em contiguidade com o “aqui” e “agora”, coordenadas espaço-temporais daqui derivadas, e presente, pretérito perfeito e futuro (da enunciação do primeiro emissor); c) construção de frase e léxico atribuíveis ao enunciador primeiro: exclamações; interieições; marcadores discursivos (*bem, ora, pois*); deslocação dos constituintes de frase; fraseologia e expressões feitas; adjectivação valorativa; nomes qualitativos; intensificadores; advérbios de dúvida; locuções imprecisas, modalizadas; traços idiolectais, sociolectais; etc.

*Estas características enunciativas e discursivas, consideradas discriminadamente, não são exclusivas do discurso indirecto livre, mas, tomadas em simultaneidade, constituem um critério formal e operacional capaz de descrever a ambiguidade, a hibridiz e a dualidade constitutivas desta forma de relato de discurso.*

*A interpretação do segmento que realiza o discurso indirecto livre carece, como o discurso directo e indirecto, da consideração da unidade textual em que se insere. Sendo uma forma difusa de citação, e patenteando uma exploração criativa dos recursos da língua, essa exigência é mais notória: o sentido da frase ou do período que actualiza o discurso indirecto livre determina e é determinado por: a) intenções comunicativas do emissor-relator; b) atitudes do emissor-relator (*ironia, sarcasmo, empatia, etc.*); c) possibilidades de continuação textual; d) caracterização de personagem; e) quebra de ritmo narrativo; f) efeito de presentificação, etc.*

*Não é consensual a ideia de que o discurso indirecto livre seja um fenómeno exclusivo do texto literário. Aceitar que ele é activado também no discurso corrente ou oral convoca uma definição mais lata do que aquela que damos aqui, abrangendo todo o tipo de citação livre ou de simples importação para a enunciação relatora de marcas de registo da enunciação inicial. Integrá-lo no seio da literatura passa também por notar que o discurso indirecto livre serve a transmissão de pensamentos de uma personagem (já não um sujeito de enunciação, mas um sujeito de consciência) que não o emissor/narrador, dado que só pela ficção narrativa podemos ter acesso à consciência de uma terceira pessoa.*

### **Disposição**

A disposição (*dispositio*) constitui a segunda das cinco operações em que se subdivide a retórica e consiste na realização em macro-estruturas textuais – o exórdio, a narração, a argumentação e o epílogo – da matéria, da *res*, proporcionada pela invenção (*inventio*). Se, por um lado, a disposição se articula assim com a invenção, por outro lado articula-se com a elocução, com as micro-estruturas textuais. A *dispositio* regula a planificação e a arquitectura do texto, conduzindo à escolha das estratégias discursivas mais adequadas para a consecução das funções e dos objectivos pragmáticos ou estéticos visados.

### **Elocução**

A elocução (*elocutio*) é a terceira operação da retórica e trata da expressão linguística e estilística dos pensamentos e dos argumentos proporcionados pela invenção (*inventio*) e ordenados na sintagmática textual em macro-estruturas pela disposição (*dispositio*). A elocução regula a escolha e o emprego das micro-estruturas textuais, desde as palavras isoladas (*verba singula*), ou seja, as unidades lexicais disponíveis e apropriadas, até às palavras relacionadas no enunciado (*verba coiuncta*), às figuras e aos tropos.

As qualidades fundamentais da elocução, em que confluem os princípios retórico-textuais da *ars recte dicendi* e da *ars bene dicendi*, são os seguintes: a) a correcção (*puritas*) da expressão, fundada na regularidade gramatical da língua; b) a clareza (*perspicuitas*), alicerçada na propriedade e na diafaneidade lógica das expressões, que evita a obscuridade e a complicação; c) a elegância (*urbanitas, venustas*), que confere graça e beleza ao texto.

### **Emissor**

Designa a pessoa que, num determinado contexto espaço-temporal, realiza intencionalmente um acto de comunicação verbal e produz o enunciado, o discurso e o texto, orais ou escritos, daí resultantes. O emissor, para além da sua competência linguística, possui um determinado conhecimento do mundo, crenças, convicções e posições sociais e ideológicas que marcam a sua actividade discursiva sob o ponto de vista pragmático.

### **Enciclopédia**

Não basta ter o domínio da gramática e do dicionário para produzir e interpretar textos. Com efeito, a competência discursiva e textual, além de exigir o conhecimento de estratégias e regras atinentes às macro-estruturas e às micro-estruturas textuais e dos factores pragmáticos relativos ao contexto situacional, pressupõe a existência da *enciclopédia*, na acepção semiótica do termo: conjunto dos conhecimentos e das crenças sobre o mundo, partilhado, num determinado tempo e numa determinada comunidade social, pelos interlocutores e pelos autores e leitores que intervêm na produção e na interpretação de actos discursivos e de textos.

## Enumeração

Figura retórica de adição que consiste na nomeação acumulativa das partes de um todo e de elementos que mantêm entre si uma correlação lógica ou semântica: “mas agora fica exarado/num palimpsesto de inverno, por entre temporais,/inundações, ventos ciclónicos, neve e granizo,/temperaturas negativas, gente que ficou rasurada, ou/sem haveres e sem casa” (Vasco Graça Moura).

*Leo Spitzer denominou enumeração caótica a enumeração, frequente na poesia modernista e vanguardista, de elementos entre os quais não haveria um nexo lógico explícito: “Tua alma omnívora, / tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher, / tua alma os dois onde estão dois, / tua alma o um que são dois quando dois são um, / tua alma seta, raio, espaço, / amplexo, nexo, sexo, Texas, Carolina, New - York, / Brooklyn Ferry à tarde, / Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,/ Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!” (Fernando Pessoa/Álvaro de Campos).*

## Enunciação

O acto individual mediante o qual um emissor utiliza e actualiza um sistema linguístico para produzir enunciados numa determinada situação comunicativa.

## Enunciado

Produto de um acto de enunciação, é uma sequência comunicativa de extensão variável, semanticamente auto-suficiente e sintacticamente independente, que forma parte da cadeia de um texto, oral ou escrito, na qual os enunciados se concatenam em conformidade com os critérios de coesão e de coerência textuais e com o princípio da progressão temática.

## Enunciador

Sendo a enunciação a actualização, num contexto determinado de comunicação, das possibilidades e dos recursos da língua, o indivíduo que, ao apropriar-se do aparelho formal da língua, produz enunciados e textos dirigidos a um interlocutor, denomina-se *enunciador* (por congruência terminológica, o seu interlocutor denomina-se *enunciatário*). O enunciador é portanto um sujeito linguístico, com uma determinada identidade psicossocial, que inscreve no discurso a sua subjectividade, a sua perspectiva intelectual, emocional e axiológica do mundo, e que, no quadro do dialogismo discursivo da interlocução, inscreve também no seu texto o *outro*, a segunda pessoa do singular ou do plural.

*Na teoria da narrativa, tem sido posto em relevo, desenvolvendo aliás ideias expostas na teoria da enunciação de Benveniste, que há enunciados aparentemente sem enunciador, ou melhor, com as marcas da presença do enunciador rasuradas ou elididas.*

*No âmbito da sua teoria da polifonia, Ducrot formulou um conceito muito peculiar de enunciadores: “aqueles seres que são supostos exprimirem-se através da enunciação, sem que, no entanto, se lhes atribuam palavras precisas; se “falamos”, é unicamente neste sentido em que a enunciação é vista como exprimindo o seu ponto de vista, a sua posição, a sua atitude, mas não, no sentido material do termo, as suas palavras”. Tal fenómeno, relevante no âmbito do dialogismo, não parece justificar a utilização do termo enunciador.*

## Epígrafe

Citação de um excerto textual, em particular de um texto literário, colocada no exergo do texto ou a encimar os seus capítulos ou unidades constituintes equivalentes. A epígrafe é em geral retirada de um autor e de uma obra célebres e modelares e faz parte do paratexto. As epígrafes são importantes para a interpretação do texto, porque são indicadores das relações de intertextualidade com a obra citada.

### **Epílogo**

Na retórica, parte final de um discurso, também chamada peroração, em que o autor recapitula os factos e os argumentos e, sobretudo, se esforça por influir nos afectos e nas emoções, de modo a obter a simpatia do auditório e de quem deve tomar a deliberação, política ou judicial.

Por extensão, o termo designa a parte final de um texto literário, sobretudo do género narrativo e do género dramático.

### **Escala argumentativa**

Ordenação gradativa, de maior a menor ou de menor a maior, dos argumentos que suportam uma conclusão. Segundo O. Ducrot, as escalas argumentativas, que de razões antecedentes se orientam para uma consequência conclusiva, apoiam-se em *topoi*, isto é, em temas ou em procedimentos argumentativos, narrativos e descritivos que estão conservados na memória individual e colectiva, que fazem parte da tradição e do saber compartilhado por uma comunidade cultural.

### **Escrita**

As línguas verbais podem ser realizadas através de dois modos que constituem a sua substância da expressão: a oralidade e a escrita.

A escrita, podendo embora ser apenas a transcodificação de um texto oralmente realizado, como quando se transcreve o registo gravado de uma conversa, de um depoimento judicial, etc., origina na produção dos enunciados e textos múltiplas e relevantes características distintivas. A escrita, que possibilita uma comunicação diferida no tempo e no espaço e a elaboração de um pensamento fortemente descontextualizado, abstracto e analítico, produz textos cuidadosamente planificados e elaborados – embora haja textos escritos debilmente elaborados e apressadamente produzidos e haja outros textos, por vezes de grande complexidade, produzidos de um jacto, sem interrupções nem correcções (o que não significa que não tenham subjacente um longo processo de planeamento e amadurecimento) –, susceptíveis de um processo de reescrita, de reformulação e correcções sucessivas.

No texto escrito predomina a hipotaxe, avultam os elementos coesivos e as palavras de tipo linguístico-gramatical dedicadas à planificação discursiva do texto. O léxico do texto escrito é mais rico, variado e cuidado do que o léxico do texto oral, podendo alcançar um elevado grau de especialização (por exemplo, nos textos científicos, filosóficos, jurídicos, etc.).

O texto escrito pode conter elementos importantes de natureza não-verbal, como o tipo de letra, a disposição iconográfica das palavras no espaço da página, a interacção entre os elementos verbais e elementos pertencentes a outros códigos semióticos – o desenho, as ilustrações, as fotografias, etc. – ou a interacção com esquemas, diagramas ou tábuas estatísticas, característica de muitos textos escritos de natureza científica e tecnológica.

A escrita pode incorporar marcas peculiares da oralidade para obter determinados efeitos estilísticos e para tornar mais dúctil, plástica e moderna uma língua escrita demasiado conservadora e rígida no seu léxico, na sua sintaxe, na sua semântica e na sua pragmática. Um magnífico exemplo na literatura portuguesa desta vivificação da língua escrita literária pela língua oral encontra-se nas *Viagens na minha terra* de Almeida Garrett.

A escrita pressupõe uma longa e complexa aprendizagem de processos linguísticos, cognitivos, socioculturais e pragmáticos, que proporcione o conhecimento dos recursos e das normas da língua, dos registos adequados a cada tipo de texto e as propriedades elocutivas e discursivas fundamentais como a correcção, desde a ortografia à sintaxe, a clareza, a coesão e a coerência. Esta longa e complexa aprendizagem tem na leitura como processo compreensivo e na leitura como processo criativo – na leitura de textos de diversa e plural tipologia – a sua trave mestra.

*A escrita é uma técnica relativamente recente em relação à oralidade – o seu início data de cerca do ano de 3500 a.C. e a sua mais importante manifestação, a escrita alfabética, terá começado a difundir-se nas línguas semíticas e na língua grega a partir do século VIII a.C. – que fixa os sinais gráficos representativos dos signos verbais em suportes como a pedra, a cerâmica, o papiro, o pergaminho, o papel, a digitalização, etc., sendo portanto as mensagens inscritas nestes suportes percebidas através do canal visual. A invenção e a difusão da escrita representaram uma das maiores revoluções culturais da humanidade, porque possibilitaram superar as limitações temporais e espaciais da comunicação oral, permitindo conservar duradouramente e com uma difusão geograficamente alargada as informações e os conhecimentos registados. Daí o seu prestígio nas esferas da religião, da poesia, do direito, da história, da administração pública, etc.*

### **Estilo**

Conjunto dos traços formais, dos recursos expressivos, que caracteriza um texto ou a escrita de um autor, na totalidade ou em diversas fases da sua obra. Conjunto dos traços formais, dos recursos expressivos, que caracteriza um corpus textual configurado genologicamente ou representativo de um movimento ou de um período literários.

### **Estratégia discursiva**

Conjunto de escolhas que realiza um emissor no quadro das regularidades e das constrações que lhe impõem a gramática da língua e os condicionalismos retórico-pragmáticos, isto é, o contexto situacional e o auditório ao qual se dirige, a fim de produzir um discurso apropriado à sua intenção comunicativa e à consecução das finalidades pretendidas.

### **Eufemismo**

Figura retórica de pensamento que consiste em evitar palavras próprias (*verba propria*) sobre as quais recai um interdito linguístico de origem religiosa, moral ou social e em atenuar ou suavizar o significado de palavras cruéis, molestas, grosseiras ou desagradáveis. O eufemismo é uma estratégia discursiva que recorre ao uso de outras figuras como a alusão, a metáfora, a perífrase e a lítótes.

*Exemplo: dizer “passou a melhor vida” em vez de “morreu”.*

### **Exórdio**

O exórdio (ou proémio) é a parte inicial de um discurso ou de um texto e tem como funções dar a conhecer ao receptor a matéria que vai ser tratada, estabelecendo assim um nexos com a narração (*narratio*), isto é, com a exposição dos acontecimentos, e sobretudo atrair a atenção e obter a benevolência do auditório (termo que abarca tanto os ouvintes como os leitores).



## **Explicit**

Vocábulo latino que significa “acabou” e que designa as últimas palavras de um texto e, em especial, o último verso de um poema.

## **Figura**

Dispositivo retórico que opera, na linearidade do texto, in *verbis coniunctis*, isto é, em palavras reunidas em frases, que gera, para além do sentido literal e muitas vezes contra o sentido literal, enunciados com significados novos que funcionam como ornatos e como meios de expressividade estilística e densificação semântica. Há figuras de dicção, que dizem respeito sobretudo à elocução, de natureza fonológica e morfológica – a aliteração, por ex. – e de natureza sintáctica – a anáfora, a enumeração, o hipérbato, etc. Por outro lado, existem figuras de pensamento, que se correlacionam sobretudo com a invenção (*inventio*) e que dizem respeito à semântica de um enunciado, nas suas dimensões imaginativa e criativa – por ex., a apóstrofe, a antítese, a hipérbole, o oxímoro, etc.

## **Formas de tratamento**

Um recurso da língua, entre outros, de natureza formal, com a função discursiva de regular eficazmente a interacção do locutor com o interlocutor, com vista a obviar obstáculos ou rupturas na comunicação-interacção. Mecanismos como este marcam o exercício verbal e situam-se no estudo que cruza as relações entre as acções discursivas, que perseguem determinados objectivos sociocomunicativos, e princípios conversacionais como o da cortesia e ainda um “código de boas maneiras” vigente numa sociedade. A opção por uma forma de tratamento em detrimento de outra é determinada por um sentido de familiaridade/proximidade – distância psicossocial e quer o locutor, quer o interlocutor contam com a activação de formas adequadas à situação interactiva, ritualizados que estão estes procedimentos.

*Tipos de formas de tratamento: familiar (tu, amigo), honorífico (senhor Presidente, senhor Ministro), nobiliárquico (Sua Majestade, Sua Alteza), eclesiástico (Monsenhor, Sua Eminência), académico (senhor Doutor, Professor Doutor), etc.*

## **Fragmento**

1. Parte de um texto inacabado ou inconcluso, por vicissitudes da sua transmissão manuscrita ou impressa, pela morte do autor ou por abandono do seu projecto de escrita.
2. Desde o Romantismo alemão, o fragmento é um tipo específico de texto que, por motivos de ordem filosófica e estética, recusa a totalidade e a coerência global de um texto perfeito, no sentido etimológico do termo, isto é, acabado, conclusivo, e que no fragmentarismo espelha a finitude, a incompletude e o sentimento de dissipação ontológica do próprio homem e da vida humana, como se a escrita fragmentarística espelhasse a pulverização do sujeito da enunciação e o caos do mundo.

## **Géneros de textos**

Os textos, para além das propriedades fundamentais da textualidade, apresentam estruturas verbais peculiares, semânticas e formais, e marcas pragmáticas que possibilitam a sua classificação em tipos e géneros.

A retórica clássica distinguiu três géneros de discursos, com base nos elementos referenciais representados nos textos, no contexto institucional em que os textos são produzidos, na função dos destinatários e receptores dos actos discursivos e na intenção do emissor:

- a) o *género deliberativo* ou *político*, constituído por discursos em que são tratados os problemas da comunidade, proferidos perante a assembleia que representa essa mesma comunidade e que têm

como objectivo, através do debate estabelecido, persuadir os membros da assembleia a tomarem uma deliberação sobre a mais útil e proveitosa solução futura quanto aos problemas em causa;

b) o *género judicial* ou *forense*, constituído pelos discursos proferidos no tribunal, onde se julga alguém por actos cometidos no passado, havendo um orador que acusa e outro que defende o réu, procurando um e outro, com a sua argumentação, baseada nos factos, nas provas e na lei, persuadir os juízes a tomarem uma decisão que faça justiça a cada uma das partes;

c) o género *epidíctico* ou *demonstrativo*, constituído pelos discursos de encómio ou de vitupério, isto é, sobre as qualidades positivas ou negativas de alguém ou de algo, nos quais apenas fala um orador e que, por isso mesmo, não possui o carácter dialéctico dos outros dois géneros, podendo o tempo a que se reporta este género de discurso ser o passado, o presente e o futuro.

Em relação aos textos literários, a poética clássica, desde Platão e Aristóteles, estabeleceu os fundamentos semânticos (mundo representado), enunciativos e estilístico-formais para construir a famosa tripartição de géneros que ainda hoje perdura na sua essencialidade, com as alterações e inovações resultantes da evolução histórica da própria literatura: o *género lírico*, o *género épico* ou *narrativo* e o *género dramático* ou *teatral*. Cada um destes géneros compreende diversos subgéneros, nalguns casos resultantes da sua mescla ou do seu hibridismo:

a) o *género lírico* - compreende nomeadamente o hino, a ode, a elegia, a epístola, a sátira, a égloga, a canção, o soneto (que, em rigor, é uma forma poética fixa), o madrigal e a balada;

b) o *género épico ou narrativo* - compreende nomeadamente a epopeia, o romance, a novela, o conto, a lenda, o apólogo e a fábula;

c) o *género dramático ou teatral* - compreende nomeadamente a tragédia, a comédia, a tragicomédia, o auto, a farsa e o drama.

Na época contemporânea, foi acrescentado aos três géneros literários canónicos um quarto género – o *género didáctico-ensaístico* – no qual cabem subgéneros como o diálogo, o ensaio propriamente dito, o livro de viagens, o sermão, a biografia, a autobiografia, o diário, as memórias, etc. As fronteiras de alguns destes subgéneros com os subgéneros narrativos são fluidas e imprecisas.

## Gradação

Figura retórica de adição que consiste numa sucessão de palavras ou de grupos de palavras que, pela sua expressividade e intensidade semântico-pragmática, amplificam ou diminuem o significado e, se for caso disso, a força ilocutória do elemento textual anterior, podendo esta relação ter uma direcção ascendente, até culminar num clímax, ou uma direcção descendente, encaminhando-se para um anticlímax.

*Exemplo: “Aqui me achei gastando uns tristes dias,/ tristes, forçados, maus e solitários, / trabalhosos, de dor e d’ira cheios” (Camões).*

## Hipálage

Figura retórica de natureza sintáctica, mas também de natureza léxico-semântica, que consiste em deslocar uma palavra, em geral um epíteto, para a associar a outra palavra, em geral um nome, à qual não convém semanticamente. Em regra, a hipálage associa a um nome de objecto ou de coisa um epíteto que convém a pessoas.

*Exemplo: “Como unhas de mercúrio fulgente/ crescem-me dos olhos e dos dedos / nunca sonhados medos, nunca tanto / fulgor de lágrimas doentes” (Carlos de Oliveira).*

## Hipérbato

Figura retórica sintáctica que consiste na alteração da ordem normal das palavras na frase, pela separação do nome e do adjectivo, pela colocação do sujeito ou do verbo no fim da frase, pelo deslocamento dos pronomes, etc. O deslocamento, ao modificar a ordem natural das palavras num grupo sintáctico, contribui para conferir àquelas expressividade estilística, mas, se for violento e de longa amplitude na frase, pode obscurecer e tornar difícil a interpretação.

*Exemplo: “Também movem da guerra as negras fúrias” (Camões).*

## Hipérbole

Figura retórica de pensamento que consiste no aumento ou na dimensão excessivos da força semântico-pragmática de um enunciado, com finalidades encomiásticas ou satíricas em relação aos referentes em causa.

*Exemplo: “ E julgareis qual é mais excelente, / se ser do mundo rei, se de tal gente” (Camões).*

## Hipertexto

1. Termo que designa, nas teorias da intertextualidade, um texto que é produzido a partir de outros textos e sobre outros textos, designados *hipotextos* ou *subtextos*.

2. No âmbito das contemporâneas tecnologias da informação e da comunicação, o termo designa um *corpus* textual com suporte electrónico, não linear, mas sim multilinear, cuja sequencialidade é variável ao longo da leitura conforme os enlaces (*links*) que o leitor pode activar e que dão acesso a múltiplos blocos textuais constitutivos desse *corpus*.

## Imagem

Termo que, na retórica, é equivalente a tropo, abrangendo aquelas figuras de significação como a comparação, a metáfora e a metonímia que conferem uma forma sensível à representação das ideias, dos sentimentos e das acções, desempenhando no texto um relevante efeito estilístico.

## Implicação

1. Relação lógica que, mediante um processo inferencial dedutivo, permite formular uma conclusão a partir das proposições contidas nas premissas.

*Exemplo: Os beirões são obstinados; o Francisco é um genuíno beirão; o Francisco é obstinado.*

2. Relação lógica nos termos da qual a afirmação (ou a negação) de um enunciado supõe necessariamente a afirmação (ou a negação) do que se afirma noutro enunciado antecedente ou subsequente. O emissor não pode afirmar num enunciado o que nega no outro, sob pena de contradição.

*Exemplo: o enunciado O Meneses comprou um BMW implica o enunciado O Meneses comprou um automóvel.*

## Implicaturas conversacionais

Termo introduzido pelo filósofo H.P. Grice para designar a informação obtida por inferência a partir do conteúdo do enunciado e do saber compartilhado pelos interlocutores, graças à assunção de que o

princípio de cooperação está a ser observado ao nível daquilo que o falante quer dizer. Esta informação implícita pelo locutor e calculada interpretativamente pelo interlocutor é condicionada pela especificidade dos contextos em que emerge.

### ***Incipit***

Parte inicial de um texto, de extensão variável conforme os géneros. O *incipit* de um poema identifica-se em geral pelo primeiro verso.

### **Informação**

A interacção discursiva pressupõe que os interlocutores partilhem, para além do conhecimento da língua que utilizam, um conjunto suficientemente alargado de informação pragmática: conhecimento do mundo, de crenças, de opiniões, de *topoi* relacionados com o meio social e cultural em que se inserem (enciclopédia); conhecimento mútuo dos interlocutores e conhecimento da situação de interlocução; conhecimento do contexto verbal de que são actores. Esta informação pragmática é constituída, por um lado, por significados proposicionais transmitidos pelos enunciados e, por outro lado, por significados implícitos ou implicados que só são apreensíveis e interpretáveis com recurso às máximas e às implicaturas conversacionais.

Como em qualquer acto comunicativo, a informação pragmática possuída pelos interlocutores nunca é exactamente coincidente, sendo a sua área de intersecção o factor que possibilita a interacção discursiva. Quanto mais alargada for essa área, tanto mais fluida e bem sucedida será a interacção; quanto mais exígua e parcelar ela for, tanto mais difícil e até conflitual será a interacção.

### **Interdiscurso/interdiscursividade**

1. Conjunto de discursos inseridos num ou em vários campos discursivos, que mantêm relações dialógicas uns com os outros. Conjunto dos campos discursivos e das formações discursivas com os quais um texto ou um discurso concretos mantêm relações implícitas ou explícitas.

2. Numa sociedade e numa cultura determinadas, existe um universo discursivo, isto é, o conjunto das formações discursivas. Neste conjunto, há campos discursivos diferenciados – o político, o literário, o científico, o filosófico, etc. –, entre os quais se podem instituir relações de solidariedade, de cooperação e de interfluência, mas também relações de dissídio, de conflito e de afrontamento mútuos. Nenhum campo discursivo se caracteriza pela insularidade, mas funciona sempre, de modo velado ou explícito, em relação dialógica com outro(s) campo(s) discursivo(s). É às relações dialógicas, de interinfluência, de cooperação ou de antagonismo, entre os vários campos discursivos e às relações que um texto pode manter com um ou vários campos discursivos que se dá a designação de interdiscursividade.

### **Interlocutor**

Termo que designa o participante num acto discursivo na posição de receptor e que pode, no intercâmbio da interacção discursiva que se configura como um diálogo, assumir o papel de locutor. Por isso, no plural, designam-se como interlocutores os intervenientes numa situação de comunicação oral. O ouvinte, diferentemente do interlocutor, não tem em geral o direito de se tornar locutor, a não ser em situações específicas de debate.

### **Intertexto/intertextualidade**

1. Texto ou conjunto de textos com os quais, quer na sua produção, quer na sua interpretação, um texto concreto mantêm relações de ordem retórico-estilística e de ordem semântica.

2. Conjunto das relações que um texto concreto contrai, desde a esfera da sua produção até à esfera da

sua leitura e da sua interpretação, com outro(s) texto(s). Nenhum texto é uma entidade fechada sobre si própria e dependente apenas da actualização de um sistema linguístico. A transtextualidade, isto é, a abertura a outros textos, a interacção e o diálogo com outros textos, é uma dimensão constitutiva de todo o texto, seja ele literário ou não, embora a intertextualidade desempenhe na produção e na interpretação do texto literário uma função particularmente relevante, visto que a memória dos textos é fundamental na cultura literária (lembramos que as Musas, mitos tutelares da poesia e de outras artes, são filhas de Mnemósina, a deusa da memória).

A intertextualidade, que relaciona um hipertexto com um ou diversos hipotextos, pode assumir várias modalidades, desde a alusão e a citação até à imitação criativa, à paráfrase, à paródia e ao plágio.

O hipotexto de um texto literário pode ser um texto, na acepção semiótica do termo, não literário, nem sequer verbal (por ex., um texto pictórico, um texto musical). Nestes casos, ocorre a manifestação de uma intertextualidade interartística.

### **Invenção**

Termo que designa a primeira operação da retórica e que consiste, *stricto sensu*, na busca e no encontro dos assuntos (*res*) verdadeiros ou verosímeis, das provas e dos argumentos apropriados que serão expostos no discurso com o objectivo de defender uma causa e de persuadir o auditório. Em sentido mais amplo, a invenção consiste no encontro do tema, das ideias, dos conteúdos, da *res* semântico-extensional, das macro-estruturas semânticas que, mediante as operações da disposição (*dispositio*) e da elocução (*elocutio*), hão-de ser objecto dos processos de textualização.

### **Ironia**

Figura retórica de pensamento que consiste na produção de um enunciado – ou de um texto – com um significado literal que diverge ou é mesmo contraposto ao significado que corresponde à intenção do emissor e que o receptor pode e deve interpretar mediante a análise do co-texto e sobretudo do contexto, isto é, sobretudo mediante razões de ordem pragmática em que a enciclopédia desempenha uma função central. Sem a cooperação, a cumplicidade e a sagacidade do interlocutor ou do leitor, o sentido irónico de um enunciado ou de um texto esvai-se ou perde-se, sobretudo quando a ironia é subtil ou velada.

No discurso oral, ou oralizado, a entoação e vários elementos de natureza cinésica podem assinalar e tornar óbvia a ironia.

*Exemplo: “Se acha que a vida não é boa / utilize gás da Companhia / o combustível de Lisboa” (Alexandre O’Neill).*

### **Isotopia**

Iteração ou recorrência, na cadeia sintagmática do enunciado ou do texto, de palavras que formam uma rede de sentido que contribui para a coerência textual e para a legibilidade e a interpretação do texto. A isotopia é um fenómeno semântico que se inscreve no plano do conteúdo, mas alguns autores alargam o conceito ao plano da expressão. A interrupção de uma rede isotópica, introduzindo no discurso ou no texto a heterogeneidade semântica, designa-se *alotopia*.

Fala-se de *pluri-isotopia* quando, num enunciado ou num texto, ocorrem sequências isotópicas que originam múltiplos sentidos e que possibilitam portanto interpretações plurais.

*Exemplo de isotopia: “Na velha casa passou um rio / passou a cheia, o tempo um arrepio. / Quem eu chamo já não vem. / Tanto quarto vazio/ tanta sala sem ninguém. / E frio” (Manuel Alegre).*

## **Leitor**

Pessoa existente na realidade, historicamente determinada, que lê um texto e que constitui uma das suas instâncias interpretativas. Este é o *leitor real* ou *leitor empírico*, que é uma entidade extratextual. O leitor pode existir, porém, no próprio texto, ter uma existência intratextual, como o leitor – ou a leitora – ao qual se dirigem e com o qual dialogam o autor e o narrador. O *leitor implícito*, na estética da recepção, é uma função existente no próprio texto, que orienta no processo de leitura e de interpretação o leitor real. O *leitor modelo* é o leitor que o próprio texto, nas suas estratégias discursivas e na sua intencionalidade, prevê e convoca como o interlocutor adequado para cooperar na construção do sentido textual, actualizando as potencialidades inscritas no próprio texto. O *leitor ideal* é o leitor com uma enciclopédia e dotado de um conjunto de competências de leitura e de interpretação que o autor elege como o destinatário apropriado e exemplar do seu texto.

## **Lítotes**

Figura retórica de pensamento que consiste numa atenuação ou mitigação do significado que se afirma, com o fim de o reforçar ou fazer sobressair, ou seja, formalmente existe uma atenuação, mas funcionalmente produz-se um reforço do significado. Frequentemente, a lítotes nega o contrário do que se quer afirmar.

*Exemplo: “Não é feia” para afirmar que uma mulher é bonita.*

## **Locutor**

Designa a pessoa que fala e que produz portanto um acto discursivo no âmbito de uma situação de comunicação oral (o espectro semântico do termo é assim menos amplo do que o do termo emissor, pois que não se utiliza *locutor* para designar o autor de discursos ou textos escritos).

## **Marcadores discursivos**

Unidades linguísticas invariáveis, com alto grau de gramaticalização, que não desempenham uma função sintáctica no âmbito da frase, nem contribuem para o sentido proposicional do discurso, mas que têm uma função relevante na produção dos actos pragmático-discursivos, estabelecendo conexões entre os enunciados, organizando-os em blocos, indicando o seu sentido argumentativo, introduzindo novos temas, mantendo e orientando o contacto do locutor com o interlocutor. Os marcadores do discurso subdividem-se em *estruturadores da informação*, conectores, *reformuladores*, *operadores discursivos* e *marcadores conversacionais*.

## **Máximas conversacionais**

Veja-se Cooperação (princípio de)

## **Memorização**

A *memoria* é a penúltima operação da retórica e foi definida por Cícero como “a captação firme do pensamento das coisas e das palavras”, isto é, como a capacidade de conservar na faculdade da memória as estruturas discursivas construídas graças às anteriores operações da retórica, a fim de poder comunicar esta espécie de escrita mental, com destreza e eficácia, ao auditório, segundo os preceitos da actio ou pronuntiatio. A faculdade da memória é natural, mas, como sublinham os tratadistas clássicos da retórica, existe uma memória artificial, que se cultiva e desenvolve pela prática e de acordo com as regras e as fórmulas mnemotécnicas expostas nas chamadas artes da memória. Os

discursos produzidos oralmente são prejudicados na sua coesão e na sua coerência por uma memorização deficiente.

### **Metáfora**

O mais importante tropo, consiste na substituição de uma palavra própria (*verbum proprium*) por uma palavra com a qual aquela possui elementos sémióticos em comum, com supressão daquela, ao contrário do que acontece na comparação, figura em que comparece o termo comparado (além da partícula comparativa). A translação ou a transposição do significado baseia-se numa analogia manifesta ou oculta, que a metáfora desvela e dá a conhecer (daí a dimensão cognitiva da metáfora, para além da sua dimensão de ornato estilístico). Quando a distância semântica entre o termo próprio e o termo metafórico é muito grande, a metáfora torna-se surpreendente, audaciosa e por vezes de inteligibilidade difícil (por ex., “na tua voz lampejos de navalha / a pôr em sangue a minha solidão”, V. Graça Moura). A metáfora contribui de modo relevante para a plurissignificação dos textos literários.

A metáfora pode exprimir-se sob várias formas gramaticais:

- a) metáforas nominais (“A vida / é o bago de uva / macerado / nos lagares do mundo”, Carlos de Oliveira);
- b) metáforas verbais (“Que fruta rude aveludou a minha noite?”, Vitorino Nemésio);
- c) metáforas adjectivais (“hã-de nos dar enfim uma sangrenta rosa”, David Mourão-Ferreira).

### **Metatexto**

1. Texto que tem como objecto de reflexão, de análise e por vezes de reescrita, outro texto, denominado prototexto, com a finalidade de elaborar um ensaio hermenêutico, um comentário, uma apreciação crítica, uma tradução, uma paródia, etc.

2. O metatexto é um texto, algumas vezes literário, que, com objectivos teóricos, normativos e didácticos, expõe uma doutrina estético-literária e retórica – por ex., a *Arte Poética* de Horácio – ou que, de modo indirecto e metafórico, reflecte sobre os princípios, os ideais e os valores da literatura e da poesia e sobre os processos da respectiva escrita.

### **Metonímia**

Tropo pelo qual uma palavra ou expressão remete para um referente diverso daquele que designa normalmente, em virtude de uma relação de contiguidade entre ambos (continente/conteúdo, espaço/instituição, autor/obra, parte/todo, causa/efeito). A metonímia permite fazer referência a um objecto, perspectivando-o de forma relevante (pelo destaque de uma característica pragmática ou cognitivamente mais saliente) através de uma formulação linguística simultaneamente rica em informação, precisa e concisa. No enunciado “*Os capacetes azuis* já chegaram ao local do conflito”, a expressão sublinhada refere por metonímia os soldados da ONU. No enunciado “Pessoa e Garrett estão na primeira prateleira”, os nomes dos escritores designam por metonímia as respectivas obras. No enunciado “*Belém* vetou a lei”, a palavra sublinhada designa metonimicamente o Presidente da República. Na tradição retórica, a metonímia foi em geral relacionada com a sinédoque.

### **Monólogo**

1. Discurso dirigido pelo locutor a si próprio, desdobrando-se o sujeito da enunciação em destinatário, ou dirigido a um destinatário ausente ou fictício, com quem se estabelece um diálogo *in absentia*. Diferentemente dos casos dos monólogos, ou solilóquios, que ocorrem representados em textos dramáticos, narrativos e líricos, as convenções sociais levam a considerar o monólogo produzido na vida quotidiana como uma manifestação de comportamento patológico.

2. Discurso, em geral longo, dirigido por um locutor a interlocutores reais, que não admite o princípio da alternância discursiva.

### **Oralidade**

As línguas verbais podem ser realizadas através de dois modos que constituem a sua substância de expressão: a oralidade e a escrita.

A oralidade é o modo primário, natural e universal da realização da língua. No modo oral, o aparelho fonador produz os enunciados que, transmitidos pelo ar, são percebidos auditivamente pelo(s) receptor(es). A realização fónico-acústica ou vocal-auditiva dos enunciados e dos textos determina que a comunicação oral seja de tipo próximo e instantâneo, com o emissor e o(s) receptor(es) *in praesentia*, isto é, situados no mesmo contexto situacional, e possua uma duração efémera (os modernos meios tecnológicos de registo e reprodução do som e da imagem alteraram pontualmente esta problemática, mas a comunicação oral quotidiana, espontânea e prototípica, é de tipo próximo e instantâneo).

Formalmente, o discurso oral caracteriza-se pela parataxe, por um modelo acumulativo ou agregativo da organização da informação, pela utilização simultânea de importantes recursos supra-segmentais, paralinguísticos, cinésicos e proxémicos, que lhe podem conferir uma grande força emocional e persuasiva, por uma dependência forte dos contextos extraverbais, representada pelo uso de numerosos elementos deícticos, por um vocabulário menos rico e apurado em relação ao discurso escrito e pelo emprego de marcadores discursivos tópicos e estereotipados que funcionam como bordões.

O discurso oral prototípico tem uma sintaxe pouco estruturada – com predomínio, como ficou dito, da parataxe, com orações incompletas, com repetição de estruturas, com elipses, etc. – e, em geral, apresenta uma formalidade mais débil e descuidada do que o texto escrito. Todavia, o discurso oral pode apresentar-se formalmente bem planificado e estruturado, como acontece nos discursos políticos e judiciais e nos sermões construídos em conformidade com as normas da retórica clássica, em certas conferências não lidas, mas que têm na origem um texto escrito ocultado, em certos debates cuidadosamente preparados, etc. No teatro, como é sabido, as *falas* das personagens são a realização oral de textos escritos, muitas vezes de elevada complexidade retórico-estilística (como nas tragédias de Racine ).

### **Ouvinte**

Aquele que recebe/compreende os actos enunciativos produzidos pelo locutor, sem participar directamente na interacção discursiva. O ouvinte condiciona, no entanto, a gestão de movimentos discursivos empreendidos, no sentido em que é lugar de tomada de posição avaliativa quer no que respeita à verdade das situações referenciadas, quer no que toca à validação das intenções comunicativas que presidem ao discurso.

### **Oxímoro**

Figura retórica de pensamento que consiste em agrupar duas palavras que possuem significados aparentemente opostos ou incompatíveis.

*Exemplo: “Aquele triste e leda madrugada” (Camões).*

### **Pacto de leitura**

O pacto (ou contrato) de leitura é um acordo prévio ao acto de leitura que se estabelece entre o autor, o texto e o leitor e que orienta este no percurso da sua viagem textual, criando-lhe determinadas



expectativas e levando-o a aceitar determinadas convenções. O pacto de leitura pode fundar-se em propostas explícitas ou em sinais indirectos, em sugestões e solicitações implícitas que o leitor deve saber interpretar. O paratexto é fundamental para a construção do pacto de leitura. Igualmente relevante é a pertença de um texto a um determinado género ou tipo, com as suas convenções e as suas estratégias discursivas peculiares.

### **Paradoxo**

Figura retórica de pensamento que consiste em associar construções semânticas que aparentemente são contraditórias, irreconciliáveis e absurdas, mas que podem iluminar, de modo inédito e surpreendente, o significado do real e da vida.

*Exemplo: “Muito estranho é ver as pontes / por sob os rios correr / mais ainda ouvir as fontes / sua própria água sorver” (Manuel Alegre).*

### **Paráfrase**

Enunciado ou texto que reformulam e reescrevem outro enunciado ou outro texto, conservando, na medida do possível, uma equivalência semântica e formal. Os objectivos da paráfrase são a explicação, a compreensão e a interpretação do enunciado e do texto parafraseados ou a sua recriação e imitação criativa.

### **Paratexto**

Conjunto dos elementos verbais e gráficos que enquadram o texto propriamente dito e que o apresentam ao leitor e ao público em geral como livro, fornecendo informações de natureza pragmática, semântica e estético-literária que orientam e regulam de modo relevante a leitura: nome do autor, do editor e eventualmente da colecção, título e subtítulo, desenho da capa, dedicatória(s), prefácio, escritos preambulares e posfácio, da autoria do autor do texto ou de outros autores, epígrafes, notas marginais, infrapaginais e finais, informações expostas nas badanas e na contracapa do livro, ilustrações, etc. O paratexto é sobretudo da responsabilidade do autor, mas pode conter elementos importantes da responsabilidade do editor.

### **Perífrase**

Figura retórica, também conhecida por circunlóquio ou circunlocução, que consiste em dizer com várias palavras o que se poderia dizer com uma única palavra. A perífrase pode ser de natureza irónica, eufemística e alusiva, funcionando como um dispositivo discursivo de cortesia, de censura e de atenuação semântica – “doença prolongada” ou “mal incurável” em vez de “cancro”, por ex. – ou pode ser um ornato de estilo, que distancia o discurso poético do discurso comum ou vulgar, como nas perífrases mitológicas, tão frequentes desde o Renascimento até ao Neoclassicismo. A perífrase transforma-se facilmente num estereótipo.

*Exemplo: “Era no tempo alegre, quando entrava / no roubador de Europa a luz febeia, / quando um e o outro corno lhe aquetava, / e Flora derramava o de Amalteia” (Camões) (perífrase mitológica para designar a Primavera).*

### **Personificação**

Tropo que consiste, por meio da metáfora, da metonímia e da sinédoque, em atribuir propriedades humanas a uma coisa, a um ser inanimado ou a um ente abstracto.

*Exemplo: “Enquanto nesta manhã tão calma tão horizontal tão lisa / que me apetece passar-lhe a mão pelo dorso certamente dócil / manhã sem nenhuma ruga na testa” (Ruy Belo).*

### **Pertinência (princípio de)**

Este princípio, também conhecido como princípio de relevância, foi formulado por D. Sperber e D. Wilson para explicar como se processa a interpretação dos enunciados num acto de comunicação: “Qualquer acto de comunicação ostensiva comunica a presunção da sua própria pertinência óptima”. A pertinência é uma propriedade que não existe intrinsecamente nos enunciados, mas que deriva da interacção entre um enunciado e um receptor dotado de uma determinada enciclopédia e inserido numa concreta situação comunicativa. O receptor, graças aos seus mecanismos cognitivos, partindo da presunção de que o enunciado que lhe foi comunicado é pertinente e tendo em conta os factores pragmático-contextuais, escolhe, com o menor custo possível, a interpretação que lhe parece mais adequada, “filtrando” os elementos não pertinentes e deixando por conseguinte de lado outras possíveis interpretações. O princípio de pertinência orienta de modo similar um emissor na produção de enunciados.

### **Plano do texto**

Sendo o texto uma sequência ordenada e hierarquizada de enunciados, é necessário construir e organizar as suas macro-estruturas semânticas e formais e, correlativamente, as suas micro-estruturas semânticas e estilístico-formais, em conformidade com uma determinada intenção informativa, comunicativa e poético-representativa e em conformidade com um certo número de códigos, de regras, de convenções e de estratégias discursivas que, na sua globalidade, contribuem para configurar o plano do texto.

Em primeiro lugar, é indispensável ter ideias bem definidas sobre o conteúdo, sobre as macro-estruturas semânticas do texto, de acordo com a operação retórica da *inventio*, que legitimamente abarca, na sua articulação contemporânea com a poética, a imaginação criadora.

Depois, é necessário saber como organizar e distribuir as macro-estruturas textuais. A disposição (*dispositio*) é a operação retórica que se ocupa desta matéria em relação aos três géneros analisados e regulados por aquela arte – o género deliberativo, o género judicial e o género epidíctico –, mas, para além da legítima aplicação de preceitos da *dispositio* a outros géneros textuais, a poética, a estilística, a linguística do texto e a análise do discurso estenderam a outros géneros e tipos de produção discursiva o exame dos planos textuais formulados pela retórica. Todo o texto se integra num tipo ou num género textuais – relatório, crónica, notícia, artigo científico, discurso político, conto, poema épico, tragédia, etc. – e cada género possui as suas regras e convenções próprias sobre a composição e a distribuição das macro-estruturas textuais, prestando-se especial atenção ao início e ao final dos textos – duas áreas fundamentais da topografia textual. Um aspecto importante da organização das macro-estruturas textuais tem a ver com a distribuição criteriosa e hábil da informação já conhecida e da informação nova (aspecto crucial, por ex., no discurso judiciário e no romance policial).

Finalmente, é imprescindível saber como proceder à textualização *stricto sensu*, como construir as micro-estruturas semânticas e estilístico-formais do texto, de acordo com os ensinamentos da *elocutio*. É preciso saber escolher o registo adequado e o léxico apropriado à matéria (*res*) tratada e aos destinatários do texto e é necessário observar os seguintes princípios: *correção*, que se funda na regularidade gramatical dos enunciados, desde o plano da ortografia ao plano da sintaxe; *clareza*, que deriva da propriedade semântica e da colocação lógica das palavras utilizadas; *elegância*, que resulta do uso criterioso dos recursos retórico-estilísticos.

## **Pleonasmo**

Figura retórica de dicção, segundo uns, de pensamento, segundo outros, que consiste em empregar num enunciado palavras e expressões repetitivas, redundantes e supérfluas, o que é considerado inútil e tautológico (“subir para cima”, “hemorragia de sangue”, etc.). Todavia, o pleonasmo pode ser intencionalmente expressivo e informativo, como no célebre verso d’ *Os Lusíadas*: “Vi claramente visto o lume vivo”.

## **Plurissignificação**

Termo que designa a pluralidade de sentidos que um texto, em especial o texto literário, pode proporcionar, não só produzida pelos elementos semânticos, formais e pragmáticos imanentes à própria textualidade – os mecanismos retóricos, em especial os tropológicos, desempenham neste domínio uma função nuclear –, mas também gerada pelas estratégias heurísticas e hermenêuticas dos leitores (ler um texto à luz da fenomenologia de Bachelard conduz a significados diferentes de uma leitura orientada pela psicanálise freudiana ou pela poética da desconstrução).

## **Polifonia**

Termo, metaforicamente derivado do campo musical, que foi utilizado pelo pensador e teorizador literário Mikhaïl Bakhtine (1895-1975), ao lado de outros termos como *heteroglossia*, *heterofonia* e *dialogismo*, para designar e caracterizar a pluralidade e a diversidade de vozes que se fazem ouvir em certas classes de textos, como os romances de Rabelais e de Dostoievski, opondo a este dialogismo o monologismo do romance tradicional representado por uma obra como *Guerra e Paz* de Tolstoï.

*Bakhtine, porém, estende a sua teoria da polifonia a toda a enunciação e a todo o discurso: a enunciação e a própria língua, no seu entender, são o produto da interacção dialógica da sociedade, de todos os seus estratos, aristocráticos, burgueses e populares; todo o texto, explícita, velada ou dissimuladamente, responde, replica e alude a outros textos anteriormente produzidos, prevê possíveis objecções e contestações e refuta-as previamente; convalida outros textos; enfim, institui um polílogo interminável.*

*O. Ducrot, na sua obra *Le dire et le dit* (1984), retomou o termo e o conceito bakhtinianos de polifonia para caracterizar o fenómeno da heterogeneidade enunciativa, isto é, da enunciação em que o sujeito enunciador é plural e múltiplo, na sua visão do mundo e no seu horizonte ideológico, mesmo quando se pretende e julga inteiramente monológico.*

## **Posfácio**

Elemento do paratexto que figura numa obra após o fim do texto, podendo ou não ser escrito pelo autor, com funções semelhantes às do prefácio.

## **Prefácio**

Elemento do paratexto que figura numa obra antes do início do texto, podendo ser escrito pelo autor do texto ou por alguém convidado pelo autor ou pelo editor, pelo director de uma colecção, etc.

O prefácio escrito pelo próprio autor pode desempenhar múltiplas funções paratextuais: narrar e comentar a génese do texto, a sua intenção e os seus objectivos; expor e debater problemas estético-literários relacionados com o texto, algumas vezes de modo polémico; despertar o interesse e a simpatia dos leitores. O prefácio escrito por alguém que não o autor – alguém que é solicitado para escrever tal paratexto pelo seu conhecimento da obra e do autor, pela sua competência crítica e pela

sua autoridade no campo literário e/ou no campo académico – tem sobretudo como função a análise, o comentário, a explicação, a interpretação do texto, podendo configurar-se como um ensaio ou um estudo altamente especializados.

### **Pressuposição**

Processo inferencial atinente a toda a troca verbal que consiste na dedução, a partir do enunciado, de informação não explicitada, sendo que a relação entre o que se explicita e o que se pressupõe é sempre de natureza semântico-pragmática. Assim, subjacente ao enunciado “O marido da Ana está desempregado”, há a indicação de que “A Ana é casada”, que o interlocutor reconhece a partir do significado de “marido de “ (uma outra pressuposição possível é “o marido da Ana perdeu o emprego”). O conteúdo pressuposto é facilmente testado: mantém-se inalterado quando se procede à transformação da afirmativa numa construção negativa, interrogativa ou condicional.

Também se utiliza o termo “pressuposição” para designar as condições que devem ser preenchidas para que o acto ilocutório seja eficazmente realizado.

### **Preterição**

Figura retórica de pensamento que consiste em fingir não dizer o que efectivamente se está a dizer. Em geral, utiliza-se uma negação que incide sobre os chamados verbos *dicendi* – “eu não vou dizer” , “não mencionarei” , etc. - , ao passo que o complemento do verbo diz o que se finge querer omitir.

*Exemplo: “Nem tão - pouco direi que tome tanto / em grosso a consciência limpa e certa, / que se enleve num pobre e humilde manto / onde a ambição acaso ande encoberta” (Camões).*

### **Progressão temática**

Denomina-se progressão temática a introdução de informação nova que ocorre constantemente no discurso e no texto, mediante as relações instituídas entre o tema e o rema (tema constante e novas informações remáticas, conversão do rema em tema do enunciado seguinte e assim sucessivamente; subdivisão do rema; salto temático).

### **Prosopopeia**

Figura retórica de pensamento que tem muitas semelhanças com a personificação, mas que desta se diferencia por introduzir num enunciado a falar personagens mortas ou ausentes, seres sobrenaturais e seres inanimados.

*Exemplo: “Eu sou aquele oculto e grande Cabo / a quem chamais vós outro Tormentório” (Camões).*

### **Quiasmo**

Figura retórica de organização sintáctica que consiste na colocação cruzada de dois grupos de palavras.

*Exemplo: “Entreabertas deusas, deuses penetrantes” (Jorge de Sena).*

### **Receptor**

Pessoa que recebe e interpreta um discurso ou um texto. Pode ser uma pessoa real, como um interlocutor, um ouvinte e um leitor empírico e concreto; pode ser um ente fictício, como o leitor textual e

como o narratário num romance; pode ser um destinatário directo ou indirecto; pode estar presente, ou não, na situação comunicativa concreta; pode ser individual ou colectivo (o auditório de uma conferência, o conjunto de ouvintes de um texto da literatura oral, etc.).

### **Registo formal/informal**

Dimensão da variação da língua, determinada pela situação de interlocução: diferentes tipos de contexto situacional requerem diferentes tipos de de activação linguística relativos ao léxico, à sintaxe, à fonologia e à prosódia, passando pela gestão da pressuposição, de implicaturas, dos actos ilocutórios indirectos, das formas de tratamento, da modalização, dos princípios conversacionais, etc. As escolhas linguísticas efectuadas são determinadas pelo tipo de relação social e institucional existente entre interlocutores (matizadas por diferentes factores: grau de instrução, idade, sexo, entre outros). É o “a quem se vai dizer” que condiciona o “o quê/como se vai dizer”.

### **Ritmo**

O ritmo, no texto oral ou escrito, é um movimento recorrente que resulta da duração recíproca e da disposição das unidades textuais, da sucessão ordenada dos elementos prosódicos, como a entoação, os acentos, as pausas, a melodia dos significantes e das sequências fónicas, etc. O ritmo está estreitamente ligado à materialidade dos elementos textuais, mas a sua matriz profunda é de ordem semântico-pragmática e é por isso que o ritmo de um texto elegíaco, por exemplo, é muito diferente do ritmo de um texto épico ou de um texto satírico.

### **Sarcasmo**

Figura retórica de pensamento próxima da ironia, mas com uma agressividade e uma intencionalidade disfórica, em relação ao destinatário, que a ironia não possui.

*Exemplo: “No sumapau seboso da terceira, / contigo viajei, ó país [ Portugal ] por lavar,/aturei-te o arrote, o pivete, a coceira,/a conversa pancrácia e o jeito alvar” (Alexandre O’Neill).*

### **Sentido**

Alguns linguistas utilizam os termos significado e sentido como sinónimos. Outros linguistas, porém, estabelecem uma distinção, que se afigura pertinente e que aqui se adopta, entre os dois termos: o significado pertence à língua (*langue*), ao sistema linguístico, e conhece-se mediante o dicionário e a gramática da língua; o sentido pertence ao plano do discurso, do enunciado e do texto e portanto pressupõe necessariamente o significado, mas congloba os factores pragmáticos que condicionam e orientam o uso da língua.

### **Sequência textual**

No quadro teórico da linguística textual elaborado por Jean-Michel Adam, unidade textual relativamente autónoma e dotada de uma organização interna própria, tanto de ordem semântica como formal, hierarquicamente situada entre o nível inferior dos períodos e o nível superior e englobante do texto. Estas unidades de textualização podem ser narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais.

### **Símbolo**

Termo que designa a relação indirecta que associa uma coisa, um objecto, um ser animado, etc., a uma ideia, a um conceito, a um sentimento ou a um estado de alma. Os símbolos são convenções

elaboradas, em geral através de metonímias e de metáforas, no âmbito de uma sociedade e de uma cultura, embora existam muitos símbolos de âmbito intercultural e até universal (por ex., o sono como símbolo da morte ou o círculo como símbolo da perfeição).

*Exemplo: “A minha casa é concha. Como os bichos, / segreguei-a de mim com paciência”(Vitorino Nemésio).*

*Desde o Romantismo, o símbolo é contraposto à alegoria, por se entender que esta se funda em relações de racionalidade e que o símbolo se funda em relações de mais profunda densidade semântica, de raiz mítica, arquetípica, religiosa, etc.*

### **Símile**

Veja-se comparação.

### **Sinédoque**

Tropo que consiste na translação do significado de uma palavra para outra, fundando-se na relação entre a parte e o todo ou entre o todo e a parte.

*Exemplo: “Vistes aquela insana fantasia / de tentarem o mar com vela e remo” (Camões).*

### **Sinestesia**

Tipo de metáfora que consiste na associação, no mesmo enunciado, de elementos semânticos provenientes de domínios sensoriais ou de esferas de percepção diferentes.

*Exemplo: “E o escuro ruído da chuva / é constante em meu pensamento” (Fernando Pessoa).*

### **Tema/rema**

Em termos simples, o tema é aquilo de que se fala, a informação fornecida como ponto de partida por um enunciado ou uma curta sequência de enunciados, com base na qual o leitor leva a cabo, auxiliado por outros organizadores textuais, a operação chamada *tematização* do texto. Esta operação consiste em seleccionar, desde o início, o campo semântico pertinente à interpretação do texto.

O rema é o enunciado ou o segmento do enunciado em que se predica o tema e que normalmente introduzem no texto informação nova.

### **Texto/textualidade**

O texto é prototipicamente uma sequência autónoma de enunciados, orais ou escritos, de extensão variável – um texto pode ser constituído por um único e curto enunciado ou por um número elevadíssimo de enunciados –, com um princípio e um fim bem delimitados, produzido por um ou por vários autores, no âmbito de uma de uma determinada memória textual e de um determinado sistema semiótico, isto é, em conformidade, em tensão criadora ou em ruptura com as regras e as convenções desse sistema, e cuja concretização ou actualização de sentido é realizada por um leitor / intérprete ou por um ouvinte / intérprete (no caso da literatura oral). A coesão, a coerência, a progressão temática, a metatextualidade, a arquitextualidade, a intertextualidade e a polifonia são as principais propriedades configuradoras da textualidade.

A produção e a interpretação de textos – de textos genológica ou tipologicamente diversos – constituem a realização plena das virtualidades das línguas e são o *thesaurus* por excelência do conhecimento

humano em todos os domínios, desde a poesia e a religião até ao direito, à filosofia e à ciência. A primeira disciplina a ocupar-se da análise da produção dos textos – e, correlativamente, proporcionando elementos relevantes para a sua interpretação –, estudando a sua génese, a sua organização ou construção, os seus condicionalismos de ordem pragmática e a sua intencionalidade comunicativa, foi a retórica, legítima predecessora das actuais análise do discurso e linguística textual. Numa perspectiva semiótica, existem textos pictóricos, textos musicais, textos fílmicos, etc. O termo “texto” apresenta nestas expressões uma translação de sentido perfeitamente justificada por analogia com a textualidade verbalmente realizada.

### Tipos de texto

Nas últimas décadas, a análise do discurso e a linguística textual têm proposto diversas classificações dos tipos de texto, com base em critérios variados e heterogéneos. A classificação proposta por E. Werlich, que toma em consideração as relações entre elementos contextuais e construções sintácticas típicas, usufruiu de assinalável êxito. Werlich distinguiu cinco tipos de textos segundo sequências típicas:

- a) *textos narrativos*, nos quais se conta como alguém ou algo actua, com verbos que indicam acções, com tempos verbais dominantes como o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito e com abundância de advérbios com valor temporal ou locativo;
- b) *textos descritivos*, nos quais é relevante a caracterização de como é alguém ou algum estado de coisas, com as sequências construídas com o verbo *ser* e verbos estativos, com os tempos verbais dominantes do presente e do pretérito imperfeito e com abundantes advérbios com valor locativo;
- c) *textos expositivos*, nos quais o referente é a análise ou a síntese de ideias, conceitos e teorias, com uma estrutura verbal em que figuram predominantemente o verbo *ser* com um predicativo do sujeito nominal ou o verbo *ter* com um complemento directo, e tendo como tempo peculiar o presente;
- d) *textos argumentativos*, nos quais o referente é a relação entre ideias, provas e refutações, com uma estrutura verbal em que domina o verbo *ser*, afirmado ou negado, com um predicado nominal, e tendo como tempo dominante o presente;
- e) *textos instrucionais*, nos quais o referente é a indicação de como fazer algo, enumerando e caracterizando as sucessivas operações, tendo como estrutura verbal predominante o imperativo.

Cada tipo de texto pode configurar-se prototipicamente ou pode apresentar uma prototipicidade atenuada ou difusa, sobretudo através da sua associação ou mescla.

*A grande lacuna na tipologia de Werlich diz respeito aos textos literários, em particular aos textos poéticos e líricos. Esta lacuna foi preenchida posteriormente pela tipologia formulada por Jean-Michel Adam, um linguista profundamente empenhado em construir pontes entre os estudos linguísticos e os estudos literários. Na sua tipologia proposta em 1985, Jean-Michel Adam conservou os cinco tipos de textos estabelecidos por Werlich, acrescentando-lhes mais três: o conversacional (conversa usual, entrevista, tertúlia, etc.), o preditivo (horóscopo, profecia, etc.) e o retórico, que abarca os poemas, os textos literários em geral, os textos publicitários, etc. Em trabalhos ulteriores, Jean-Michel Adam alterou alguns aspectos da sua tipologia originária, mas sobretudo esclareceu de modo relevante o seu pensamento sobre estas questões, aceitando, segundo uma fórmula feliz de François Rastier, “que um género é o que liga um texto a um discurso”, ou seja, afirmando que um texto, sempre singular, está ligado pelo género a uma família de textos. Por outro lado, Adam defendeu que um texto é uma unidade demasiado complexa e heterogénea para se poder afirmar que pertence prototipicamente, na sua totalidade, a um tipo, devendo antes a análise tipológica processar-se a um nível menos elevado, através da identificação, delimitação e caracterização das sequências textuais prototipicamente*

*narrativas, descritivas, argumentativas, etc., que, quando dominantes, permitem classificar um texto como narrativo, descritivo, argumentativo, etc. Este enquadramento teórico flexibiliza a classificação tipológica dos textos e permite uma análise mais compreensiva das suas componentes tipológicas constitutivas, não devendo, porém, ser entendida com uma radicalidade absoluta, porque há textos líricos, descritivos, argumentativos, etc., sem combinação de sequências de diversa natureza.*

## **Título**

Palavra ou grupo de palavras que identificam um texto manuscrito ou impresso, em geral pospostos ao nome do autor, mas que em certas épocas figuram antepostos (por ex., *Os Lusíadas* de Luís de Camões, como se lê na primeira edição do poema).

O título tem importância no plano da comunicação, porque estabelece liminarmente o contacto com o leitor, e no plano da interpretação, porque é o primeiro organizador textual a contribuir para a tematização do texto.

*A maioria dos estudiosos da subdisciplina literária que, nos últimos anos, tem sido denominada titologia, inclina-se para considerar o título como um elemento constituinte do paratexto, mas há autores que, com atendíveis razões, defendem que o título faz parte integrante do texto. O título, que em geral é escolhido pelo autor – e só neste caso se poderá entender que faz parte do texto –, mas que algumas vezes é da responsabilidade do editor, pode ser eminentemente simbólico – *Clepsydra* de Camilo Pessanha, *Senhora das Tempestades* de Manuel Alegre –, pode ser descritivo da acção, integrando um verbo – *O homem que matou o diabo* de Aquilino Ribeiro –, pode indicar o género, o subgénero ou a forma literária em que se insere o texto – *Rimas* de Camões, *Sonetos* de Antero de Quental, *Contos da Montanha* de Miguel Torga –, pode ser uma designação genérica que delimite temporalmente o corpus textual – *Poesia 1997/2000* de Vasco Graça Moura –, pode apontar para uma concepção poetológica – *Trabalho poético* de Carlos de Oliveira, etc. Em certos casos, o título pode ser seguido de um subtítulo, que põe em realce algum aspecto semântico ou formal do texto (por ex., *Os Maias*. Episódios da vida romântica). Nos séculos XVII e XVIII, os subtítulos, que eram de regra, constituíam uma longa paráfrase do conteúdo do texto.*

## **Tropo**

Figura de significação que se distingue das figuras retóricas de dicção e das figuras retóricas de pensamento, porque resulta da organização dos seus elementos linguísticos através de uma relação *in absentia, in verbis singulis*, isto é, através de uma selecção operada no eixo paradigmático da língua, enquanto as outras figuras retóricas resultam de uma combinação *in verbis coniunctis*, no eixo sintagmático da língua. Os tropos mais importantes são a metáfora, a metonímia e a sinédoque. Para além da sua função exornativa, os tropos são mecanismos textuais que iluminam de modo novo o real, ao trasladarem os significados das palavras e ao instituírem assim relações inéditas entre as coisas e os seres.

## **Universo de discurso**

Eugenio Coseriu define o universo de discurso como o sistema universal de significações a que pertence um discurso ou um enunciado e que determina a sua validade e o seu sentido. A literatura, a mitologia, as ciências, etc., enquanto “temas” ou “mundos” de referência do falar, constituem universos de discurso.



## **DOMÍNIO D: LEXICOGRAFIA**

Disciplina que se ocupa da realização de dicionários, léxicos e terminologias, bem como da análise da sua estrutura e dos métodos para a sua elaboração.

**Termos por ordem alfabética:**

### **Abonação**

Texto de autor reconhecido utilizado para ilustrar ou justificar o uso de uma palavra, expressão ou construção.

### **Acepção**

Cada um dos significados listados para uma entrada num dicionário.

### **Artigo**

Conjunto da informação disponibilizada para cada entrada de uma obra lexicográfica.

### **Definição**

Enunciado que descreve ou explica as acepções de uma entrada de uma obra lexicográfica.

### **Dicionário**

Lista estruturada de palavras, constituintes morfológicos ou expressões, geralmente organizada por ordem alfabética, contendo informação linguística sobre cada entrada, como por exemplo a sua definição, a sua ortografia, informação etimológica, a classe de palavras a que pertence ou informação sobre sinónimos.

### **Dicionário bilingue**

Dicionário elaborado com base numa língua de partida e que apresenta, para cada entrada, o seu equivalente noutra língua.

### **Dicionário de aprendizagem**

Dicionário destinado ao ensino do vocabulário da língua geral ou das línguas especializadas, que apresenta uma forte componente didáctica baseada sobretudo em descrições, exemplos, exercícios de língua e imagens de apoio à compreensão.

### **Dicionário de sinónimos**

Dicionário monolíngue que fornece, para cada entrada, uma lista de sinónimos.

### **Dicionário etimológico**

Dicionário que fornece, para cada entrada, informação sobre a sua etimologia.

### **Dicionário monolíngue**

Dicionário que apresenta informação sobre palavras de uma só língua.

### **Enciclopédia**

Lista estruturada de palavras ou expressões, nem sempre organizada por ordem alfabética, contendo informação geral sobre cada entrada, como por exemplo o estado da arte do conhecimento de um tema ou conceito.

### **Entrada**

Cada uma das palavras ou expressões listadas numa obra lexicográfica, para a qual é fornecida informação.

### **Glossário**

Dicionário que repertoria palavras ou expressões raras, pouco conhecidas ou específicas de um determinado domínio, acompanhadas de uma pequena definição ou de uma tradução.

### **Remissão**

Informação presente num artigo que remete o leitor para outra entrada.

### **Terminologia**

Lista organizada de palavras próprias de um domínio especializado (científico, artístico, técnico ou tecnológico), acompanhadas ou não das respectivas definições.

### **Termo**

Palavra para a qual se convencionou um significado único e específico num domínio especializado (científico, artístico, técnico ou tecnológico).

### **Thesaurus**

1. Dicionário alfabético pretendendo apresentar com exaustividade as palavras de uma língua.
2. Conjunto de termos normalizados, organizados em função de uma classificação documental da informação.

## **DOMÍNIO E: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA**

Formas convencionadas de representação escrita da linguagem verbal.

**Termos por ordem alfabética:**

### **Abreviatura**

Forma convencionada de representação gráfica de uma palavra através da escrita de apenas um subconjunto das suas letras seguido de um ponto.

*"Sr." é abreviatura de "senhor"*

*"Dr." é abreviatura de "doutor"*

*"V. Exa." é abreviatura de "Vossa Excelência"*

*"lit." é abreviatura de "literal"*

### **Acento agudo**

Acento gráfico utilizado para assinalar, em casos específicos, a vogal da sílabas tónica de uma palavra e/ou para marcar a sua qualidade como vogal baixa.

*O acento agudo pode assinalar a vogal tónica em palavras esdrúxulas como "Sábado", em palavras agudas como "avó", ou pode ser utilizado para assinalar que a vogal de uma sílaba tónica é baixa, isto é, pronunciada com abaixamento do dorso da língua, como em "herói".*

### **Acento gráfico**

Sinal diacrítico que, em casos específicos, assinala a tonicidade ou a qualidade de uma vogal.

### **Acento grave**

Acento gráfico utilizado para assinalar a qualidade de uma vogal em contexto de crase.

*a) à(s); b) à(s), àquele(s), àquela(s), àquilo.*

### **Alfabeto**

Conjunto ordenado das letras que são utilizadas na escrita de uma língua.

*O alfabeto português integra vinte três letras – <a>, <b>, <c>, <d>, <e>, <f>, <g>, <h>, <i>, <j>, <l>, <m>, <n>, <o>, <p>, <q>, <r>, <s>, <t>, <u>, <v>, <x>, <z> – sendo ainda admitidas, em casos específicos, as letras <k>, <w> e <y>.*

### **Alínea**

Forma de subdivisão de unidades textuais que constituem, no seu todo, uma listagem, representada pelas letras minúsculas do alfabeto e destacada por intermédio de um parêntese.

*Cada um dos itens seguintes corresponde a uma alínea:*

*a) ...*

*b) ...*

*c) ...*

### **Apóstrofo**

Sinal gráfico utilizado, em português, para assinalar a supressão de um ou mais sons.

*O apóstrofo pode ser utilizado:*

- a) para assinalar, no verso, a supressão de uma vogal, por exigência métrica, no princípio, no interior ou no fim de uma palavra, como em "Minh' alma toda cega";*
- b) para indicar a elisão da vogal da preposição "de", em contextos específicos, como "d'Almeida";*
- c) para indicar a elisão da vogal final das formas santo, santa na ligação dessas formas a nomes do hagiológico, como em "Sant'Ana";*
- d) para indicar a supressão de um som ou conjunto de sons, na reprodução de certas pronúncias populares, como em " 'tá".*

### **Cedilha**

Sinal diacrítico que, em português, se coloca debaixo de <c>, antes de <a>, <o> ou <u>, para representar o som [s].

*caça, Açores, açúcar*

### **Circunflexo**

Acento gráfico utilizado para assinalar, em casos específicos, a vogal da sílabas tónica de uma palavra, quando esta é uma vogal média.

Na palavra "avô", o acento circunflexo assinala a vogal da sílaba tónica e indica que a vogal é média, isto é, pronunciada sem abaixamento ou elevação do dorso da língua. A qualidade média de uma vogal nem sempre é assinalada com acento circunflexo – por exemplo, na palavra "vez", a terminação em <z> é suficiente para marcar a vogal precedente como média, no que contrasta com uma palavra como "vês".

### **Dígrafo**

Grupo de duas letras que representa um único som.

- (i) a. O som [ʎ] é representado pelo dígrafo <lh>.*
- b. O som [o] pode ser representado pelo dígrafo <ou> (em "ouvi").*
- c. O som [k] pode ser representado pelo dígrafo <qu> (em "quero").*

### **Dois pontos**

Sinal de pontuação utilizado em contextos como a introdução de uma enumeração (i) ou a introdução de um discurso directo (ii).

- (i) Comprou os seguintes livros: gramática, dicionário e selecta.*
- (ii) O António encontrou os pais e disse: - Passei no exame.*

### **Espaço**

Configuração gráfica codificada por unidades de medida que serve para separar parágrafos, linhas, palavras e letras.

### **Formas de destaque**

Conjunto de recursos de configuração textual utilizados para pôr em relevo uma palavra, frase, parte de texto que se pretende realçar, e ainda palavra, expressão ou frase de uma língua estrangeira. As

formas de destaque incluem: itálico (cursivo ou grifo) [*formas de destaque*], negrito [**formas de destaque**], sublinhado [formas de destaque], subscripto [<sub>formas de destaque</sub>], sobrescrito [<sup>formas de destaque</sup>].

## Grafia

Forma assumida pela codificação de um som ou palavra num sistema de escrita.

## Hífen

Sinal gráfico utilizado em contextos como a união dos diferentes elementos que constituem algumas palavras compostas (i), a união de pronomes pessoais átonos pós-verbais ou mesoclíticos a formas verbais (ii) ou a translineação de uma palavra (iii).

(i) *Trás-os-Montes, surdo-mudo;*

(ii) *dão-lhe, levá-la-ei, far-te-á, apresentou-se-me;*

(iii) *ca-sa.*

## Homofonia

Relação entre palavras que são pronunciadas de forma idêntica, apesar de terem grafias distintas.

*passo / paço; sem / cem.*

## Homonímia

Relação entre palavras que partilham a mesma grafia e são pronunciadas da mesma forma, mas que têm significados distintos.

*Existe homonímia entre:*

*canto -> verbo cantar, presente do indicativo, 1ª p.s.*

*canto -> nome masculino*

## Homografia

Relação entre palavras que têm a mesma grafia, apesar de serem pronunciadas de forma distinta.

*Existe homografia entre:*

*sede ->vontade de beber*

*sede ->local*

## Letra

Cada um dos sinais gráficos que constituem um alfabeto. A cada letra ou conjunto de letras pode corresponder um ou mais sons da língua (i). A escrita tem um carácter convencional, pelo que há letras a que não corresponde nenhum som (ii).

(i) a. À letra <x>, podem corresponder diferentes sons, em palavras como "exame", "experiência" ou "táxi".

b. À letra <e>, podem corresponder diferentes sons, em palavras como "menino", "Tejo", "medo" ou "cereja".

c. O som [z] pode ser representado pela letra <s> (em "casa"), pela letra <z> (em "azar") ou pela letra <x> (em "exacto").

d. O som [λ] é representado pelo conjunto de letras (ou dígrafo) <lh>.

e. O som [o] pode ser representado pela letra <o> (em "ovo") ou pelo conjunto de letras (ou dígrafo) <ou> (em "ouvi").

(ii) a. As letras <h> e <c> não correspondem a nenhum som nas palavras "houve" e "acto", respectivamente.

### **Letra de imprensa**

Letra impressa, pelo processo de composição tipográfica ou de fotocomposição, ou a reprodução manuscrita deste tipo de letra.

*Letra usada neste documento.*

### **Letra maiúscula**

Configuração gráfica que cada letra do alfabeto pode assumir, por oposição à letra minúscula, utilizada em contextos específicos, como por exemplo na grafia da letra inicial dos nomes próprios ou no início de um período.

*Exemplos de par maiúscula/minúscula: Q-q, O-o, R-r*

### **Letra manuscrita**

Letra escrita à mão ou a reprodução impressa deste tipo de letra.

### **Letra minúscula**

Configuração gráfica que cada letra do alfabeto pode assumir, por oposição à letra maiúscula, utilizada em todos os contextos em que não é requerido o uso de maiúscula.

*Exemplos de par maiúscula/minúscula: Q-q, O-o, R-r*

### **Margem**

Espaço em branco em volta da mancha escrita de uma página, variável segundo as finalidades do autor ou as normas instituídas, podendo ser superior, inferior e lateral, direita ou esquerda.

### **Ortografia**

Sistema convencionado de regras que estabelecem, para uma determinada língua, a grafia correcta das palavras e o uso dos sinais de pontuação.

### **Parágrafo**

Forma de organização do texto, caracterizada pela unidade das ideias nele incluídas, possuindo sentido completo e independência sintáctica e delimitada por ponto final, de interrogação, de exclamação ou reticências e nova linha.

### **Paronímia**

Relação entre palavras com grafias próximas.

*perfeito / prefeito; emigração / imigração; previdência / providência; cumprimento / comprimento  
discrição / descrição; dispensa / dispensa*

### **Período**

Cada uma das partes constituintes de um parágrafo, caracterizada por conter uma ou mais frases simples ou complexas e por ser delimitada por ponto final, de interrogação, de exclamação ou reticências.

### **Ponto (final)**

Sinal de pontuação utilizado em contextos como o fim de um período (i) ou o fim de uma abreviatura (ii).

(i) *a. Vivo em Lisboa.*

*b. Quero dormir.*

(ii) *Sr. Dr.*

### **Ponto de exclamação**

Sinal de pontuação utilizado em contextos como o final de frase exclamativa (i), depois de interjeição (ii), o final de frase imperativa (iii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iv).

(i) *Como estás bela!*

(ii) *– Oh! – disse admirada.*

(iii) *Cale-se!*

(iv) *Ah, és tu?!*

### **Ponto de interrogação**

Sinal de pontuação utilizado em contextos como o final de frase interrogativa (i), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (ii).

(i) *Em que pensas?*

(ii) *Quem bateu?...*

### **Ponto e vírgula**

Sinal de pontuação utilizado em contextos como a separação de itens de uma enumeração (i) ou entre frases ligadas por advérbios conectivos dentro do mesmo período (ii).

(i) *Considerando: o poder da comunicação social; a sensibilidade da opinião pública; a vulnerabilidade dos governos, os ambientalistas avançaram com uma proposta de lei para a protecção do ambiente.*

(ii) *Os rapazes estão cansados; continuam, porém a correr.*

### **Regras de Acentuação Gráfica**

Regras conformativas da norma escrita de uma língua específica, determinando o uso correcto dos acentos gráficos.

*Exemplo de regra de acentuação: as palavras esdrúxulas são acentuadas graficamente.*

### **Regras de Translineação**

Regras conformativas da norma escrita de uma língua específica, determinando a forma como se segmentam, na escrita, as palavras que não cabem numa mesma linha.

*Exemplo de regra de translineação: as letras dos dígrafos <rr> e <ss> são separadas na translineação.*

### **Regras Ortográficas**

Regras conformativas da norma escrita de uma língua específica, determinando a grafia correcta das palavras e o uso dos sinais de pontuação.

*Exemplo de regra ortográfica: o <ç> não ocorre antes de <i> ou <e> ou em início de palavra.*

### **Reticências**

Sinal de pontuação utilizado em contextos como a interrupção de uma frase (i) ou uma suspensão devida a hesitação, surpresa, reflexão ou dúvida (ii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iii).

*(i) - Tu disseste que... - dizia o Pedro, quando a Maria entrou na sala.*

*(ii) Eu queria dizer mais coisas...*

*(iii) Vais?...*

### **Sinais auxiliares de escrita**

Sinais gráficos utilizados para separar, assinalar ou destacar elementos de uma frase ou de um texto ou com funções convencionadas em contextos específicos de utilização. Entre os sinais auxiliares mais utilizados incluem-se: parênteses rectos ou colchetes [ [ ] ], parênteses curvos [ ( ) ], aspas [ « » ], aspas altas [ “ ” ], asterisco [ \* ], cardinal [ # ], barra oblíqua ( / ) e chaveta [ { } ].

### **Sinais de pontuação**

Conjunto de sinais gráficos utilizados, na escrita, para representar alguns aspectos da entonação, para delimitar constituintes da frase, para veicular valores discursivos ou para representar tipos de frase. Os sinais gráficos utilizados na pontuação são ponto [.], ponto de interrogação [?], ponto de exclamação [!], dois pontos [:], ponto e vírgula [;], vírgula [,], reticências [...] e travessão [-].

#### **Til**

Sinal diacrítico que, no sistema ortográfico português, é utilizado para marcar a nasalidade de vogais ou ditongos em contextos específicos.

*afã(s), lã(s), mão(s), mãe(s), cãibra, põe(s), ímã(s), órfã(s), galãzinho, irmãzinha, vãmente.*

### **Tipos de Letra**

Diferentes formatos convencionados que uma letra pode assumir.

### **Travessão**

Sinal de pontuação utilizado em contextos como o início de um enunciado em discurso directo (i) ou a intercalação de uma palavra ou frase (ii).



(i) *O Pedro respondeu:*

– *Nunca mais te quero ver.*

(ii) *Julgo – e retomou a palavra – que estamos no bom caminho.*

### **Trema**

Sinal diacrítico que foi suprimido por uma das disposições do Acordo Ortográfico de 1945. O seu uso restringe-se à grafia de palavras derivadas de nomes estrangeiros.

(i) *bühleriano (de Bühler).*

### **Vírgula**

Sinal de pontuação utilizado em vários contextos, como por exemplo a intercalação de orações subordinadas adverbiais numa frase (i), a intercalação de um modificador entre um verbo e o seu complemento (ii) ou após um advérbio conectivo em início de período (iii).

(i) *Os rapazes, quando chegaram a casa, fartaram-se de comer.*

(ii) *Os rapazes falaram, com muito maus modos, à avó.*

(iii) *Os rapazes estão cansados. Porém, continuam a correr.*

## 6. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

### 6.1. Gramáticas de referência:

Bechara, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa* (37ª ed. revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna. «Mais que um livro de referência para especialistas, esta obra, revista e ampliada, oferece ao leitor o extraordinário universo que é a língua portuguesa em suas múltiplas manifestações e reúne a maior coletânea de assuntos gramaticais até agora estudados. Como nos afirma o autor: "Dificilmente haverá seção da Moderna Gramática Portuguesa que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país".»

Cintra, L. & Cunha, C. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa. A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* descreve o português actual na sua forma culta, embora descreva também aspectos da linguagem coloquial. A Gramática apresenta ainda as diferenças no uso entre as modalidades nacionais e regionais do português, principalmente entre as variedades europeia e americana.

Cuesta, P. V. & Luz, M. A. M. (1980). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70. [Tradução portuguesa de *Gramática Portuguesa*. Madrid: Gredos. 1971]. «Noções de geografia da língua portuguesa. A área linguística galaico-portuguesa. Estado actual do português na península ibérica. O galego. O português do Brasil. O português do resto do mundo. Noções de história da língua. O português, língua românica peninsular. Períodos na evolução da língua portuguesa. Pequena história do português do Brasil. Elementos de fonética histórica. Fontes do léxico português. Fonética. Ortografia. Períodos na história da ortografia portuguesa. Regras fundamentais da moderna ortografia portuguesa. Emprego dos sinais ortográficos e de pontuação. Morfologia. Particularidades sintácticas das palavras.»

Mateus, M. H. *et alia* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. “A Gramática da Língua Portuguesa foi publicada pela primeira vez em 1983 e revista na edição de 1989. Esgotada a 4.ª edição em 1999, foi unânime a decisão de preparar uma nova edição amplamente revista, com maior poder descritivo, com um estilo menos tecnicista e com uma cobertura linguística mais ampla. (...) A variedade da língua contemplada nesta obra é a norma-padrão do português europeu, embora em muitas circunstâncias se indiquem características de outras variedades nacionais, geográficas e/ou sociais. Deve igualmente lembrar-se, relativamente ao carácter desta obra, que ela não é uma gramática normativa, ou seja, não é um instrumento que regule o bom uso da língua. A Gramática da Língua Portuguesa dirige-se àqueles que trabalham sobre diversas línguas particulares e também sobre o português e que (...) poderão vir a confirmar ou infirmar as hipóteses apresentadas, contribuindo assim (...) para um maior conhecimento das estruturas linguísticas do português e (...) das propriedades da gramática universal.” *In* contracapa da Gramática da Língua Portuguesa

Vilela, M. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina. Esclarecida a noção de gramática, a obra estrutura-se em gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto.

### 6.2. Linguística e ensino da língua materna:

AAVV (2004). *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, Colibri. [http://www.apl.org.pt/conteudos/encontros/pdf/index\\_xix.pdf](http://www.apl.org.pt/conteudos/encontros/pdf/index_xix.pdf). Realizado em 2003 na Faculdade de Letras, o Encontro teve como principais áreas temáticas o Sintagma nominal em Português; a Aula da Língua Portuguesa: *Locus* de intersecção da linguística e da didáctica; Nomes e Verbos: Interações e (in)dependências; a Variação linguística: perspectivas, problemas e análises; contou ainda, em regime de comunicação livre, com outras áreas que vão desde a edição textual ao estudo da ironia, da prosódia à toponímia.

Adam, J. M. (1992). *Les Textes: types et prototypes*. Paris: Nathan. Face à heterogeneidade apresentada pelos textos, o autor propõe a análise do ponto de vista das sequências. Apresenta o estudo das características de cinco protótipos de sequências: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal.

Adam, J. M. (1999). *Linguistique textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan. As gramáticas de texto procuram inscrever os textos em tipologias, sabendo à partida as inúmeras dificuldades com que se

deparam. Esta obra, de carácter introdutório, passa do estudo da linguística textual para a análise dos géneros de discurso, tomando como exemplos *fait divers* jornalísticos, o discurso político, um poema em prosa de Blaise Cendrars e uma novela de Jorge Luís Borges.

Adam, J. M. (2005). *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin. O autor apresenta uma definição de texto, tendo em conta a noção de unidade frástica. A partir daí, perspectiva o texto como resultante de um acto de enunciação. Debruça-se sobre as propriedades do enunciado e da enunciação, tendo como ponto de chegada o esquema textual e argumentativo dos discursos de Pétain e do General de Gaulle.

Albaladejo, T. (1989). *Retórica*. Madrid: Editorial Síntesis. Este é um estudo de retórica clássica, de onde se extraem os elementos de análise do discurso argumentativo e do texto literário, bem como da estrutura geral do texto.

Amossy, R. (2006). *L'argumentation dans le discours* (2.<sup>a</sup> edição). Paris: Armand Colin. «Argumentar é tentar agir sobre a sua audiência, orientar as suas formas de ver e de pensar. Como é que a palavra se dota de poder para influenciar o seu público? Através de que meios verbais, de que estratégias assegura a sua força? Esta arte da retórica intervém no discurso político, na literatura das ideias, mas também no conjunto das práticas sociais. A questão da eficácia da palavra está no âmago das reflexões humanas desde a Antiguidade e foi recentemente reposicionada em lugar de honra no ensino secundário e superior. Nesta obra, que se tornou um clássico, o autor propõe uma síntese do assunto e das várias questões com ele relacionadas, apresentando exemplos ligados à problemática das democracias contemporâneas.»

Barros, C. & Fonseca, J. (orgs.) (1998). *A Organização e o Funcionamento dos Discursos – Estudos sobre o Português*, Tomo I. Porto: Porto Editora. «Neste volume, estão reunidos estudos sobre a estruturação (microestrutural, sequencial e macroestrutural) e o funcionamento dos discursos - quer da sincronia actual quer de sincronias anteriores do português -, com destaque para as estratégias e os movimentos argumentativos e os marcadores (alguns deles vistos também na sua deriva semântica e pragmática), os jogos dialógicos e (outras) dimensões interlocutivas que os percorrem.»

Beaugrande, R. & Dressler, W. (1981). *Introduction to text linguistics*. London – New-York: Longman. Obra de análise do discurso.

Beristáin, H. (1998). *Diccionario de retórica y poética* (8.<sup>a</sup> edição). México: Editorial Porrúa. Este instrumento de trabalho de fundo didáctico contém os termos mais usuais da retórica tradicional, provenientes de diversas línguas. Traz também à colação a descrição de muitos conceitos pertencentes à Linguística, à Semântica e à Teoria da Comunicação.

Bernárdez, E. (ed.) (1987). *Lingüística del texto*. Madrid: Arco/Libros. Obra fundamental para a compreensão da história, dos fundamentos e dos conceitos centrais na investigação sobre o texto que, a partir dos anos 50 e 60, começou a ser reconhecida como Linguística do Texto. Este livro de Enrique Bernárdez procura sintetizar as reflexões mais relevantes no panorama dos estudos linguísticos sobre o texto, dando deste campo teórico uma visão panorâmica e global. Além disso, apresenta ainda uma exemplificação de análise de um texto a partir de alguns aspectos do modelo teórico de Isenberg.

Besse, H. & Porquier, R. (1991). *Grammaire et Didactique des Langues*. Paris: Hatier/Didier. Faz a articulação metodológica entre as teorias e as práticas gramaticais em aulas de língua. A primeira parte trata da epistemologia do saber gramatical; a segunda centra-se nas práticas gramaticais em aula e nos manuais de língua; a terceira sobre aprendizagem da gramática e gramáticas de aprendizagem.

Calsamiglia, H. & Tusón, A. (1999). *Las Cosas del Decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel. Define discurso como forma de acção entre indivíduos, articulado a partir do uso linguístico contextualizado, oral ou escrito. Caracteriza o discurso oral e o discurso escrito.

Carter-Thomas, S. (2000). *La cohérence textuelle*. Paris: L'Harmattan. «Como definir a coerência textual? (...) A maioria dos aspectos relativos à percepção da coerência de um texto está estreitamente dependente da percepção individual

de um leitor, numa situação particular. Estes aspectos são, por assim dizer, invisíveis à superfície do texto. (...) O exame da estrutura tema-rema do texto, da sua organização intra e inter-frásica, permite formular um julgamento qualitativo sobre o nível de organização textual. (...) Esta abordagem permite identificar certas falhas textuais e chegar a uma melhor compreensão do que constitui a coerência textual.»

Castro, R. V. & Sousa, M. L. (coord.) (1998). *Linguística e Educação*. Lisboa: Colibri. «Nos textos deste volume têm expressão não só os estudos que tomam como objecto a educação linguística no quadro dos ensinos básico e secundário, tocando os domínios da leitura, da escrita, da gramática, dos manuais escolares de Português, como também os estudos que significam uma abertura produtiva para outras áreas, sejam elas a educação especial, ao nível da concepção e desenvolvimento de projectos e programas, ou o ensino do Português em contextos especializados – como língua segunda, em situações de reintegração linguística, etc.»

Charaudeau, P. (1992). *Grammaire du sens e de l'expression*. Paris: Hachette. Perspectiva diferente da gramática: partindo das categorias gramaticais tradicionais, propõe uma descrição do sentido destas categorias; apresenta uma síntese dos estudos semânticos, abordando os mecanismos de construção de sentido, as categorias da língua e os modos de organização do discurso.

Charaudeau, P. & Maingueneau (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil. Este dicionário é uma ferramenta de trabalho útil para o estudo do domínio da produção verbal e da análise do discurso.

Correia, M. & Lemos, L. S. P. de (2005). *Inovação lexical em português*. Lisboa: APP, Colibri. «Em *Inovação lexical em português* são apresentados os principais mecanismos disponíveis em português europeu para a renovação do léxico desta língua. Após delimitar os conceitos de léxico e de vocabulário, aborda-se a questão da mudança lexical, caracterizada pela ocorrência de arcaísmos, mas, sobretudo, pela criação de unidades neológicas. Na obra é definido o conceito de neologismo e são fornecidas directrizes metodológicas para o trabalho com neologia (...). »

Córtex Rodríguez, L. & Camacho Adarve, M. M. (2003). *¿Qué es el análisis del discurso?*. Barcelona: Octaedro-EUB. Introdução à análise do discurso, esta obra procura dar resposta ao estudo do fenómeno linguístico, nomeadamente à relação entre a forma e a função na comunicação verbal.

Cortés Rodríguez, L. & Camacho Adarve, M. M. (2005). *Unidades de segmentación y marcadores del discurso*. Madrid: Arco / Libros. Obra que apresenta, em estreita relação, os marcadores de discurso e as unidades de segmentação discursiva à luz de uma teoria do processamento linguístico. Não descurando as operações pragmático-discursivas da comunicação, enquadra-as no estudo mais lato do discurso oral.

Costa, A. & Costa, J. (2001). *O que é um advérbio?*. Lisboa: APP, Colibri. «Em *O que é um advérbio* é feita uma descrição do comportamento morfológico, sintáctico e semântico dos advérbios em português. Procura-se mostrar a heterogeneidade desta classe de palavras e problematizar algumas assunções tradicionais sobre a mobilidade e a opcionalidade dos advérbios e sobre a função sintáctica de complemento circunstancial. São apresentadas propostas de actividades sobre advérbios para os vários ciclos de ensino, construídos numa perspectiva de oficina gramatical.»

Davis, S. (ed.) (1991). *Pragmatics. A reader*, New York – London, Oxford University Press. Esta obra baseia-se no trabalho desenvolvido por filósofos, linguistas e psicólogos, incluindo artigos dos mais importantes especialistas em Pragmática das últimas duas décadas, entre eles H.P. Grice, J. R. Searle, Saul Kripke, David Kaplan, Deirdre Wilson e Dan Sperber.

Delgado-Martins *et alii* (orgs.) (1991). *Documentos do Encontro sobre Novos Programas de Português*. Lisboa: Colibri. Reflexões e propostas sobre o ensino, com alcance e relevância que excedem a mera análise da versão dos programas. Consulta de grande interesse para estagiários, professores e formadores de professores.

Détrie, C., Siblot, P. e Verine, B. (2001). *Termes et concepts pour l'analyse du discours. Une approche praxématique*. Paris: Honoré Champion. Obra que apresenta definições a aplicar à análise do discurso, em estreita

relação com os géneros discursivos e sem perder de vista a estrutura praxica dos falantes. Abarca a Pragmática, a Sociolinguística e a Psicolinguística.

DFEE (2000). *The National Literacy Strategy. Grammar for Writing*. London: Department for Education and Employment. Propostas de actividades para aula de gramática da escrita - 1.º e 2.º ciclos.

Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta. «Pensado para professores dos 1.º e 2.º ciclos de escolaridade (...) convida os formandos a desenvolverem uma nova forma de se relacionarem com a língua portuguesa: como observadores treinados, conscientes da complexidade dos factos linguísticos e armados com instrumentos de análise que lhes permitam compreender as grandes regularidades da língua e os habilitem a identificar os problemas linguísticos evidenciados pelos seus alunos, sem o que não conseguirão propor as “terapêuticas” adequadas à sua resolução.»

Duarte, I. M. (2001). *O Relato de Discurso na Ficção Narrativa – Contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: FCG e FCT. Estudo da problemática geral da reprodução do discurso no discurso de ficção narrativa, a partir do *corpus* de *Os Maias* e com base em utensílios teóricos da linguística. O estudo teve o propósito de tornar o texto literário, com a sua especificidade, num auxiliar de uma melhor compreensão deste fenómeno do funcionamento da língua. Reforçam-se as vantagens da interligação Linguística e Literatura e da inseparabilidade da relação entre as Ciências da Linguagem e a Didáctica do Português. São fornecidas sugestões práticas de tratamento escolar do relato do discurso - nomeadamente sobre os verbos introdutórios - e defende-se que uma visão gramatical escolar com produtividade pedagógica decorre, geralmente, de uma descrição científica adequada.

Duarte, I. M. & Figueiredo, O. (2006). *Actas do Encontro sobre Terminologia Linguística – das teorias às práticas*. Porto: FLUP. Esta obra apresenta como principais linhas de reflexão a Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário, nomeadamente no domínio da sintaxe; aborda a semântica lexical e frásica, a pragmática e a fonética e fonologia, entre outras.

Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Les Éditions de Minuit. Esta obra reúne um conjunto de trabalhos realizados entre 1968 e 1984 sobre os problemas linguísticos da enunciação. A enunciação assume aqui uma concepção polifónica esboçada no discurso, que virá a ser desenvolvida ao longo dos capítulos do livro.

Ducrot, O. & Schaeffer, J-M. (1995). *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Éditions du Seuil. Instrumento de trabalho que pode ser utilizado como dicionário ou como enciclopédia em domínios que vão da linguística aos estudos literários.

Escandell Vidal, M. V. (2006). *Introducción a la pragmática* (2.ª edição). Barcelona: Ariel. Obra dividida em catorze capítulos que dão conta dos conceitos básicos e das principais teorias da pragmática.

Figueiredo, O. & Bizarro, R. (1994). *Da Palavra ao Texto – Gramática da Língua Portuguesa*. Porto: ASA. Gramática pedagógica de língua portuguesa para o 3.º Ciclo.

Figueiredo, O. & Figueiredo, E. (2003). *Dicionário Prático para o Ensino do Português – Da Língua aos Discursos*. Porto: ASA. «Descreve o conjunto das estruturas que caracterizam a Língua Portuguesa; fornece um inventário explicativo das noções seleccionadas; permite a análise e problematização das questões ligadas à língua e às suas manifestações.»

Figueiredo, O. (2004). *Didáctica do Português Língua Materna – Dos Programas de ensino às teorias e das teorias às práticas*, Porto: ASA. «Que leitura promover na escola? Que modelos de aprendizagem da escrita aplicar? Como se pode fazer do oral um objecto de ensino? Quais os princípios para uma pedagogia da gramática? Que dispositivos de avaliação accionar? (...).»

Fonseca, F. I. (1994). *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora. Conjunto de estudos escritos, publicados entre 1977 e 1992, que

documentam aspectos centrais de reflexão sobre o funcionamento da língua, no domínio da semântica e da pragmática, nomeadamente sobre tempos e modos verbais, deixis e anáfora.

Fonseca, F. I. (org.) (1994). *Pedagogia da Escrita. Perspectivas*. Porto: Porto Editora. Conjunto de artigos sobre a pedagogia da escrita baseados nos mais recentes estudos nesta área. São apresentadas perspectivas de abordagem que abrangem a planificação, textualização e avaliação da escrita.

Fonseca, F. I., Figueiredo, O. & Duarte, I. M. (orgs.) (2001). *A Linguística na Formação do Professor de Português*. Porto: CLUP. Actas do colóquio com o mesmo nome, realizado em 2000, com o objectivo de «articular a investigação no âmbito da Linguística e a investigação-acção no âmbito da Didáctica da Língua (...)»

Fonseca, J. (1989). «Ensino da língua materna como pedagogia dos discursos» in *Revista Diacrítica*, n.º 34, separata. Neste artigo, a aula de Português é encarada como espaço de ensino e aprendizagem do texto/discurso no âmbito do qual o conhecimento explícito da língua, da sua gramática e funcionamento (nas componentes fonológica, sintáctica e semântica), ganha uma dimensão interpessoal e comunicativa. De acordo com Joaquim Fonseca, a especificidade da aula de Português reside em dois aspectos fulcrais: «a produção e a análise de discursos, um trabalho continuado e criativo com os discursos e sobre os discursos», sendo certo que neste trabalho está integrada a reflexão sobre a frase, uma vez que «é aí que essa reflexão adquire plena legitimidade e plena relevância» (Fonseca 1989: 74). No conjunto dos discursos a que se abre a aula de Português, integra-se, de acordo com o autor, em lugar de pleno direito o discurso literário, questionando mesmo «Não é o discurso literário o lugar privilegiado da revelação das potencialidades da língua?» (Fonseca 1989: 75).

Freitas, M. J. e Santos, A. L. (2001). *Contar (histórias de) sílabas*. Lisboa: APP, Colibri. «Em *Contar (histórias de) sílabas*, é feita uma descrição do funcionamento da sílaba e dos seus constituintes em português, demonstrando-se que a organização dos sons dentro desta unidade segue padrões de vizinhança segmental recorrentes nas várias línguas do mundo. Paralelamente, são listados argumentos de natureza empírica fornecidos por diferentes áreas de investigação a favor da realidade psicológica da sílaba e dos seus constituintes. Por fim, são apresentadas propostas de actividades sobre sílabas para os vários ciclos de ensino, construídos numa perspectiva de oficina gramatical.»

Gary-Prieur, M. N. (1999). *Les termes clés de la linguistique*. Paris: Seuil. Para uma iniciação à linguística, apresenta cerca de uma centena de termos que são definidos, situados no seu domínio (morfologia, semântica, ...) e acompanhados de exemplos, de referências bibliográficas e de remissões.

Germain, C. & Séguin, H. (1998). *Le Point sur la Grammaire*. Paris: Clé international. Faz o ponto da situação sobre os mais recentes conhecimentos e pesquisas relativos aos três grandes tipos de gramáticas: de aprendizagem, destinadas aos aprendentes; de ensino, destinadas aos professores; de referência, destinadas aos linguistas e didacticistas. Aborda igualmente os problemas ligados ao ensino e aprendizagem da gramática.

Gonçalves, A. & Costa, T. (2002). *(Auxiliar a) Compreender os Verbos Auxiliares*. Lisboa: Colibri, APP «...problematiza-se a caracterização tradicional desta classe de verbos, mostrando-se que a escassez de critérios de natureza sintáctica conduz à constituição de um grupo cujos elementos exibem comportamentos distintos. A fim de evitar tal heterogeneidade, apresenta-se o conjunto de propriedades sintácticas e semânticas que devem caracterizar os verbos auxiliares do português.»

Grabe, W. & Kaplan, R. (1996). *Theory and Practice of Writing*. Londres e Nova Iorque: Longman. A partir de uma abordagem interdisciplinar, apresenta questões essenciais da teoria e da prática da escrita. Oferece uma visão geral acerca da investigação em linguística textual e explora abordagens processuais da escrita, essenciais para a pedagogia da escrita.

Gutiérrez Ordóñez, S. (2002). *De pragmática y semántica*. Madrid: Arco/Libros.

Jeandillou, J. F. (1997). *L'analyse textuelle*. Paris: Armand Colin. «Uma obra que permite apreender a terminologia, as noções, os postulados e os resultados sobre os quais se apoia o estudo actual dos textos».

Lausberg, H. (1972). *Elementos de retórica literária* (2.<sup>a</sup> edição). Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. A obra de Heinrich Lausberg, vinda a público em 1963, constitui um referencial incontornável no estudo da Retórica, difícil de ignorar na investigação das ciências da linguagem e nas ciências da literatura. Organizada com fino sentido didático, oferece-se como manual aos estudiosos da literatura apresentando os processos retóricos e os tropos literários seguidos de inúmeros exemplos que servem o esclarecimento completo dos assuntos. Funciona como instrumento de trabalho que não é possível ignorar por quem trabalha sobre o discurso e com o discurso. Este livro é antecedido por estudos como «breve introdução aos estudos retóricos em Portugal», «visão de conjunto sobre o sistema da retórica». Contém um índice terminológico que permite um manuseamento fácil e eficaz na pesquisa do processo ou da figura de retórica sobre a qual pretendemos informação completa.

Levinson, S. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press. Uma análise dos principais conceitos da pragmática e das relações entre pragmática e outros domínios da linguística.

Leech, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. Londres: Longman. Apresenta um modelo retórico da pragmática: Leech argumenta a favor de uma aproximação entre a linguística e a disciplina tradicional da retórica.

Lopes, O. (1971). *Gramática Simbólica do Português* (um esboço). Lisboa: FCG. Trabalho baseado em experiências didáticas realizadas entre as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, ao nível dos 10-12 anos, e destinado a sugerir perspectivas de articulação destas duas disciplinas, em todo o ensino básico e secundário. É uma proposta, liberta de classificações fixistas, de instrumentos de análise para uma gramática simbólica sobre utilização de diagramas e símbolos, relação entre o cálculo proposicional e o estudo das orações e complementos oracionais delas deriváveis, ligação da teoria dos conjuntos à estrutura da frase nominal e à estrutura dos intervalos cronológicos dos tempos verbais, relação entre famílias de conjuntos e flexão dos nomes e quantificação, estudo das orações relativas à luz de determinadas relações lógicas, aplicação da teoria dos grafos ao estudo semântico dos nomes de parentesco ou dos graus dos adjectivos.

Loureda Lamas, O. (2003). *Introducción a la tipología textual*. Madrid: Arco/Libros. Nesta obra pretende demonstrar-se os limites e o alcance da tipologia textual partindo da teoria coseriana da linguagem: tenta deslindar-se a complexidade do texto, separando-o e organizando-o nos seus vários níveis, a fim de compreender o lugar que o género ocupa na fala.

Martins, M. R. D. *et al.* (1992). *Para a Didáctica do Português*. Lisboa: Ed. Colibri. Remete para o ensino científico da língua materna e apresenta vários estudos: reflexão sobre o desenvolvimento linguístico e cognitivo integrados, papel da língua *input* e seus diferentes ambientes para o processo da aquisição, função da entoação na comunicação linguística quotidiana, o processo de compreensão na leitura e o conhecimento linguístico e, finalmente, reflexão sobre a estrutura e o funcionamento da língua em trabalho laboratorial – oficina de língua.

Mateus, M. H. M., Falé, I. e Freitas, M. J. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta. Obra que confere a mesma atenção à Fonética, à Fonologia e à Morfologia e procura estudar as três áreas em estreita relação, partindo de uma perspectiva integradora para o estudo das estruturas da língua.

Mello, Cristina *et alii* (2003). *Didáctica das Línguas e Literaturas em Portugal: contextos de emergência, condições de existência e modos de desenvolvimento*. Coimbra: Pé de Página Editores. «A presente obra traduz, no plano científico, uma visão de conjunto do I Encontro Nacional da Sociedade Portuguesa de Didáctica das Línguas e Literaturas (SPDLL), realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (...) Foram apresentadas comunicações sobre: Didáctica das Línguas Clássicas; Didáctica do Português L1; Didáctica do Português L2; Didáctica das Línguas Estrangeiras; Didáctica das Literaturas e Didáctica Curricular e Formação de Professores. »

Moeschler, J. & Reboul, A. (1994). *Dictionnaire encyclopédique de pragmatique*. Paris: Seuil. Dicionário enciclopédico estruturado em dezoito capítulos temáticos com exemplos e glossário dos termos mais importantes.

Mortara Garavelli, B. (1989). *Manuale di retorica*. Milano: Bompiani.

Oliveira, F. & Duarte, I. M. (orgs.) (2004). *Da Língua e do Discurso*. Campo de Letras: Porto. «Os diferentes artigos reunidos neste livro pretendem, de formas diversas, responder à seguinte questão: como é que perante um texto fazemos certas leituras ou interpretações, tendo em conta que nele estão presentes muitas pistas ou instruções. Assim, os trabalhos aqui apresentados, utilizando abordagens diversificadas no âmbito da Linguística, incidem quer sobre aspectos mais específicos do estudo da língua, quer sobre o estudo do discurso.»

Pereira, L. A. (2004). *Escrever em Português: didácticas e práticas*. Porto: Asa. «Tentar perceber as diferentes lógicas em que se posicionam alguns docentes, tentando, ao mesmo tempo, uma problematização dos próprios parâmetros definitórios de uma Didáctica da Escrita e contribuindo, assim, quer para um melhor conhecimento do terreno da(s) prática(s) quer para uma melhor compreensão do campo da(s) didáctica(s) do domínio estrutural, eis o objectivo deste livro.»

Perera, K. (1984). *Children's Writing and Reading. Analysing Classroom Language*. Londres: Blackwell. 1994. Obra sobre o desenvolvimento da expressão nas crianças. Progressão no uso das estruturas e dos conceitos gramaticais; diferenças entre discurso oral e escrito. Ilustrado com produções dos alunos.

Peres, J. A. e T. Mória, (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Ed. Caminho: Lisboa. «Obra descritiva e explicativa das regularidades e dos fenómenos linguísticos, numa perspectiva de levar a comunidade a tender para a fixação de uma ou outra norma. Com base em material jornalístico escrito, são identificadas e estudadas seis áreas críticas no uso da Língua Portuguesa: estruturas argumentais; construções passivas; construções de elevação; orações relativas; construções de coordenação; concordâncias».

Portolés, J. (2004). *Pragmática para hispanistas*. Madrid: Editorial Síntesis. «Apresenta os conceitos e as teorias mais actuais propostas para esclarecer o uso da língua. Proporciona uma fundamentação teórica apoiada sobre uma abundante exemplificação (...). Contém um índice analítico detalhado.»

Rastier, F. (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: P.U.F. Obra que apresenta um contributo para «uma semiótica das culturas».

Récanati, F. (2006). *El significado literal*. Madrid: A. Machado Libros. O que é pragmático e o que é semântico? Recuperando o debate em torno desta questão, a obra de Récanati apresenta-se como uma defesa da posição segundo a qual “o que se diz” é um aspecto “daquilo que o falante quer dizer”, recusando a oposição entre as condições de verdade literal e o significado atribuído pelo falante.

Rio-Torto, G. M. (1988). *Morfologia Derivacional; Teoria e Aplicação ao Português*. Porto: Porto Editora. «São nove artigos congregados em torno de um comum interesse pela morfologia das línguas naturais. Neles são abordadas algumas questões mais prementes com que a teoria e a prática morfológicas actualmente se debatem, tais como o lugar da morfologia e da formação de palavras na gramática, princípios e métodos de análise morfolexical, identidade dos processos e dos paradigmas genolexicais.»

Rost, M. (1990). *Listening in Language Learning*. Londres: Longman. Aproximação da linguística aplicada ao ensino da língua, na perspectiva da aprendizagem da segunda língua. Desenvolvimento e avaliação de competências de compreensão oral.

Sarfati, G. E. (1997). *Éléments d'analyse du discours*. Paris: Nathan. «Esta obra define a noção de discurso em oposição às noções de língua, palavra e texto (...). A problemática da análise do discurso é colocada em perspectiva relativamente às questões epistemológicas e filosóficas que atravessam a evolução da disciplina desde a sua origem».

Searle, J. (1969). *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press. Sendo um dos mais importantes contributos para a filosofia da linguagem das últimas décadas, a obra apresenta, a partir das teorias de Austin, Grice, Rawls e do próprio Searle, uma teoria sistematizada dos actos de fala, partindo da hipótese de que “falar uma língua é participar numa forma de comportamento governada por regras”.



Searle, J. (1979). *Expression and meaning*. Cambridge: Cambridge University Press. Na sequência de *Speech Acts*, esta obra procura desenvolver e aperfeiçoar o trabalho anterior de Searle, assim como estender a sua aplicação a outros domínios do discurso. Searle apresenta ainda uma taxonomia de tipos de actos ilocutórios, explorando a relação entre o significado das frases e os contextos da sua enunciação.

Vanderveken, D. (1988). *Les actes de discours*. Liège – Bruxelles: Mardaga. Esta obra aborda as relações existentes entre os actos do discurso e a comunicação do pensamento na estrutura lógica da linguagem, bem como a sua relação com outras disciplinas. Apresenta ainda capítulos dedicados à semântica geral e à análise dos verbos performativos.

Verschueren, J. (2002). *Para entender la pragmática*. Madrid: Gredos. «O livro parte das propriedades da linguagem que tornam possível que a utilizemos para comunicar e da relação entre essas propriedades e o contexto, tendo em conta as condições sociais e culturais do uso da linguagem. (...) É, ao mesmo tempo, um manual de pragmática e uma crítica à pragmática.»

Vilela, M. (1992). *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina. Conteúdos: Constituição, dependência e valência · Valência · Valência e Verbo · Esquema geral da valência · Estruturas do predicado · Valência e texto/contexto · Valência semântica · Observações Gerais · Características semântico-categotiais · Características semântico-relacionais · Valência do substantivo · Valência do adjectivo.

Vilela, M. (1995). *Léxico e Gramática*. Coimbra: Livraria Almedina. Está subdividido em quatro áreas e apresenta como elemento fulcral de análise o léxico; este é a base para a descrição da língua portuguesa e o suporte para a discussão de questões como as referentes à relação língua/cultura ou ao ensino da gramática.

Xavier, M. F. & Mira Mateus, M. H. (orgs.) (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos* (vols. I e II), Lisboa: Ed. Cosmos. «O estudo da Linguística tem uma longa tradição em Portugal. A atenção dos linguistas portugueses nunca se voltou, contudo, para a elaboração de um dicionário que permitisse um acesso rápido e eficiente à informação diversificada neste domínio. A falta desse instrumento de trabalho, fez surgir, por iniciativa da Direcção da Associação Portuguesa de Linguística, um projecto de elaboração de um Glossário de Termos Linguísticos. As primeiras listagens, apresentadas em 1986, incluíam os termos utilizados pelos linguistas portugueses nas várias áreas de especialização, acompanhados na sua quase totalidade por equivalentes de outras línguas. Tendo em vista uma nova edição, o Dicionário de Termos Linguísticos está agora disponível para consulta em linha, em formato .pdf. Para um acesso mais rápido e simples, dividiu-se o dicionário em 23 documentos, cada um correspondendo a uma letra.»

### 6.3. Sítios na Internet:

<http://dited.bn.pt> (Depósito de Dissertações e Teses Digitais)

<http://pesquisa.bn.pt> (Pesquisa bibliográfica da Biblioteca Nacional)

<http://www.ait.pt> (Associação de Informação Terminológica)

<http://www.apl.org.pt> (Associação Portuguesa de Linguística)

<http://www.ciberduvidas.sapo.pt> (Resposta a dúvidas de língua portuguesa, em linha)

<http://www.dgidc.min-edu.pt/didatic2000/> (Recursos educativos em linha)

<http://www.fcsh.unl.pt/termip/> (Associação Portuguesa de Terminologia)

<http://www.iltec.pt> (Instituto de Linguística Teórica e Computacional)

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/linguistica.html> (Instituto Camões)

<http://www.linguateca.pt/assoc.html> (Ligações para páginas de língua e de linguística)

<http://www.oces.mctes.pt> (Observatório da Ciência e do Ensino Superior)

<http://www.porbase.org> (Catálogo Colectivo em Linha das Bibliotecas Portuguesas com mais de 1.300.000 registos bibliográficos)

<http://www.priberam.pt/dlpo/gramatica/gram21.htm> (Dicionários e gramática de língua portuguesa, em linha)

---